



UFOP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Carolina Silva Horta Machado

TRAVESSIAS CLANDESTINAS:

**migração e imaginários sociais nas trajetórias de brasileiros
rumo aos Estados Unidos (2001-2009)**

Mariana – MG

2022

Carolina Silva Horta Machado

**TRAVESSIAS CLANDESTINAS:
migração e imaginários sociais nas trajetórias de brasileiros rumo aos Estados Unidos
(2001-2009)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Poder e Linguagem

Linha de pesquisa: Poder, Linguagens e Instituições

Orientador: Dr. Jefferson José Queler

Mariana – MG

2022

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M149t Machado, Carolina Silva Horta.
Travessias clandestinas [manuscrito]: migrações e imaginários sociais nas trajetórias de brasileiros rumo aos Estados Unidos (2001-2009). / Carolina Silva Horta Machado. - 2022.
111 f.: il.: color., tab., mapa.

Orientador: Prof. Dr. Jefferson José Queler.
Dissertação (Mestrado Acadêmico). Universidade Federal de Ouro Preto. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: História.

1. Imaginário social. 2. Travessia clandestina. 3. História oral. 4. Migração. 5. Imigração - Estados Unidos. I. Queler, Jefferson José. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 94(73)

Bibliotecário(a) Responsável: Iury de Souza Batista - CRB6/3841



FOLHA DE APROVAÇÃO

Carolina Horta Machado

Travessias clandestinas: migrações e imaginários sociais nas trajetórias de brasileiros rumo aos Estados Unidos (2001-2009)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de mestre em História

Aprovada em 02 de setembro de 2022

Membros da banca

Prof. Dr. Jefferson José Queler - Orientador Universidade Federal de Ouro Preto
Profa. Dra. Miriam Hermeto de Sá Motta - Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Dr. Arnaldo José Zangelmi - Universidade Federal de Ouro Preto

[

Prof. Dr. Jefferson José Queler, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito no Repositório Institucional da UFOP em 05/10/2022



Documento assinado eletronicamente por **Jefferson Jose Queler, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 05/10/2022, às 17:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0408522** e o código CRC **65851CF0**.

**Para Gabrielle,
por me permitir ser eu
e por todos os *podcasts*.**

AGRADECIMENTOS

O processo da pós-graduação sempre é muito desafiador, e comigo não seria diferente. Duas mudanças, uma pandemia e um concurso depois, cá estamos. Trabalho árduo concluído, mas não sem a ajuda, generosidade e apoio de vários que tento aqui lembrar e agradecer.

Ao pensar no começo dessa pesquisa, o primeiro nome que me vem à mente é Gabriel Amato, que me apresentou à História Oral e abraçou meu interesse pelos relatos de emigrantes retornados. Obrigada pelas conversas e por me indicar caminhos.

Em especial, quero agradecer também a parceria e amizade construída ao longo do tempo com a professora Miriam Hermeto, que me ajudou a crescer e alçar voos mais altos. Obrigada por ter sempre uma escuta sensível e acolhedora e por sempre acreditar no meu potencial, não me deixando desistir.

Não é possível falar de História Oral sem falar do Núcleo de História Oral da UFMG. Esse lugar foi minha casa durante um bom tempo e foi lá que eu me tornei pesquisadora. Pude aprender com pessoas maravilhosas, que tornavam o dia a dia mais doce. Obrigada a todos que compõem o grupo, em especial Carol Dellamore, Débora Raiza, Gabriela Fisher, Marina, Nelyane e Paula Elisa.

Agradeço imensamente as duas instituições que me abrigaram ao longo da minha trajetória acadêmica até aqui, Universidade Federal de Minas Gerais e Universidade Federal de Ouro Preto. Mas instituições são feitas por pessoas e, da UFMG, quero agradecer a todos os professores e funcionários da graduação do curso de História, em especial ao Marinho, da secretaria, que resolve todo e qualquer problema, e a meu queridíssimo prof. Luiz Arnaut, que esteve presente em minha defesa da monografia e trouxe inúmeras contribuições para a continuação dessa pesquisa, obrigado pelo carinho e atenção sempre!

Foi um privilégio estudar na Fafich! É de lá que eu trago com especial carinho minhas “meninas da história”, que fazem parte do meu dia a dia, dos desabafos sobre os rumos tenebrosos do nosso país, mas também da partilha das alegrias e conquistas. Alessandra, Ana Clara, Eliane, Gabrielle – a quem dedico essa dissertação, obrigada por pegar na minha mão e caminhar comigo. Isadora – obrigada por partilhar de todas as angústias e ter sempre uma escuta tão sensível e aberta, Jacque, Larissa – obrigada por salvar o meu inglês, e Ulli. Vocês são mulheres fantásticas e inspiradoras, eu jamais chegaria até aqui sem vocês.

Da UFOP, gostaria de agradecer a todos os professores e funcionários da pós-graduação em História, em especial ao professor dr. Arnaldo Zangelmi pela participação na qualificação e, agora, na banca, sua leitura atenta fez esse texto crescer. Também agradeço de modo especial ao professor dr. Jefferson Queller, por ter me orientado e acompanhado nessa trajetória. Muito obrigada por sempre compreender e respeitar meu tempo.

Do ICHS pra vida, eu agradeço ao Maycon pelas contribuições e parcerias acadêmicas. Obrigada por sempre me ouvir e acolher. “No final, as coisas dão certo, as coisas encontram um lugar. A água caminha sempre pro mar.”

Para além da História, eu gostaria de agradecer a minha família, que mesmo sem entender muito bem o que eu estava fazendo, esteve lá, me apoiando todos os dias, um grande obrigado! Mãe, obrigada por tanto. Minha companheira de viagens e de eventos acadêmicos, sem você nada seria possível! Pai, obrigada pelas conversas noturnas de todos os dias e por apoiar meus sonhos. Minhas tias Ludmila, Roberta, Rosana, Tia Ângela, Tia Nem, Tia P, obrigada por me sempre serem exemplo de mulheres fortes e independentes. Aos tios Jean e Roberto, obrigada pelo carinho. E a minhas avós, Vó Tê e Zélia, eu amo vocês! Meus avôs, Carlos e Thomaz (*in memoriam*), sei que mesmo sem estar aqui estão orgulhosos de mim.

Quero agradecer de modo especial ao meu companheiro de vida, Tarcísio Sena, por embarcar em todos os meus sonhos malucos e me abraçar – obrigada por todas as caronas e mudanças! Ter você sempre ao meu lado, torcendo pelo meu sucesso, tornou tudo mais fácil. Eu amo você!

Minha amiga de todas as horas e minha xará, Carolina Schmidt, obrigada por se fazer presente TODOS os dias! A sua companhia, mesmo que *online*, tornou meus dias em Mariana mais felizes, obrigada por nunca me deixar desistir e por sempre acolher minhas angústias.

À Jade Rezende, por sempre topa todos os planos e aventuras. À Livia Klara, por sempre estar presente quando eu preciso. À Luana, pela generosidade de emprestar livros e ouvidos. Ao Diego Rodrigues, obrigada por sempre torcer por mim e por todas as nossas conversas, desde a monografia, me permitindo escrever sobre sua família, editando meus vídeos, até hoje, me acolhendo em todos os momentos. Eu amo vocês, amigos!

Agradeço também a meus entrevistados, Breno, José, Pedro, Renant e Saulo, obrigada pela confiança em partilhar memórias.

Por fim, gostaria de agradecer à CAPES, ao CNPq e à FAPEMIG por apoiarem a pesquisa no Brasil, tornando não só esse projeto como inúmeros outros possíveis.

“O homem tem direito de amar como ele quiser,
de beber o que ele quiser,
de viver aonde ele quiser.
De mover-se pela face do planeta livremente [...]”

Raul Seixas – A Lei

“A fronteira, essa barreira, foi criada pelo domínio dos homens. Ali delimitaram um espaço, aqui é América, aqui é México. Mas quando Deus fez o mundo, não tinha isso, não existia, aqui é Estados Unidos, aqui é México. Eles é que puseram essa separação que até em Laredo, Texas é Estados Unidos, do outro lado do rio é Nuevo Laredo, México.”

Trecho de entrevista concedida por S. R. em 2016

RESUMO

Essa pesquisa se dedica a explorar os imaginários sociais da travessia clandestina de brasileiros rumo aos Estados Unidos da América, entre os anos de 2001 e 2009, por meio da análise de discursos de diferentes naturezas – informacional (em periódicos de grande circulação), legal (no Relatório final da CPMI da Emigração e notícias do Portal do Senado e da Agência Câmara), e narrativa (em entrevistas de história oral). Pretende-se aqui identificar as relações de proximidade e distanciamento nas representações fornecidas pelas diferentes fontes, percebendo as relações entre Estado, Mercado e Sociedade Civil.

Palavras-chave: Travessia clandestina. Imaginário social. História oral. Migração.

ABSTRACT

This thesis aims to explore the social imaginaries of the clandestine crossing of Brazilians to the United States of America between 2001 and 2009, through the analysis of sources of different natures - informational (in widely circulated newspapers and magazines), legal (in the Final report from the CPMI of Migration and news from *Portal do Senado* and *Agência Câmara*) and narrative (in oral history interviews). The main purpose here is to identify the connections of proximity and distance in the representations provided by the different sources, perceiving the relationship between State, Market and Civil Society.

Keywords: Clandestine crossing. Social imaginary. Oral history. Migration.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: publicação na página do Consulado Geral do Brasil no México	34
Imagem 2: mapa de Minas Gerais com a região do Vale do Rio Doce em destaque	46
Imagem 3: fotografia do momento em que a personagem Sol é apreendida pela polícia migratória	75
Tabela 1: termos relacionados à indústria da migração legal – ocorrências por jornal/revista	55

SUMÁRIO

Introdução	10
Capítulo 1: Travessias Clandestinas - Moldura Temporal	22
1.1 Estados Unidos e guerra ao terrorismo	22
1.1.1 Projeto Sensenbrenner e Texas Hold'em	24
1.1.2 Os Minutemen	25
1.1.3 Relações Brasil-México	29
1.2 CPMI da Emigração	35
1.2.1 Novela América	39
1.3 Política Econômica: o governo Lula	42
1.4 Cultura da Migração e a Mercado da Migração Ilegal	44
1.4.1 Minas Gerais e a Cultura da Migração	45
1.4.2 A cultura migratória na região do Vale do Rio Doce	47
1.4.3 Indústria da Migração	49
1.4.4 A Indústria da Migração Ilegal em Minas Gerais	51
Capítulo 2: Travessias Clandestinas – Imaginários Sociais	54
2.1 Indústria da Migração Ilegal – O Coiote	54
2.2 Projeto de Lei do Senado nº15, de 2006	59
2.3 Relatos de viagem – Quem é o coiote?	60
2.4 Quem é o coiote, afinal?	69
2.5 Vulnerabilidades e Riscos	70
Capítulo 3: Travessias Clandestinas – Memórias de emigrantes retornados	82
3.1 O momento certo de fazer a travessia: a viagem dos irmãos	83
3.2 A história que daria um livro: o relato de Pedro	86
3.3 Temor a Deus e Providência Divina: a mensagem espiritual na narrativa de Saulo	89
3.4 História oral em tempos pandêmicos – entrevista à distância	96
Considerações finais	99
Referências	102
ANEXO A – PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 15, DE 2006	109

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como objetivo principal identificar e analisar os diferentes processos em disputa, diálogo e transformação através dos quais e pelos quais¹ foram instituídos diferentes imaginários sociais acerca do que são as travessias clandestinas² das fronteiras mexicanas, empreendidas por brasileiros rumo aos Estados Unidos entre 2001-2009. O Brasil é historicamente considerado um país formado até final do século XX em larga medida por imigrantes. Após esse período, a balança migratória começa a se inverter e cada vez mais brasileiros passam a deixar o país em busca de melhores condições socioeconômicas. Esse processo culmina na década de 1980, que é quando o Brasil atravessa uma intensa recessão econômica³. Dentro desse cenário, a região do Vale do Rio Doce, localizada no leste do estado de Minas Gerais, destaca-se enquanto uma região representativa e pioneira na emigração para os Estados Unidos da América⁴.

Culturalmente constituído como um lugar de prosperidade, “fazer a América” se tornou o sonho de muitos brasileiros, principalmente dessa região, que, desde a II Guerra Mundial, mantêm uma relação de proximidade com os norte-americanos⁵. A região é rica em minerais e atraiu diversas firmas estadunidenses para a exploração do território, principalmente para a indústria bélica no período de guerra. Assim, firmaram-se vínculos sociais, econômicos e culturais entre os mineiros e os norte-americanos, norteando historicamente os Estados Unidos como opção migratória⁶.

Essa pesquisa tem como recorte temporal o governo de George W. Bush (2001-2009) e sua política imigratória de “guerra ao terror”, desencadeada após os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001. Durante seu governo, para além das duas guerras (Afeganistão e Iraque), desenvolve-se uma nova doutrina na qual os Estados Unidos assumem um novo papel no

¹ Movimento de transformação mútua, os processos instituem imaginários sociais e são instituídos por esses imaginários.

² O plural é aqui empregado, tendo em vista que as experiências são únicas e múltiplas.

³ MAGALHÃES, V. B. Imigração brasileira para o sul da Flórida. *Projeto História*. São Paulo, v. 27, p. 283-294, dez. 2003;

MARGOLIS, M. L. *Goodbye Brazil: emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Contexto, 2013.

⁴ SOARES, W. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. 2002. Tese (Doutorado em Demografia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002

SOUSA, L. G. *Redes Sociais, Mercado e Cultura Migratória: um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na microrregião de Governador Valadares no século XXI*. 2016. Tese (Doutorado em Demografia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

⁵ *Ibidem*.

⁶ SOARES, 2002.

mundo, pautado pela ênfase na segurança e pelo engajamento militar⁷. Nesse sentido, as políticas anti-imigratórias são reforçadas, criando cada vez mais empecilhos à entrada legal de estrangeiros⁸. Visando burlar esses empecilhos e possibilitar a continuidade dos fluxos migratórios culturalmente estabelecidos entre os moradores da região do Vale do Rio Doce e os Estados Unidos, é intensificado nesse período o que ficou conhecido como *mercado da migração ilegal*⁹. Assim, os indivíduos passaram a explorar em maior intensidade outras opções¹⁰ na busca de realizar o sonho de chegar aos EUA, entre elas, atravessar clandestinamente a fronteira com o México.

Este trabalho busca também explorar as relações de proximidade e distanciamento nas diferentes representações acerca da travessia clandestina. Essas representações se constituem em veículos midiáticos (periódicos de grande circulação), linguagens legais (discursos políticos e a CPMI), e narrativas de memória de emigrantes retornados por meio de entrevistas de história oral.

Cruz e Peixoto destacam que os jornais e revistas “agem como força ativa na constituição dos processos de hegemonia social,”¹¹ atuando, entre outras coisas, “na articulação, divulgação e disseminação de projetos, ideias, valores, comportamentos etc., na produção de referências homogêneas e cristalizadas para a memória social, e na formação de nossa visão imediata de realidade e de mundo.”¹² Além disso, os meios de comunicação são compreendidos não apenas como veículos de informação, mas também como atores políticos, sendo a imprensa um espaço privilegiado de assimilação e articulação de interesses e projetos de diferentes forças sociais¹³. Dessa forma, a imprensa, entendida como uma linguagem constitutiva do social, torna-se uma fonte privilegiada de constituição e difusão do imaginário social sobre a travessia clandestina.

⁷ FINGUERUT, A. Correntes de pensamento na formulação política externa estadunidense após o fim da Guerra Fria: a equipe de governo de Barack H. Obama em perspectiva comparada. In: AYERBE, L. F. (org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-33.

⁸ MAGALHÃES, 2003; MARGOLIS, 2013; SOUSA, 2016.

⁹ FAZITO, D.; SOARES, W. The Industry of Illegal Migration: social network analysis of the Brazil-US migration system. *International Migration*, v. 53, n. 6, p. 183-204, 2015; SOUZA, 2016.

¹⁰ A ilegalidade pode se dar de três formas distintas: quando o emigrante vai para os Estados Unidos e permanece após o vencimento do visto de turista; quando o emigrante se vale de documentação falsa para conseguir o visto; ou quando o emigrante opta pela travessia ilegal, atravessando a fronteira dos países vizinhos (SOUSA, 2016; FAZITO; SOARES, 2014).

¹¹ CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, v. 35, p. 259, ago./dez. 2007.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

Para tanto, foi realizado um levantamento de reportagens jornalísticas sobre a temática nos acervos *online* dos jornais *O Estado de São Paulo*, *A Folha de São Paulo* e *O Globo*, que estão no *ranking* dos quatro maiores jornais do Brasil de circulação paga, segundo a Associação Nacional de Jornais. Também foi realizada pesquisa no acervo virtual da revista mensal *Veja*, considerada a revista de maior circulação no Brasil, com uma tiragem superior a 1 milhão de cópias¹⁴. Até o momento de desenvolvimento deste trabalho, a pesquisa no acervo do jornal *Estado de Minas* estava impossibilitada devido a um problema no servidor do próprio jornal, impedindo o acesso às publicações feitas entre os anos 2000 e 2018¹⁵.

Durante o ano de 2004, houve um aumento vertiginoso no número de brasileiros detidos nos Estados Unidos tentando entrar no país sem os documentos exigidos. De um total de 5.008 casos registrados em todo o ano de 2003, até o final de junho de 2004, já se somavam 4.401 brasileiros detidos pela patrulha da fronteira.¹⁶ Assim, em 2005, é instaurada uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito sobre a Migração¹⁷ com o objetivo de inibir a travessia indiscriminada de brasileiros pelo México¹⁸ e investigar as redes migratórias,¹⁹ principalmente a atuação dos agenciadores. Nesse sentido, o texto final da CPMI apresenta uma extensa pesquisa sobre o assunto, com propostas de leis visando a punição mais severa daqueles que cometessem crimes no suporte da emigração ilegal. Além da análise do texto final da CPMI, foi feito um levantamento das notícias publicadas no site da Câmara dos Deputados, bem como no portal do Senado Federal. Tendo em vista que tais linguagens legais também são compostas e compõem imaginários sociais sobre as travessias clandestinas e seus diferentes atores, essas fontes nos auxiliam a compreender a visão do Estado acerca desse tema e como ele é representado.

O processo migratório é compreendido aqui enquanto um deslocamento/movimento não apenas geográfico e linear (do país de origem para outro), mas múltiplo, movendo-se em diferentes sentidos (sociais, culturais, econômicos etc.)²⁰. Assim, enquanto um processo social, a migração se dá por meio de uma rede socialmente orientada a partir da interação entre migrantes e não-migrantes e os locais de origem e destino²¹. De tal forma que a análise da

¹⁴ Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja>. Acesso em: 09 jul. 2020.

¹⁵ Durante consulta à Hemeroteca da Biblioteca Pública de Minas Gerais, foi informado que as publicações do jornal *Estado de Minas*, a partir dos anos 2000, estavam disponíveis apenas online, não possuindo arquivos físicos.

¹⁶ *A Folha de S. Paulo*, doravante *Folha*, 4 jul. 2004.

¹⁷ A CPMI foi criada por meio do Requerimento nº 2, de 2005, e teve seu relatório final liberado em 2006.

¹⁸ *Agência Câmara de Notícias*, 5 mai. 2005.

¹⁹ *Agência Câmara de Notícias*, 1 abr. 2005.

²⁰ OSMAN, S. A. Imigração e o Tema Movedor. *Oralidades*, São Paulo, v. 1, p. 33-40, mai. 2007.

²¹ SOARES, 2002; SOUSA, 2016.

experiência individual e da subjetividade dos sujeitos envolvidos no processo se torna essencial para investigar aspectos sociais, históricos, políticos e, principalmente, subjetivos dessa experiência, que é por vezes conflituosa e/ou dolorosa²². Para tanto, a pesquisa empreendida se vale da metodologia da história oral, que possibilita ampliar a compreensão do processo migratório, já que “as narrativas dos migrantes evocam os ‘imaginários culturais’ sobre os futuros locais de destino e explicam como estes imaginários são produzidos, disseminados, recebidos e usados.”²³. Além disso, o testemunho oral permite perceber a complexidade da migração, mostrando como ela repercute não apenas na vida individual do migrante, mas também na vida dos familiares e da comunidade, pois são as redes de sociabilidade que muitas vezes permitem e/ou impulsionam tais eventos, tornando-se um aspecto crucial da migração²⁴.

Ao refletir sobre a “experiência/sentido”, Larrosa Bondía afirma que elaboramos o que somos e o que nos acontece por meio das palavras, pois elas “produzem sentido, criam realidades e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação.”²⁵ Nomear eventos e acontecimentos, é, portanto, dotá-los de sentidos, significados e ideias. Para além do poder da narrativa enquanto produtora de sentido, a forma como essa narrativa acontece também registra intenções e significados. Assim, Alessandro Portelli²⁶ nos chama a atenção ao compreender na diferença das fontes orais para as fontes escritas a possibilidade do registro da subjetividade das experiências narradas por meio dos silêncios e emoções, pois, segundo ele, muitos significados só conseguem ser apreendidos se ouvidos, como o tom e o ritmo do discurso. Além disso, as “fontes orais contam-nos não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez”²⁷, permitindo, dessa forma, ir além dos eventos e encontrar os significados da história, investigando os imaginários sociais tal como é proposto neste trabalho.

No mesmo sentido, Verena Alberti²⁸ afirma que as fontes orais não nos fornecem apenas mais uma versão do evento o qual se propõe investigar, mas podem ser narrativas que ultrapassam o caso particular e nos oferecem uma chave para a compreensão da realidade. Isso se dá quando a narrativa imobiliza os acontecimentos no tempo em imagens que nos informam

²² OSMAN, 2007.

²³ THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.22, n.44, p. 345, 2002.

²⁴ THOMSON, 2002.

²⁵ LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, v.19, p. 19, jan./abr. 2002.

²⁶ PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

²⁷ PORTELLI, 1997, p. 31.

²⁸ ALBERTI, V. Além das versões: possibilidades da narrativa em história oral. In: _____. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 71-90.

sobre essa realidade, condensando o acontecimento ao sentido da narrativa, de forma que esse sentido só é possível de ser apreendido junto ao evento narrado, tornando a narrativa única passível de ser citada. Assim, as fontes orais podem se tornar narrativas que nos auxiliam a compreender, por meio dos eventos narrados, o sentido dado pelo narrador à migração clandestina.

Dessa forma, a *história oral* foi elencada como metodologia na investigação do objeto proposto. Foram realizadas cinco entrevistas temáticas com o intuito de compreender como se dá a representação da travessia clandestina nas narrativas de memória de emigrantes retornados. Buscamos analisar essas narrativas a partir de uma escuta sensível, explorando os aspectos específicos das fontes orais, tais como a construção da relação entrevistado-entrevistador, os silêncios, pausas e anedotas utilizados como artifícios de rememoração do passado etc.

As entrevistas foram realizadas com emigrantes retornados, sendo quatro deles membros da mesma família, moradores e ex-moradores da cidade de Sardoá-MG, pertencente a região do Vale do Rio Doce. José²⁹ (43 anos) e Breno (47 anos) são irmãos e realizaram a travessia juntos em meados de agosto de 2005. Renant (34 anos), também realizou a travessia em 2005, quando tinha apenas 18 anos. Ele é primo de Pedro (31 anos), que realizou a travessia 2 anos depois, em 2007, acompanhado por outro primo e sua irmã mais velha. Já Saulo (54), o quinto entrevistado, é natural de Vitória-ES e realizou a travessia no início de 2005 com o auxílio de um contato mineiro. Os entrevistados foram escolhidos³⁰ por terem realizado a travessia clandestina no período recortado para a pesquisa e por já terem retornado, facilitando o contato e a realização da entrevista. Além disso, eles fazem parte de minha rede pessoal de sociabilidades, o que possibilitou o diálogo sobre suas experiências enquanto imigrantes indocumentados nos Estados Unidos, um tema muitas vezes sensível, principalmente diante de uma legislação hostil.

Ao escrever “notas sobre a experiência”, Larrosa Bondía³¹ pensa o sujeito da experiência como um pirata, que se lança ao desconhecido disposto a receber o que lhe acontecer. Segundo ele,

²⁹ Os nomes foram alterados visando preservar a identidade dos entrevistados.

³⁰ Inicialmente, a pesquisa se valeria apenas das entrevistas do núcleo familiar sardoense, mas optamos por inserir a entrevista com Saulo, já que ela complementava e acrescentava elementos considerados importantes para o enriquecimento da análise.

³¹ LARROSA BONDÍA, 2002.

o sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante [o pirata] que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A palavra experiência tem o ex de exterior, de estrangeiro³², de exílio, de estranho e também o ex de existência.³³

Assim, o autor aponta que o saber da experiência é o que se aprende no e pelo padecer daquilo que nos acontece. Sendo um saber único e pessoal, que surge a partir dos sentidos próprios que elaboramos para o que nos acontece, afirma que “ainda que duas pessoas enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e impossível de ser repetida.”³⁴ Dessa forma, cada narrativa de história oral é única, pois traz a subjetividade daquele que viveu uma experiência. E tal como piratas, esses emigrantes retornados viveram a experiência, singular e única, de se lançar vulneravelmente ao deserto em busca de seus objetivos.

Nesse processo de acesso às subjetividades e narrativas dos sujeitos, com a história oral, o pesquisador está lidando diretamente com o registro de memórias por meio da linguagem. Michael Pollak³⁵ caracteriza a memória como seletiva, herdada e flutuante, pois escolhemos (consciente ou inconscientemente) o que lembrar e esquecer ao mesmo tempo em que também lembramos fatos que não foram vividos, mas sim contados e rememorados de geração em geração, sendo parte da memória do grupo social ao qual pertencemos. Ademais, a memória pode sofrer alterações ao longo do tempo, sendo mutável em sua construção/reconstrução no presente. Portanto, durante o discurso e provocado pelo entrevistador, o sujeito é instigado a compor³⁶ suas reminiscências, dando sentido a sua vida passada e presente e a sua história pessoal e coletiva.³⁷

Dessa forma, esta pesquisa se insere também na História do Tempo Presente. Mateus Pereira³⁸ aponta que a História do Tempo Presente nos oferece algumas vantagens e possibilidades, se comparada com a escrita de outros tempos históricos, tais como a valorização de uma vigilância ética do historiador, ao trabalhar com o seu contemporâneo, e a abundância

³² O texto foi escrito originalmente em espanhol, assim, seria *extranjero* e *extraño*.

³³ LARROSA BONDÍA, 2002, p. 25.

³⁴ *Ibidem*, p. 27.

³⁵ POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

³⁶ Segundo Thomson (1997), “compor a memória” seria um termo adequado para descrever o processo de “construção” de reminiscências, já que o termo implica em criar e em dar forma ao já existente, a partir do repertório cultural existente (aspecto social) para compor uma identidade individual (aspecto psicológico).

³⁷ THOMSON, A. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 51-84, jul./dez. 1997.

³⁸ PEREIRA, M. H. F. A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo? *Humanidades*, Brasília, v. 58, p. 56-65, jun. 2011.

de fontes que este lhe oferece. Além disso, “discutir (...) os efeitos, no passado e no presente, de determinados traumas de nossa história (...) implica em atentar para a dimensão cívica e social do historiador, (...) na medida em que tal discussão pode contribuir para retirar a ‘dor dos objetos’, assim como pode ser capaz de gerar ação no presente.”³⁹ É nesse sentido que pretendemos ser “contemporâneos de nossos contemporâneos”⁴⁰ e refletir sobre os processos sensíveis advindos da imigração indocumentada, por meio das narrativas da travessia clandestina, que muitas vezes se coloca como um caminho só de ida para os brasileiros.

Para compreender a manutenção dos fluxos migratórios, mobilizaremos o conceito de cultura da migração, que, segundo Sousa, “se estabelece publicamente quando o ato de migrar se torna socialmente legitimado,”⁴¹ sendo a migração percebida como vantajosa ao possibilitar e/ou facilitar o alcance ao sucesso socioeconômico desejado. Conforme este autor, essa cultura se forma nas comunidades socialmente vulneráveis, onde o deslocamento se apresenta, aparentemente, como a única opção viável à sobrevivência cotidiana; por meio dele, o indivíduo alcançaria um ganho social individual e coletivo que vai “além das fronteiras do conhecido, mas limitado mundo de origem.”⁴² A cultura migratória estabelece a migração como um “rito de passagem”, associando a mobilidade populacional ao sucesso individual e coletivo, sendo legitimada no imaginário social como norma.⁴³

É importante salientar que imaginário social é compreendido, neste trabalho, como um aspecto que constitui e articula significados no mundo social⁴⁴. Tal como afirma Castoriadis, os imaginários são construídos a partir de experiências e expectativas dos sujeitos sociais e são indissociáveis do “real”, contendo, igualmente, uma dimensão prática, de “fazer social”.⁴⁵ É por meio dos imaginários que uma coletividade define sua identidade e elabora uma representação de si, definindo os papéis de cada indivíduo, além de estabelecer um código de comportamento baseado em modelos formadores,⁴⁶ construindo critérios culturais que definem as categorias de bom e ruim, por exemplo.

³⁹ PEREIRA, 2011, p. 61.

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ SOUSA, 2016, p. 70.

⁴² Ibidem, p. 71.

⁴³ Ibidem.

⁴⁴ CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ BACZKO, B. A Imaginação Social. In: LEACH et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

Essa dimensão identitária dos imaginários organiza as experiências heterogêneas dos sujeitos, permitindo a criação de grupos sociais localizados no tempo e no espaço.⁴⁷ Esse imaginário social é transmitido por meio da produção de “discursos” e símbolos, nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas em uma linguagem.⁴⁸ Dessa forma, pretendemos analisar os diferentes imaginários sociais em disputa que compõem os ideais sobre a travessia clandestina, e que provavelmente exercem influência sobre os comportamentos individuais e coletivos, além de produzir muitas vezes escolhas que são “imaginadas como as únicas possíveis.”⁴⁹

Salientamos também que, ao buscarmos as representações da travessia clandestina que compõem os diferentes imaginários sociais da migração indocumentada, compreendemos as representações enquanto capazes de criar imagens que constituem o real por meio da linguagem. Para tanto, debruçamos nossos esforços sobre as “representações mentais – atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e reconhecimento, em que os agentes investem seus interesses e pressupostos – e as representações objetais, coisas (emblemas, bandeiras, insígnias etc.) ou atos,”⁵⁰ que constituem, ou pretendem constituir, o que é a travessia clandestina.

Para tanto, sugerimos que as representações da travessia clandestina girem em torno de dois conceitos-chave para a compreensão desse processo, quais sejam: vulnerabilidade e risco. Yolanda Silva Quiroz e Rodolfo Cruz Piñero,⁵¹ ao investigar a imigração ilegal de menores retornados dos EUA, valem-se do conceito de vulnerabilidade para pensar as vivências desses sujeitos, categorizando níveis e tipos de vulnerabilidades e riscos aos quais os menores são expostos. Os autores compreendem a vulnerabilidade “como uma condição social multidimensional e multideterminada. As causas e consequências podem ser de vários tipos, os sujeitos implicados são diversos e seus efeitos ocorrem em diferentes âmbitos, momentos e magnitudes diferenciadas.”⁵²

A vulnerabilidade está diretamente ligada ao conceito de risco, que, segundo Olivia Ruiz Marrujo,⁵³

⁴⁷ CASTORIADIS, 1982.

⁴⁸ BACZKO, 1985.

⁴⁹ Ibidem, p. 312.

⁵⁰ BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

⁵¹ SILVA QUIROZ, Y.; CRUZ PIÑERO, R. Niñez migrante retornada de Estados Unidos por Tijuana. Los riesgos de su movilidad, *Región y sociedad*, Hermosillo (MX), v. 25, n. 58, p. 29-56, set./dez. 2013.

⁵² SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑERO, 2013, p. 33.

⁵³ RUIZ MARRUJO, O. Los riesgos de cruzar. La migración centroamericana en la frontera México-Guatemala. *Frontera norte*, Tijuana (MX), v. 13, n. 25, p. 7-41, jan./jun. 2001.

se define, por um lado, como a exposição, no caminho, a uma coisa ou pessoa que é potencialmente uma ameaça ou um perigo, de tal forma que possa prejudicar, ou causar danos, às vezes irreversíveis, ao projeto de migrar ou à integridade física do migrante, se ele entra em contato com essa coisa ou pessoa.⁵⁴

O eixo da definição se encontra na possibilidade de os migrantes sofrerem algum dano, seja ele físico, psicológico, ou ao projeto de migrar, que culmine no atraso ou anulação da viagem. A autora enfatiza ainda que as ameaças ou perigos são coisas ou pessoas às quais são atribuídas essas características, ou seja, são coisas ou pessoas que passam por filtros culturais e sociais que lhes definem como perigosas.⁵⁵

Para pensar a construção das análises de uma pesquisa, o autor Jacques Revel⁵⁶ afirma que uma das lições da variação de escalas, ao se observar um objeto, é ampliar as possibilidades, passando de uma história para (por que não?) várias outras. Segundo ele,

A escolha de uma escala particular de observação produz efeitos de conhecimento, e pode ser posta a serviço de estratégias de conhecimento. Variar a objetiva (lente) não significa apenas aumentar (ou diminuir) o tamanho do objeto no visor, significa mudar sua forma e sua trama. [...] Mudar as escalas de representação em cartografia não consiste apenas em representar uma realidade constante em tamanho maior ou menor, e sim transformar o conteúdo da representação.⁵⁷

Além disso, Revel⁵⁸ propõe uma história atenta aos indivíduos e na relação entre eles, percebendo que as histórias individuais contêm nelas uma multiplicidade de espaços e tempos, nos quais esses indivíduos se inserem. Assim, seria possível encontrar os conflitos e contradições existentes no todo homogêneo, percebendo as multiplicidades das formas de vida possíveis dentro de um espaço/tempo, sem, no entanto, “referir seus exemplos à totalidade da informação constituída”, mas extraíndo deles os elementos que comporiam um modelo. De tal forma que no “jogo de escalas” proposto pelo autor, ao se analisar um objeto, torna-se possível buscar as regularidades nos comportamentos coletivos de um grupo social particular sem perder de vista o que cada um tem de singular.

⁵⁴ RUIZ MARRUJO, 2001, p. 9.

⁵⁵ *Ibidem*.

⁵⁶ REVEL, J. *Jogos de Escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

⁵⁷ REVEL, 1998, p. 20.

⁵⁸ *Ibidem*.

Nesse sentido, a presente pesquisa se valeu de diferentes escalas de análise para compreender as múltiplas representações das travessias clandestinas. Numa tentativa de ir do macro – pensando as representações políticas federais e internacionais – para o micro – nas entrevistas de um pequeno grupo de emigrantes retornados –, esse trabalho se divide em três capítulos, os quais buscam expor as diferentes dimensões em que as travessias clandestinas foram observadas.

No primeiro capítulo, “Travessias Clandestinas – Moldura Temporal”, o objetivo é justamente traçar uma moldura temporal do período recortado, que se inicia em 2001, com os atentados terroristas de 11 de setembro, e vai até o início de 2009, com o fim do mandato de George W. Bush como presidente dos Estados Unidos. Após os atentados terroristas, ocorre um endurecimento das políticas migratórias, com a adoção de medidas restritivas à liberação de vistos de turista, dificultando a entrada legal de brasileiros no país.⁵⁹ Ao apontar um grande aumento das migrações clandestinas entre 2004 e 2005, os jornais⁶⁰ também identificam o fechamento das fronteiras legais após o 11 de setembro, sendo esse um marco temporal importante para se pensar a travessia clandestina. O ano de 2009 marca o fim do mandato de George W. Bush, com mudanças na política imigratória, além de uma crise econômica nos Estados Unidos levar à redução do número de imigrantes ilegais naquele ano.

Desta forma, no primeiro capítulo, refletimos e problematizamos as políticas migratórias propostas pelo governo de George W. Bush e seus impactos a partir de leitura bibliográfica sobre o assunto⁶¹ e análise das reportagens encontradas⁶². Como exemplo, a política agressiva de guerra ao terrorismo, pressionando países vizinhos que poderiam ser porta de entrada de terroristas a lidarem com a migração ilegal, e que levou o México a encerrar um acordo firmado com o Brasil, passando a exigir visto dos brasileiros e impactando as rotas clandestinas.⁶³ Outro exemplo importante a ser discutido é o projeto *Minuteman*, lançado como uma resposta de parte da sociedade civil norte-americana, e que endossava o discurso de guerra ao terrorismo. O projeto *Minuteman* propunha o fechamento hermético das fronteiras com o México como uma solução simples e drástica para acabar com a entrada maciça de imigrantes ilegais.⁶⁴ Os “patrulheiros da fronteira”, como eles se autodenominavam, deslocavam-se de

⁵⁹ SOUSA, 2016.

⁶⁰ *Folha*, 10 set. 2005, e outros.

⁶¹ AYERBE, L. F. *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

⁶² Foram consultados os acervos *online* dos jornais *O Estado de São Paulo*, *A Folha de São Paulo* e *O Globo*, da revista *Veja*, e do portal de notícias do Senado Federal e da Câmara dos Deputados.

⁶³ *Folha*, 06 mai. 2005.

⁶⁴ *O Estado de São Paulo*, doravante *Estadão*, 17 abr. 2005.

suas cidades e ficavam a postos em locais estratégicos da fronteira, fazendo a vigilância muitas vezes armados.

Em âmbito nacional, refletimos sobre as respostas dadas dentro desse contexto, tais como a realização da CPMI da Emigração no ano de 2005 (a partir da análise do relatório final da CPMI e das reportagens selecionadas). Esta CPMI fez um mapeamento da emigração de brasileiros para o exterior, investigando o tráfico de pessoas e a atuação das redes criminosas compostas por agenciadores e os chamados *coiotes*. O relatório final da CPMI, de 2006, ainda propunha uma série de projetos de leis e emendas, prevendo a criminalização daqueles que atuassem na migração clandestina.

Por fim, refletimos e problematizamos acerca da cultura da migração existente na região do Vale do Rio Doce,⁶⁵ a partir da revisão bibliográfica sobre o assunto⁶⁶ e análise das entrevistas realizadas com emigrantes retornados. Debruçamos ainda sobre alguns aspectos da indústria da migração, buscando perceber como ela se desenvolveu e se intensificou nessa região, transformando-a em um polo migratório.

Já o segundo capítulo, “Travessias Clandestinas – Imaginários Sociais”, debruça-se sobre as diferentes representações das travessias clandestinas das fronteiras México-EUA que instituem e foram instituídas por diferentes imaginários sociais. Para tanto, analisamos alguns elementos chave dessas representações, buscando compreender como eles são apropriados em diferentes discursos – midiáticos, legais e narrativos testemunhais.

Um desses elementos é a figura emblemática do coiote, que personifica a “indústria da migração ilegal”⁶⁷. Segundo Spener,⁶⁸ coiote é o termo mais comumente utilizado e pode se referir, coloquialmente, tanto àquele que faz as negociações iniciais, quanto a quem acompanha o migrante durante a travessia da fronteira ou qualquer outra pessoa que ofereça algum serviço pago com o fim de facilitar a entrada do imigrante indocumentado. Tal terminologia é encontrada com diferentes sentidos, como para identificar um mexicano que extorque emigrantes, assedia mulheres, faz uso de entorpecentes e abandona os emigrantes sem alimento e sem água,⁶⁹ ao mesmo tempo em que é caracterizado nos relatos de emigrantes retornados

⁶⁵ SOUSA, 2016.

⁶⁶ SOARES, 2002; SOUSA, 2016.

⁶⁷ A indústria da migração ilegal é a profissionalização, visando o lucro, dos serviços oferecidos àqueles que desejam emigrar sem possuir os documentos exigidos. As atividades da “indústria da migração ilegal” vão desde os primeiros contatos com o emigrante, até auxiliar na procura de emprego e moradia no país de destino.

⁶⁸ SPENER, D. Mitos y realidades de un arquetipo fronterizo: narrativas sobre el coyote mexicano. Ponencia presentada en el XXXIII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, Ciudad de Guatemala. 2001.

⁶⁹ *Folha*, 4 jun. 2006.

como “pessoas que estão apenas fazendo o seu trabalho”⁷⁰. Dessa forma, exploramos esses diferentes sentidos encontrados nos diferentes suportes ao caracterizar a “indústria da migração ilegal”, buscando compreender as aproximações e distanciamentos dessas representações.

Outros elementos que compõem o imaginário acerca da travessia clandestina dizem respeito às experiências incomuns vivenciadas na tentativa de burlar as leis norte-americanas, tais como a travessia a nado pelo rio Grande, esconder-se em fundo falso de caminhões, entre outras. Essas vivências podem ser categorizadas como riscos⁷¹ e vulnerabilidades.⁷² Assim, buscamos, ao longo do capítulo, problematizar, identificar e analisar, a partir das entrevistas e reportagens selecionadas, os riscos e vulnerabilidades presentes nessas vivências, percebendo como os relatos se aproximam ou se distanciam.

Tendo em vista as peculiaridades/particularidades das fontes orais, o terceiro capítulo, “Travessias Clandestinas – Memórias de emigrantes retornados”, explora aspectos narrativos das entrevistas, compreendendo-as como recomposições do passado no presente. Analisamos diferentes aspectos das ressignificações da experiência de cruzar clandestinamente as fronteiras, como narrar, valendo-se do humor, episódios traumáticos que foram vivenciados. Outro exemplo é quando o narrador se percebe enquanto predestinado, onde os percalços do caminho passam a ter sentido redentor em sua narrativa, “Deus escreve certo por linhas tortas”. E, assim, em cada narrativa, buscamos destacar um aspecto que atua ressignificando a memória do entrevistado e compondo um imaginário acerca dessa experiência.

⁷⁰ Fala retirada de uma entrevista realizada em 2016.

⁷¹ RUIZ MARRUJO, 2001.

⁷² SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013.

Capítulo 1

Travessias Clandestinas - Moldura Temporal

Neste capítulo, buscamos traçar uma moldura espaço-temporal do discurso migratório entre Brasil-Estados Unidos, ao longo do período entre 2001 e 2009. Iniciamos explorando como os atentados terroristas de 11 de setembro reacenderam um sentimento anti-imigratório nos Estados Unidos, resultando nas políticas antiterroristas e de valorização da identidade nacional empreendidas pelo governo de George W. Bush e em manifestações da sociedade civil estadunidense, tais como o Projeto *Minuteman*. Em seguida, analisamos as relações entre Brasil e México dentro desse panorama de fechamento das fronteiras estadunidenses, tendo em vista que a fronteira mexicana é a principal porta de entrada de imigrantes indocumentados nos Estados Unidos. A nível nacional, exploramos como o Brasil se posicionou no discurso migratório nesse período a partir da análise da CPMI da Emigração, percebendo os ecos desse tema na sociedade civil com a exibição da novela *América* pela Rede Globo. Por fim, mapeamos a Cultura da Migração na região do Vale do Rio Doce, identificando historicamente as relações de proximidade entre essa região e os Estados Unidos, buscando compreender também como se deu o desenvolvimento e intensificação do mercado da migração ilegal nessa região.

1.1 ESTADOS UNIDOS E GUERRA AO TERRORISMO

Os atentados terroristas de 11 de setembro de 2001 marcaram definitivamente a história dos Estados Unidos (EUA). O então presidente recém-eleito George W. Bush, que, durante sua campanha em 2000, propunha uma política externa de pouca atuação, via-se diante de uma ameaça antes inimaginável ao território nacional. A “guerra ao terror” ganhou destaque na política externa e de segurança dos EUA, colocando o terrorismo como principal ameaça.⁷³ O então secretário de defesa, Donald Rumsfeld, elevou o combate ao terrorismo a prioridade militar número um⁷⁴ e o Governo Bush passou a se valer da ideia de preempção enquanto parte do conceito de autodefesa, adaptando-o para a nova realidade. A lei internacional previa que os Estados poderiam agir licitamente em sua defesa diante de uma ameaça iminente, tal como a mobilização de exércitos, por exemplo, antes que o ataque se efetivasse. Porém, no cenário

⁷³ SHIMABUKURO, A. Concepções estratégicas dos Estados Unidos sobre a segurança internacional dos governos de Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama. In: AYERBE, L. F. (org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 35-50.

⁷⁴ AYERBE, 2009.

atual, as ameaças não são mais explícitas, e os ataques se valem de meios não convencionais utilizados por terroristas.⁷⁵ Dessa forma, “toda atividade ilícita entre as fronteiras, incluindo migração, lavagem de dinheiro e contrabando se tornaram também potenciais canais para o terrorismo.”⁷⁶

Em seu segundo mandato, conquistado com tranquilidade, George W. Bush manteve sua política externa agressiva, consolidando o trabalho iniciado em 2001. Com um discurso voltado ao combate ao terrorismo e à tirania, o governo de Bush desenvolveu uma doutrina na qual os Estados Unidos assumiriam um novo papel no mundo, pautado pela ênfase na segurança e pelo engajamento militar.⁷⁷ Rememorando os mitos de origem da identidade norte-americana em seus discursos, Bush conclamava a nação a lutar pela liberdade e pela democracia, afirmando que a sociedade exclusiva que havia sido construída desde a independência estava sendo ameaçada.⁷⁸

Esse discurso de Bush pretendia alcançar apoio popular para suas políticas, evocando o passado em comum dos norte-americanos que fomentou a identidade nacional. Como afirma Anderson,⁷⁹ as nações são “comunidades políticas imaginadas” sendo ao mesmo tempo limitadas e soberanas, que buscam conformar uma identidade nacional coesa e homogênea mesmo que seja composta por desigualdades e explorações. Por outro lado, Stuart Hall⁸⁰ afirma que as culturas ultrapassam os limites políticos das fronteiras nacionais, percebendo a globalização cultural enquanto “desterritorializante”. Assim, aqueles elementos culturais que compõem a identidade nacional podem estar presentes fora de seu local de origem.

As migrações são, por excelência, a origem para a pluralização das identidades, diversificando as sociedades ao redor do mundo por meio de trocas culturais. Essas trocas não reguladas e irrefreáveis de coisas e pessoas têm sido consideradas enquanto um grave problema pelos Estados nacionais. De acordo com Stuart Hall, “um ‘fundamentalismo’ de impulso racial veio à tona em todas essas sociedades da Europa Ocidental e da América do Norte, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado.”⁸¹ É esse nacionalismo defensivo que foi

⁷⁵ SHIMABUKURO, 2009.

⁷⁶ JORGE, B. W. G. de A. A presença militar do Estados Unidos na América Latina: 1993-2009. In: AYERBE, L. F. (org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 80.

⁷⁷ FINGUERUT, 2009.

⁷⁸ JUNQUEIRA, M. A. Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo Norte Americano. *Margem*, São Paulo, v. 17, p. 163-171, jun. 2003.

⁷⁹ ANDERSON, B. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

⁸⁰ HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

⁸¹ HALL, 2008, p. 45.

fomentado ao longo do Governo Bush sob o discurso antiterrorista e que atuou enquanto pano de fundo para as políticas anti-imigratórias.

1.1.1 Projeto Sensenbrenner e Texas Hold'em

Essa nova doutrina de segurança nacional norte-americana baseada em um discurso patriótico e de defesa da nação pós-11 de setembro resultou em um endurecimento legal das políticas imigratórias. Aqui, enfocamos em duas delas: o Projeto Sensenbrenner e a política *Texas Hold'em*.

Oficialmente denominada como “Lei de Controle e Proteção Fronteiriça, Antiterrorista e Controle da Imigração Ilegal”, o Projeto Sensenbrenner foi aprovado em dezembro de 2005 pela Câmara dos Representantes⁸². A Lei prevê um endurecimento extremo do tratamento aos imigrantes indocumentados, sem nenhuma possibilidade de anistia ou programa para trabalhadores temporários. Os principais pontos abordados pela Lei são:

- a) Obriga o Department of Homeland Security a negociar um acordo de segurança fronteiriça entre o México e os Estados Unidos.
- b) Criminaliza a presença de ilegais (enquanto conspiradores) e estabelece penas de cárcere privado para quem não cumprir as ordens de deportação.
- c) Impede o ingresso por dez anos aos Estados Unidos e multa de três mil dólares a qualquer um que não respeitar os termos de seu visto.
- d) Nega a cidadania a qualquer residente legal detido por dirigir embriagado em ao menos três situações.
- e) Cria um programa nacional de verificação de trabalho e aumenta para cinco mil dólares a multa para quem contratar um imigrante indocumentado. Quer dizer, reforça a inspeção e vigilância nos centros de trabalho para detectar a presença de trabalhadores indocumentados e pune seu empregador.⁸³

A lei prevê ainda a militarização da fronteira, com adoção de equipamentos mais modernos para identificar possíveis imigrantes indocumentados, construção de muros de contenção nos principais trechos utilizados pelos imigrantes e envio de milícias a esses trechos.⁸⁴

⁸² A Câmara dos Representantes é um ramo do Poder Legislativo dos Estados Unidos que representa o povo. Seus membros são eleitos pela população eleitora cuja participação é proporcional ao tamanho dos seus estados de origem (Constitution Through Compromise. U.S. History. Disponível em: <https://www.ushistory.org/us/15d.asp>. Acesso em: 03/11/2021).

⁸³ DIAZ, J. A. T. Minuteman Project: segregación y activismo antimigratorio. *Andamios*, Cidade de México, v. 3, n. 6, p. 162, 2007.

⁸⁴ DIAZ, 2007.

Como a própria denominação já deixa claro, a “Lei de Controle e Proteção Fronteiriça, Antiterrorista e Controle da Imigração Ilegal” iguala esses três elementos a um mesmo plano, visando combatê-los enquanto um mesmo problema. Segundo o relatório final da CPMI da Emigração, a aprovação do projeto de Lei pela Câmara foi seguida de grandes manifestações públicas contrárias a ela, chegando a haver inclusive a organização de uma greve que parou cerca de um milhão de trabalhadores nos EUA.⁸⁵

Nesse mesmo período, o governo norte-americano adotou uma política de remoção rápida, acelerando a deportação de imigrantes indocumentados e construindo novas instalações para deter aqueles que fossem capturados na fronteira.⁸⁶ Ao mesmo tempo, ganhava visibilidade a implementação da política que ficou conhecida como *Texas Hold'em* (Texas, segure-os), que previa a detenção de imigrantes – especialmente brasileiros – na fronteira com o rio Grande.⁸⁷

Até então, os detidos na fronteira aguardavam a decisão do tribunal em liberdade, devendo comparecer à audiência que acontecia geralmente num prazo de um a dois meses. Assim, a grande maioria não comparecia e seguia permanecendo ilegalmente nos Estados Unidos. A prática de deter o imigrante na fronteira e deportá-lo o mais breve possível, tinha como intuito impedir a permanência ilegal desses indivíduos e desestimular outros possíveis imigrantes.

O sucesso de tais políticas de repressão a imigrantes brasileiros foi afirmado por Bush durante um discurso sobre imigração no Arizona, onde ele “provocou risos quando disse à plateia de guardas fronteirços que a operação contra os brasileiros se chamava *Texas Hold'em*, o nome de um popular jogo de pôquer nos Estados Unidos.”⁸⁸ Segundo o consulado afirmou para a reportagem, o número de brasileiros deportados realmente havia caído em comparação ao ano anterior, de 4.406 em 2004 para 2.303 em 2005,⁸⁹ porém, é importante ressaltar que os números se referem aos imigrantes detidos e deportados, não sendo possível calcular o real número de brasileiros que entraram nos Estados Unidos pelo México.

1.1.2 Os Minutemen

Ao longo do ano de 2004, surgiu nos Estados Unidos o Projeto *Minuteman*. Organizado

⁸⁵ Relatório final da CPMI, 2006.

⁸⁶ MARGOLIS, 2013.

⁸⁷ Relatório final da CPMI, 2006.

⁸⁸ *Folha*, 29 nov. 2005.

⁸⁹ *Ibidem*.

de forma independente por civis norte-americanos, o movimento vem como uma resposta ao aumento da entrada de imigrantes no país. O objetivo dos *minutemen* era “proteger” a fronteira dos Estados Unidos com o México, chamando a atenção das autoridades estadunidenses para a ineficiência do policiamento na fronteira no combate à imigração irregular. O nome do projeto, *Minuteman*, faz referência aos colonos que organizavam milícias independentes para lutar durante a guerra de Independência dos Estados Unidos no século XVIII⁹⁰ e que estavam prontos para a luta em “um minuto”.⁹¹ Segundo o jornal *O Estado de S. Paulo*, esse movimento, de inspiração “nebulosa”, propõe o fechamento hermético da fronteira com o México como uma solução simples e drástica para acabar com a entrada maciça de imigrantes ilegais.⁹²

O Projeto *Minuteman* era originalmente chamado *Civil Homeland Defense*, uma organização fundada em 2002 pelo veterano de guerra Chris Simcox. Em 2004, Chris Simcox se uniu a Jim Gilchrist e os dois fundaram o Projeto *Minuteman* nos moldes do trabalho que já era executado pela *Civil Homeland Defense*, mas agora empreendendo uma grande campanha midiática, que buscava destacar o caráter voluntário, civil e pacífico das ações do movimento.⁹³ Conforme o trabalho de Diaz, durante as ações do Projeto *Minuteman*, eles se valiam da tática de não estabelecer contatos físicos com os imigrantes no intuito de não infringir as leis norte-americanas⁹⁴, não podendo ser acusados de violar os direitos humanos. Por se caracterizar como um movimento pacífico, o *Minuteman* ganhou publicidade em 2005 e conseguiu fazer inclusive alianças políticas com senadores republicanos (John Kyl e Tom Tancredo são exemplos), emplacando projetos de leis contrárias aos imigrantes.⁹⁵

Esse posicionamento “pacífico” do Projeto *Minuteman* é muitas vezes questionável. De acordo com uma reportagem do *Estadão* de 21 de novembro de 2010, um enviado especial da redação colheu alguns depoimentos na fronteira, afirmando o posicionamento violento de membros do *Minuteman*. De acordo com a reportagem, um americano filho de salvadorenhos foi sequestrado e torturado por membros do movimento. Além disso, a reportagem denunciou

⁹⁰ Esses colonos se organizavam de maneira espontânea e independente, cuja única motivação era “lutar pela liberdade”, estando dispostos a entregar suas vidas e seus bens pela nação. Estando prontamente a postos – deixando de lado todo o resto – para enfrentar qualquer ameaça a sua pátria, os *minutemen* remontam às origens fundacionais dos Estados Unidos. Recuperar essa referência de patriotismo pós-11 de setembro é se posicionar enquanto civis que buscam apenas defender a liberdade da nação, “apropriando-se dos personagens fundacionais do “patriotismo heroico e libertário” estabelecido pela história estadunidense” (DIAZ, 2007, p. 153-154).

⁹¹ HAMBY, A. *Um Esboço da História Americana*. [s. l.], [s. n.], 2012.

⁹² *Estadão*, 17 abr. 2005.

⁹³ DIAZ, 2007.

⁹⁴ “Nos Estados Unidos, qualquer pessoa somente pode ser detida por alguém com autoridade formal e que no ato de detenção tenha informado seus direitos. Na ausência desses elementos, legalmente os direitos humanos do detido foram violados e qualquer ação legal contra ele deixa de exercer-se” (DIAZ, 2007, p. 146).

⁹⁵ DIAZ, 2007.

que o Projeto *Minuteman* é como uma nova *Ku Klux Klan*, que ataca no momento de maior vulnerabilidade. “Na calada da noite, eles caçam os imigrantes e os barris deixados pelos Anjos da Fronteira.”⁹⁶

Logo no ano seguinte, em 2011, o *GI* noticiou a condenação de uma ativista anti-imigração pelo assassinato de mexicanos nos Estados Unidos. Segundo a reportagem, a ativista foi expulsa do *Minuteman* e teria fundado o próprio grupo de “justiceiros da fronteira”. Para financiar esse grupo, ela teria planejado assaltar a casa dos mexicanos, acreditando encontrar drogas que seriam vendidas posteriormente. O *GI* definiu o Projeto *Minuteman* enquanto “um grupo de voluntários que monitoram a fronteira para informar à Guarda da Fronteira americana sobre a entrada de imigrantes,”⁹⁸ denotando-os como um grupo pacífico.

Os “patrulheiros da fronteira”, como se autodenominam os *minutemen*, deslocam-se de suas cidades e ficam a postos em locais estratégicos da fronteira, fazendo a vigilância para impedir a entrada de imigrantes ilegais. Em reportagem do *Estadão*, alguns norte-americanos adeptos do projeto justificaram as ações, alegando que os imigrantes “são parte de um sistema que está destruindo o país”, sendo uma mão de obra barata cuja presença acaba por diminuir o salário dos trabalhadores legais, retirando a fonte de renda dos norte-americanos e trazendo inclusive doenças para o país. Outros afirmam que a segurança na fronteira não é necessária apenas para impedir a entrada de imigrantes ilegais, e sim de possíveis terroristas que poderiam vir a utilizar essas rotas clandestinas,⁹⁹ argumento que corrobora a narrativa de “guerra ao terror” imposta pelo Governo Bush.

Os argumentos discursivos de grupos como o *Minuteman*, além de se inserirem na conjuntura política e social do pós-11 de setembro, mesclando-se com os discursos antiterroristas, valem-se também de duas chaves principais: a ideia de que os grupos migratórios irregulares violam as leis estadunidenses duplamente, ao entrar no território sem os documentos obrigatórios e ao invadir propriedades privadas durante a travessia, e o questionamento constante acerca da eficácia da Patrulha de Fronteira ao deter os imigrantes.¹⁰⁰ Nesse sentido, eles se posicionam como voluntários que estariam prestando um serviço à nação norte-americana, defendendo-a dos invasores, tal como foram os *minutemen* de 1775.

⁹⁶ Os Anjos da Fronteira (Border Angels) são uma ONG que prestam apoio à comunidade latina e defendem os direitos dos imigrantes.

⁹⁷ *Estadão*, 21 nov. 2010.

⁹⁸ *GI*, 23 fev. 2011.

⁹⁹ *Estadão*, 17 abr. 2005.

¹⁰⁰ DIAZ, 2007.

Os críticos do Projeto *Minuteman* percebem que, apesar de conseguirem chamar a atenção da mídia para a ineficiência do governo na questão imigratória, o projeto traz pontos supremacistas, neonazistas e racistas, em uma proposta essencialmente reacionária, que ignora a necessidade de mão de obra imigrante para economia do país.¹⁰¹ Isso se torna mais evidente quando percebemos que esses grupos atuam apenas na fronteira sul do país e negligenciam a fronteira com o Canadá – que é mais porosa e menos vigiada.

Tomamos em conta que neste país (Estados Unidos), a constituição e institucionalização de suas hierarquias de dominação sociopolítica têm estado intrinsecamente ligadas a um duplo filtro de adesão a uma classe social e de pertencimento a uma certa “raça”. O pertencimento racial, por chocante que possa resultar o termo, tem uma clara eficácia sociológica e institucional na determinação do status econômico e sociopolítico da população estadunidense. [...] A história da fronteira sul dos Estados Unidos oferece múltiplos casos de conflitos recorrentes derivados dessa matriz de segregação de classe e “raça”. Esse conflito permanece, latente e explícito, até nossos dias. O que nos interessa destacar é que essa matriz segregacionista (e os conflitos que derivam dela) é parte consubstancial na história da fronteira sul estadunidense. A ausência da variável classista e racial não anglo-saxônica pode explicar por que em sua fronteira com o Canadá não encontramos conflitos parecidos.¹⁰²

Esses sentimentos classistas e racistas não se limitam à população mexicana, apesar da fronteira entre os dois países ser historicamente marcada por conflitos territoriais¹⁰³ que disseminaram um forte sentimento antimexicano no sul estadunidense. No relatório final da CPMI da Emigração, os relatores afirmaram que os imigrantes brasileiros são estigmatizados e qualificados enquanto “imigrantes ilegais”, sendo vítimas da xenofobia e discriminação de grupos como o Projeto *Minuteman*. Considerados como “nocivos à ordem pública das novas metrópoles”, os imigrantes são perseguidos e até caçados na fronteira.¹⁰⁴

As organizações civis norte-americanas pró-migrantes, que combatem a xenofobia e o racismo, atuam no oposto de grupos como os *minutemen*. Porém, como destaca Diaz,¹⁰⁵ esses grupos possuem um caráter mais reativo, e não ativo de fato, dentro do discurso migratório.

¹⁰¹ *Estadão*, 17 abr. 2005.

¹⁰² DIAZ, 2007, p. 160, tradução nossa.

¹⁰³ Um exemplo é a guerra do Texas, quando “os colonos anglo-saxões texanos se separaram da República Centralista do México, iniciando um processo de enfrentamentos, assimilações e resistência entre os recém-chegados e os residentes mexicanos. [...] Para a história de cada um dos vizinhos, a guerra do Texas tem desde sempre uma significação irreconciliavelmente oposta: para os anglo-saxões se tratou de uma épica e heroica libertação do jugo mexicano (que na época era uma ditadura centralista) e de instauração de um *modus vivendi* “civilizado”, onde antes imperava a lei de caudilhos militares. Para o México, aquele episódio é o primeiro na lista dos contínuos ataques hegemônicos e imperialistas que o país recorrentemente tem sofrido” (DIAZ, 2007, p. 158).

¹⁰⁴ Relatório final da CPMI, 2006.

¹⁰⁵ DIAZ, 2007.

Portanto, os grupos anti-imigrantes seguem facilmente “impondo sua visão simbólica sobre o que significa a fronteira e a migração procedente do sul,”¹⁰⁶ atuando politicamente no combate à imigração.

1.1.3 Relações Brasil-México

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, os indivíduos têm garantidos no artigo 13, parágrafo 2, “o direito de abandonar o país em que se encontra, incluindo o seu, e o direito de regressar ao seu país”. Ao mesmo tempo que os indivíduos possuem o direito de deixar seu próprio país, a Declaração mantém a soberania do Estado, ao definir no parágrafo 1 do mesmo artigo que “toda pessoa tem o direito de livremente circular e escolher a sua residência no *interior de um Estado*” (grifo nosso). Dessa forma, nas migrações internacionais, o Estado tem garantida sua soberania, que se fundamenta, entre outros aspectos, no monopólio de legitimidade da mobilidade. Nesses casos, o indivíduo se torna um não-sujeito e as relações migratórias são estabelecidas entre os Estados, se tornando para além de um fenômeno social, um fenômeno político.¹⁰⁷ Um exemplo disso são as relações estabelecidas entre Brasil e México acerca da legislação migratória entre os dois países, no início dos anos 2000.

O aumento significativo da entrada irregular de brasileiros nos Estados Unidos gerou pressão internacional para resolução do problema. Considerado como porta de entrada de brasileiros com destino aos Estados Unidos, o México optou por suspender em 2005 um acordo bilateral firmado com o Brasil e passou a exigir vistos para a entrada de brasileiros em seu território.¹⁰⁸ A medida teve resposta imediata do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (doravante Itamaraty) que, em nota, afirmou que o governo brasileiro também iria começar a exigir vistos para a entrada de mexicanos no país.¹⁰⁹

A CPMI da Emigração¹¹⁰, instalada no mesmo ano com o objetivo de investigar a emigração indocumentada, dedicou um trecho de seu relatório final para comentar a exigência de vistos para brasileiros. Os relatores afirmaram que, por mais louváveis que fossem as

¹⁰⁶ DIAZ, 2007, p. 148.

¹⁰⁷ REIS, R. R. Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 149-163, 2004.

¹⁰⁸ *Folha*, 06 mai. 2005; *Estadão*, 23 set. 2005.

¹⁰⁹ *Folha*, 10 set. 2005.

¹¹⁰ A análise dos trabalhos desenvolvidos pela CPMI da Emigração e de seu relatório final será desenvolvida mais amplamente no próximo tópico do capítulo.

iniciativas para facilitar a livre circulação de pessoas entre Brasil e México, era inegável que a dispensa de vistos entre os dois países facilitasse a atuação da indústria da migração ilegal. Além disso, “a atividade de facilitar a entrada ilícita de pessoas em território norte-americano ganhava relativa imunidade do ponto de vista das leis penais brasileiras,”¹¹¹ pois não era necessário falsificar nenhum documento. Mas, ainda assim, a CPMI afirmou que a dispensa de visto para brasileiros não devia ser considerada como a principal causa do aumento no número da emigração irregular para os Estados Unidos, que tem raízes muito mais profundas.¹¹²

O jornal *A Folha de S. Paulo* repercutiu a mudança, apontando que ela seria resultado da pressão estadunidense para diminuição da entrada irregular de emigrantes.¹¹³ Já o governo mexicano negou ter sido coagido pelo governo norte-americano a adotar tal medida e alegou que essa era uma questão humanitária diante dos riscos enfrentados pelos emigrantes ao longo da travessia das fronteiras por terra.¹¹⁴ O jornal *O Globo* apontou também que, segundo fontes diplomáticas, “a nova exigência seria uma forma do México demonstrar na prática a sua insatisfação com o fato de o Brasil ter apoiado o candidato do Chile, e não o mexicano, para o posto de secretário-geral da Organização de Estados Americanos (OEA).”¹¹⁵ Essa especulação estaria fundada no fato de que apreensões de brasileiros atravessando irregularmente a fronteira mexicana significaram apenas 1% do total das apreensões em 2004, que foram compostas em sua maioria por cidadãos da América Central, que continuaram a ter livre entrada no México.¹¹⁶

Segundo consta no relatório da CPMI, o secretário das Relações Exteriores do México afirmou, em 2005, que a medida de voltar a exigir visto para brasileiros era uma preocupação mexicana e não estadunidense, que advinha da alta no número de inadmissões de brasileiros entre 2002 e 2005. De acordo com o secretário, o número havia mais que dobrado de 2002 a 2003, quando o visto deixou de ser obrigatório, e foi de 4.822 em 2003 para 32.000 em 2004, culminando em 49.000 inadmissões em 2005¹¹⁷. Porém, esses números não estavam de acordo com as estatísticas do Instituto Nacional de Migração do México, que registraram, em 2003, o total de 3.976 brasileiros impedidos de entrar no México e, em 2004, um aumento para 4.822,

¹¹¹ Relatório final da CPMI, 2006, p. 101.

¹¹² Relatório final da CPMI, 2006.

¹¹³ *Folha*, 10 set. 2005.

¹¹⁴ *O Globo*, 5 mai. 2005.

¹¹⁵ *Ibidem*.

¹¹⁶ *Ibidem*.

¹¹⁷ “En el 2002 se rechazaron a dos mil 192 brasileños; una vez que quitamos el requisito de visa la cifra ascendió a cuatro mil 822; en el 2004 la cifra fue de 32 mil y en el 2005 llegó a 49 mil.” (Comparecencia del Secretario de Relaciones Exteriores. Comunicado de Prensa. Boletín de Prensa 2005/0930. www.senado.gob.mx/comunicacion/content/conferencias/2005/glosaV/relexboletin.php. *apud* Relatório final da CPMI, 2006, p. 103).

culminando em 2005 com o número de 9.611 brasileiros rejeitados.¹¹⁸

No jornal *O Estado de S. Paulo*, encontramos 2 reportagens que enfocam o assunto. Em ambas, o jornal se posiciona de forma crítica à eficácia da exigência do visto na diminuição da emigração ilegal. O jornal aponta, a partir da CPMI da Emigração Ilegal e da declaração de um delegado da polícia federal, que a exigência de vistos iria aumentar o número de documentos falsificados e a utilização de outras rotas, mais perigosas, para se alcançar a fronteira com os EUA,¹¹⁹ já que quem vive disso procuraria alternativas para continuar cometendo crimes.¹²⁰

Demonstrando uma visão oposta, a *Folha*, aponta que a falta de exigência do visto para o México é um dos fatores do aumento da emigração ilegal de brasileiros.¹²¹ Porém, algum tempo depois de o México iniciar tal exigência, a *Folha* soltou uma reportagem apontando a mudança de rota dos brasileiros – que passaram a trilhar principalmente a rota da Guatemala – e não uma diminuição do fluxo de brasileiros indocumentados.¹²² Também no ano de 2009, a *Folha* faz uma crítica à política de fechamento da fronteira, que “obrigava” os emigrantes ilegais a buscarem caminhos cada vez mais perigosos para atravessá-las.¹²³

O relatório final da CPMI apontou uma redução significativa na apreensão de brasileiros na fronteira dos EUA no início de 2006¹²⁴, mas alertou que essa redução vinha de uma combinação de fatores – como a própria atuação da CPMI, e não como resultado apenas da obrigatoriedade do visto para os brasileiros. Além disso, os relatores da CPMI já receavam que a redução do fluxo emigratório indocumentado fosse apenas temporária e, tal como foi afirmado na reportagem da *Folha*, os emigrantes desenvolvessem um novo *modus operandi* para burlar a restrição do visto.

Esse novo *modus operandi* encontrado para burlar a restrição do visto mexicano pode ser exemplificado pela experiência do entrevistado Pedro. Ao emigrar em 2007 sem possuir um visto para o México, Pedro precisou utilizar outra rota, passando pela Guatemala. Assim, ele precisou atravessar clandestinamente duas fronteiras: Guatemala-México e México-EUA, o que prolongou sua viagem, aumentando os obstáculos e os riscos.

¹¹⁸ Relatório final da CPMI, 2006.

¹¹⁹ *Estadão*, 23 set. 2005 e 25 jul. 2007.

¹²⁰ *Estadão*, 23 set. 2005.

¹²¹ *Folha*, 6 mai. 2005 e 10 set. 2005.

¹²² *Folha*, 30 nov. 2005.

¹²³ *Folha*, 16 abr. 2009.

¹²⁴ “Nos seis primeiros meses do ano fiscal de 2006, após a suspensão do acordo, tivemos a apreensão de 971 brasileiros na fronteira dos EUA, o que representa redução muito significativa” (Relatório da CPMI, 2006, p. 107).

Pedro: O que é que acontece? Quando começou a... a necessidade do visto para o México, eles já... os coiotes no caso, já arrumaram outra passagem. Ou seja, de qualquer maneira você tinha que descer no México – não descer no México, né? Você tinha que passar pelo México. Então, a passagem por onde eu passei foi por Guatemala, então, no caso, eu atravessei duas fronteiras, da Guatemala para o México e o México eu atravessei todo clandestinamente, até chegar na fronteira com os EUA.

A utilização da rota alternativa passando pela Guatemala também é informada pelos jornais como ainda mais perigosa. “A rota, utilizada há vários anos principalmente por imigrantes centro-americanos e narcotraficantes, é conhecida pelas estradas precárias e pelos casos de violência contra imigrantes, sobretudo as mulheres.”¹²⁵ Segundo Pedro, o trajeto é marcado por condições precárias de estadia e por riscos, tanto pela longa caminhada na mata, quanto pela possibilidade de ser atingido por tiros dos moradores locais.

Pedro: Então, aí você chega num lugar lá onde, o lugar é a mesma coisa de um chiqueiro. Tem umas tábuas, umas réguas de tábuas assim fechando, como se fossem os quartos, e... isso já dentro de uma grota¹²⁶ mesmo, uma grotona mesmo, praticamente perto da fronteira. Onde esse cara tem esse lugar, e ele recebe as pessoas, e ali é tipo, é como se fosse um *pit stop*, né? A pessoa para ali, come, dorme, pra depois continuar a travessia. Aí, nesse lugar, chega gente de tudo quanto é lugar do mundo! Mas eu, tipo assim, eu vi muito América Central mesmo, pessoas da América Central. É, é República Dominicana, é... aqueles outros *paisezinhos* ali, Honduras, esse tipo de país, e muito brasileiro. Depois desse lugar, tipo assim, reuniu nesse lugar, a gente ficou nesse lugar acho que uns 3, 5 dias, reuniu nesse lugar umas 200, 280 pessoas mais ou menos, não me lembro. Aí a gente começou a atravessar da Guatemala para o México. A gente andou mais ou menos umas duas horas dentro da mata para atravessar da Guatemala para o México. A gente foi andando, andando... eu acho que foi isso mesmo, a gente andou umas 4 horas, dentro dessas 4 horas, aí você está ali, aí você passa nuns, nuns vilarejinhos porque essas, esses países tem muita gente que vive nessas colônias ainda no meio do mato, no meio do nada. É praticamente *índio*. Aí você passa naquele lugar, tem “nego” dando tiro, você escuta uns estalos no meio do mato lá, sei lá, talvez a pessoa fica com medo, né? Cachorro está latindo e, sei lá, um movimento estranho, aí a pessoa dá tiro.

Mesmo em um contexto de fechamento das fronteiras e aumento dos empecilhos para migrar, alternativas são criadas, expondo os emigrantes a situações de maiores riscos e vulnerabilidades, como exemplificado no relato de Pedro e nas reportagens jornalísticas.

Já em março de 2013, o Itamaraty soltou uma nota à imprensa afirmando que “os governos do Brasil e do México decidiram retomar o Acordo para a Isenção de Vistos de Curta

¹²⁵ *Folha*, 30 nov. 2005.

¹²⁶ **Grota** é uma abertura produzida por enchentes na ribanceira ou margem de um rio, uma depressão profunda entre montanhas (Dicionário Aurélio, 2001).

Duração em Passaportes Comuns, assinado em 23 de novembro de 2000” e que havia sido interrompido em 2005. O acordo prevê a entrada de cidadãos de um país no outro, com permanência de até 90 dias, sem a necessidade de visto, e foi retomado depois de um encontro entre Dilma Rousseff e Enrique Peña Nieto, então presidentes do Brasil e do México, respectivamente.¹²⁷ A medida foi elogiada pelo governo brasileiro, que esperava nesse período o aumento da entrada de turistas diante dos eventos mundiais sediados no Brasil – Copa das Confederações e Jornada Mundial da Juventude em 2013, Copa do Mundo em 2014 e Olimpíadas e Paralimpíadas em 2016.¹²⁸

Atualmente o acordo de isenção de vistos entre Brasil e México permanece, mas aqueles que desejam entrar no país estrangeiro devem preencher uma série de documentos para comprovar sua estadia, seu retorno ao país de origem, dentre outros. No dia 2 de janeiro de 2020, o Consulado Geral do Brasil no México, em publicação em sua página oficial do *Facebook*, fez um alerta aos turistas brasileiros que pretendiam viajar para lá. A publicação informava sobre o alto número de brasileiros que estavam sendo impedidos de entrar no país, mesmo que estivessem com todos os documentos necessários, e das denúncias de um tratamento indigno daqueles que seriam obrigados a retornar ao Brasil. A imagem que acompanhava a publicação ilustrava o tratamento que estava sendo dispensado aos brasileiros, duas mulheres – com o rosto escondido no braço – e uma criança, deitadas em colchonetes no chão de uma sala com poucos cobertores.

¹²⁷ *O Globo*, 25 abr. 2013.

¹²⁸ *Itamaraty*, 16 mar. 2013.

Imagem 1: publicação na página do Consulado Geral do Brasil no México



Fonte: página oficial do órgão no *Facebook*.

Ainda na postagem, afirmava-se que

os visitantes têm sua entrada negada e são obrigados a esperar seu retorno ao Brasil, por horas ou dias, detidos em salas dos aeroportos internacionais mexicanos em condições equivalentes a reclusórias.

Não há qualquer previsão de reembolso, no México ou no Brasil, de despesas realizadas com passagens, hospedagens e demais gastos.

[...]

Não há garantia de que comida e/ou água serão fornecidos regularmente aos passageiros detidos. Homens e mulheres são separados e não há previsão de que famílias (inclusive com crianças) aguardem seu retorno ao Brasil juntos.

Os brasileiros inadmitidos têm todos os seus pertences apreendidos, inclusive telefones celulares, e devem dividir alojamento com outros migrantes detidos, além de dormir em colchonetes plásticos ou bancos de concreto.

Os viajantes somente têm direito a realizar uma chamada telefônica, a este Consulado-Geral (+52 55 3455 3991 - plantão consular 24h), prerrogativa que muitas vezes não é atendida. Não há serviço de interpretação, informações são prestadas apenas em espanhol.

Após a publicação do Consulado, e desse alerta ser divulgado também pelo Itamaraty¹²⁹, em seu site oficial, a *GloboNews* fez uma curta reportagem sobre o assunto¹³⁰. Na reportagem, além do relato de uma brasileira inadmitida no aeroporto mexicano, a cónsul-geral do Brasil no México, Wanja da Nóbrega, falou à *GloboNews*, reforçando o alerta e questionando o governo mexicano sobre o tratamento dispensado aos brasileiros nos aeroportos, alegando que eles estão permanecendo por vários dias sem condições básicas de alimentação e abrigo.¹³¹

Em reportagem do *GI*, o Itamaraty afirmou que o México, enquanto país soberano, tem autonomia para permitir ou não a entrada de estrangeiros em seu território, mesmo que a posse do visto não seja obrigatória. O Itamaraty afirmou também que o Consulado-Geral do Brasil no México já estava atuando junto às autoridades mexicanas para que os direitos dos cidadãos brasileiros inadmitidos fossem respeitados.¹³² Com a crise sanitária mundial resultante da pandemia causada pela Covid-19, a entrada de brasileiros tanto no México como em outros países passou por alertas próprios. A recomendação da Organização Mundial da Saúde (OMS) foi de que os indivíduos permanecessem em seus países de origem e em suas casas quando possível, no intuito de prevenir a contaminação da doença.

1.2 CPMI DA EMIGRAÇÃO

No início de 2005, o senador Hélio Costa (PMDB-MG) e o deputado federal João Magno (PT-MG) propuseram, por meio do Requerimento N°2 de 2005-CN, a criação de uma Comissão Parlamentar Mista de Inquérito composta por 11 senadores e 11 deputados federais. Com a finalidade de “apurar os crimes e outros delitos penais e civis praticados com a emigração ilegal de brasileiros para os Estados Unidos e outros países, e assegurar os direitos de cidadania aos brasileiros que vivem no exterior” (Requerimento N°2 de 2005-CN). A CPMI ficou conhecida como CPMI da Emigração Ilegal.¹³³

O relatório final da CPMI, liberado em 2006¹³⁴, traz uma extensa pesquisa sobre a emigração indocumentada de brasileiros ao longo de quase 600 páginas, dando destaque à

¹²⁹ O alerta já foi removido do site do Itamaraty (Consultado em 15/09/2020).

¹³⁰ Disponível em https://g1.globo.com/globonews/jornal-globonews-edicao-das-10/video/turistas-brasileiros-sao-impedidos-de-entrar-no-mexico-8223765.ghtml?fbclid=IwAR3wBbnJ1pnhN5joCm_qfTPqzeIA5DKKVFZk5F-gGzPip2rJ0yb1jBfsFqk. Acesso em 15/09/2020.

¹³¹ *GloboNews*, 9 jan. 2020.

¹³² *GI*, 04 jan. 2020.

¹³³ *Estadão*, 23 set. 2005.

¹³⁴ Disponível em: <https://www.senado.gov.br/comissoes/CPI/Emigracao/RelFinalCPMIEmigracao.pdf>. Acesso em 26/08/2020.

emigração com destino aos EUA. O relatório é composto por quinze capítulos, que contemplam uma síntese dos trabalhos realizados, incluindo as audiências públicas, requerimentos, depoimentos etc., e os textos produzidos pela comissão. Desde um breve histórico sobre a emigração brasileira, o relatório explora aspectos sobre a comunidade de brasileiros no exterior, analisa as normas internacionais relativas à questão migratória, faz uma análise jurídica do direito à nacionalidade e à representatividade – identificando questões jurídicas que se colocam para brasileiros que vivem no exterior, analisa a importância econômica e social das remessas financeiras encaminhadas por brasileiros no exterior, e, por fim, faz recomendações e proposições legislativas com o intuito de assegurar o bem estar de brasileiros no exterior e contribuir para legislação referente a emigração.¹³⁵

Apesar de ter como foco a saída de brasileiros para os Estados Unidos, considerado como principal destino, a CPMI também traz algumas discussões sobre a emigração de brasileiros para outros países. Sobre os fluxos migratórios Brasil-Japão, a CPMI faz um breve histórico sobre a imigração japonesa, iniciada em 1908, até o movimento de retorno dos japoneses radicados no Brasil e de seus descendentes, por volta da década de 1980. A pesquisa explora ainda o perfil e as condições de vida dos brasileiros no Japão, tendo como foco a questão escolar e a questão previdenciária. Já sobre o Paraguai, são explorados os principais problemas enfrentados pelos brasileiros que cruzam a fronteira, dando-se maior enfoque à questão da exploração sexual de crianças e adolescentes. Segundo o relatório final da CPMI, a primeira causa indicada para o desencadeamento deste problema, advém da falta de controle dos fluxos migratórios na região.

A relação fronteiriça entre Paraguai e Brasil é bastante complexa, já que é propícia ao descaminho, ao tráfico de entorpecentes e ao tráfico de armas. Nesse cenário de criminalidade, as crianças são envolvidas nas mais diversas formas de trabalho infantil. A falta de controle do fluxo de pessoas facilita o tráfico de crianças e adolescentes para fins de exploração sexual. Esse fluxo é recíproco, já que tanto brasileiros vão ao Paraguai, quanto paraguaios vêm ao Brasil como vítimas da exploração comercial sexual e do tráfico.¹³⁶

A CPMI ainda propõe uma discussão sobre o tráfico internacional de pessoas para fins de prostituição. Valendo-se do trabalho de André Costa,¹³⁷ o relatório reafirma os problemas

¹³⁵ Relatório final da CPMI, 2006.

¹³⁶ Relatório final da CPMI, 2006, p. 297.

¹³⁷ COSTA, A. O Fracasso da Globalização: da construção dos Brasis às ruas de Praga. Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2004.

decorrentes da globalização e do capitalismo, que, segundo ele, têm causado a dependência dos Estados subdesenvolvidos às grandes corporações, culminando no quadro alarmante de desigualdade social do período. Diante desse quadro, o tráfico de pessoas – principalmente mulheres – encontra um ambiente favorável. O relatório discorre também sobre as discussões internacionais já empreendidas sobre o tema e aponta alguns projetos de leis no intuito de minimizar o problema.

Durante os trabalhos da CPMI da Emigração, o brasileiro Jean Charles de Menezes foi assassinado injustamente por policiais de Londres¹³⁸. O caso, que teve grande repercussão nacional, foi tratado em um capítulo dedicado exclusivamente a explicar como estavam as investigações até o momento da realização do relatório final. Apesar de identificar grandes falhas na condução de toda a situação pela polícia britânica – inclusive com a liberação de informações falsas sobre como teria sido a abordagem junto a Jean¹³⁹, a CPMI alega ser “compreensível que as autoridades inglesas utilizem contra o terrorismo meios duros para prevenir e reprimir atentados,”¹⁴⁰ posicionando-se, de certa forma, “em cima do muro”.

Mesmo após quinze anos desde a morte de Jean Charles, nenhum policial foi punido individualmente. Segundo a *BBC Brasil*, o Ministério Público Britânico (*Crown Prosecution Service – CPS*) decidiu por não processar nenhum policial, alegando que “não havia evidências suficientes para uma chance de condenação superior a 50%.”¹⁴¹ A polícia metropolitana foi multada e em 2016 a família de Jean Charles levou o caso ao Tribunal Europeu de Direitos Humanos, na tentativa de condenar os policiais responsáveis pela operação, mas novamente perderam. O responsável pela tentativa do ataque terrorista e que foi confundido com Jean Charles foi capturado algum tempo depois e atualmente cumpre pena de 40 anos.¹⁴²

Já de início, o relatório final da CPMI da Emigração deixa transparecer como foi conduzido o processo pelos relatores. As duas passagens bíblicas escolhidas para compor a epígrafe do relatório¹⁴³, exprimem a ideia de que o *estrangeiro* tem que ser tratado sob a mesma

¹³⁸ Jean Charles foi assassinado no dia 22 de julho de 2005 no metrô de Londres. Ele foi confundido por policiais que investigavam uma tentativa de ataque terrorista que havia ocorrido no dia anterior. (Relatório da CPMI da emigração, 2006).

¹³⁹ “A polícia alega que pediu para que ele parasse, mas Jean Charles correu e pulou a catraca sem usar o cartão eletrônico, tentando alcançar o trem. Apurações posteriores mostraram que Jean Charles de Menezes acessou tranquilamente a estação e utilizou o cartão eletrônico de passagens.” (Relatório da CPMI da emigração, 2006:352).

¹⁴⁰ Relatório final da CPMI, 2006, p. 350.

¹⁴¹ *BBC Brasil*, 22 jul. 2020.

¹⁴² *Ibidem*.

¹⁴³ “A mesma lei haja para o natural e o estrangeiro que peregrinar entre vós” Êxodo 12:49. “Se o estrangeiro peregrinar na vossa terra, não o oprimireis. Como o natural entre vós será o estrangeiro que peregrina convosco.

lei daquele que é *natural*, devendo ser amado e tratado como igual. No texto de apresentação do relatório, os relatores afirmam que, ao contrário do que foi exposto nos órgãos de imprensa, a CPMI é designada simplesmente como CPMI da Emigração e não CPMI da Emigração Ilegal, visando “afastar estereótipos que frequentemente recaem sobre os emigrantes não documentados.”¹⁴⁴

Da mesma forma, ao discutir sobre a legislação brasileira ao longo do capítulo quatro, os relatores propõem a utilização da expressão emigrante irregular¹⁴⁵, buscando evitar a condenação moral dos indivíduos indocumentados. Percebendo que essa expressão

tem a vantagem de substituir os termos “emigração ilegal” ou “emigração clandestina”, que, sutilmente, jogam sobre os ombros do emigrante toda a responsabilidade pelo fenômeno, como se os deslocamentos de grandes massas humanas em busca de melhores condições de vida fosse fato estranho à história da humanidade.¹⁴⁶

Assim, os relatores demonstraram possuir uma percepção dos emigrantes indocumentados enquanto vítimas que não devem ser moral e/ou juridicamente julgadas¹⁴⁷. Por outro lado, mesmo assumindo como parte do problema a precariedade da realidade brasileira, a CPMI é enfática ao combater os agentes que compõem a indústria da migração ilegal.¹⁴⁸ Apesar dessa discussão inicial sobre a expressão “emigração ilegal”, nós a encontramos sendo usada em diversos outros momentos ao longo do relatório final.

O relatório é concluído com o requerimento para a criação da Frente Parlamentar Cidadania sem Fronteiras. O requerimento propõe a presidência do deputado Hidekazu Takayama para a Frente Parlamentar, reafirmando sua origem japonesa¹⁴⁹ e sua atuação política voltada para a comunidade japonesa e evangélica.¹⁵⁰ A Frente Parlamentar tinha o objetivo de dar continuidade às atividades iniciadas pela CPMI e debater a criação e implementação de

Amá-lo-eis como a vós mesmos, pois fostes estrangeiros na terra do Egito” Levítico 19:33-34. (Relatório da CPMI, 2006:2).

¹⁴⁴ Relatório final da CPMI, 2006, p. 3.

¹⁴⁵ Ao longo desse trabalho, optamos pela utilização da expressão emigrante indocumentado, já que mesmo o termo irregular, tem como um de seus significados “contrário à lei ou à justiça” (Dicionário Aurélio, 2001).

¹⁴⁶ Relatório final da CPMI, 2006, p. 67.

¹⁴⁷ “A entrada ou permanência irregular em país estrangeiro não configura crime pelas leis brasileiras, salvo se o agente, para alcançar seu objetivo, pratica alguma falsidade documental” (Relatório final da CPMI, 2006, p. 67).

¹⁴⁸ No próximo capítulo, elucidamos como os agentes da indústria da migração ilegal são apresentados/representados na CPMI da Emigração.

¹⁴⁹ O deputado é filho dos imigrantes japoneses Antonio Izami Takayama e Maria Schizuka. (ARAÚJO, 2007).

¹⁵⁰ Relatório final da CPMI, 2006.

políticas públicas voltadas para os brasileiros que vivem no exterior.¹⁵¹ Esta mesma Frente também deveria apoiar os Projetos de Lei (PL) propostos pela CPMI e apresentados ao Congresso. Ao todo, foram propostos quatro PL.

Um desses projetos visa à tipificação do crime de tráfico de seres humanos, quando se tratar de emigração; outros buscam garantir aos emigrantes brasileiros a possibilidade de registro civil e de regularização da situação frente à Previdência Social. Além disso, a CPI propôs a criação da Secretaria Especial de Políticas ao Emigrante, que funcionaria no âmbito da Presidência da República.¹⁵²

Em 2010, o deputado Takayama afirmou que a Frente Parlamentar – criada em 2006, havia feito avanços na questão previdenciária de brasileiros residentes no Japão. Com a mediação de um acordo entre as respectivas Previdências Sociais do Brasil e do Japão, os brasileiros agora poderiam contribuir lá e caso, retornassem ao Brasil, receber essa parte. Já a questão dos brasileiros que possuem títulos de propriedade no Paraguai, apontada como problemática pela CPMI, até 2010 ainda permanecia sem resolução.¹⁵³

O foco para a criação da CPMI da Emigração foi a entrada maciça de emigrantes indocumentados nos EUA, valendo-se das rotas clandestinas pelas fronteiras mexicanas. Assim, a investigação dos agentes que compõem a indústria da migração ilegal e das rotas clandestinas utilizadas foi um importante fio condutor dos trabalhos realizados pela CPMI. No entanto, tal como afirma em sua conclusão, o relatório final da CPMI “preocupou-se, também, com o fenômeno da emigração em seus aspectos políticos, econômicos e sociais. Procurando entender o deslocamento de pessoas como fenômeno global, de que o Brasil é parte.”¹⁵⁴ E nos auxilia a compreender de que forma o Estado se posicionou diante da questão migratória no período recortado em nossa pesquisa.

1.2.1 Novela América

A CPMI da Emigração surge como uma resposta oficial do Estado para as autoridades internacionais diante do contexto global descrito anteriormente e do aumento vertiginoso das apreensões de brasileiros nas fronteiras estadunidenses. Mas, para além disso, a emigração

¹⁵¹ Agência Câmara de Notícias, 28 jun. 2006.

¹⁵² Agência Senado, 28 jun. 2006.

¹⁵³ Agência Câmara de Notícias, 16 set. 2010.

¹⁵⁴ Relatório final da CPMI, 2006, p. 569.

clandestina também se tornou tema de novela durante o período. Escrita por Glória Perez, a novela *América*¹⁵⁵ tinha como enredo principal a história de Sol (interpretada por Deborah Secco), uma carioca que nutria desde a infância o desejo de ter uma vida melhor nos Estados Unidos. Após duas tentativas frustradas de conseguir o visto para viajar legalmente, Sol procurou Alex (interpretado por Thiago Lacerda) com o intuito de atravessar a fronteira a qualquer custo¹⁵⁶. Dessa forma, a trama se desenvolvia representando os percalços do caminho percorrido pelos emigrantes que fazem a travessia clandestina pelo deserto mexicano.¹⁵⁷

Com a situação dos emigrantes indocumentados ocupando o horário nobre¹⁵⁸ da Globo, a CPMI da Emigração também buscava oferecer uma resposta à sociedade civil, chegando inclusive a tentar interferir no enredo da novela. Os jornais repercutiam a trama da novela¹⁵⁹ e informavam sobre a preocupação de autoridades brasileiras com a possível influência que a novela poderia causar, estimulando a emigração clandestina.

O jornal *O Estado de S. Paulo*, noticiou que a CPMI sobre a emigração estaria discutindo os efeitos sociais advindos da exibição da novela *América*. A reportagem trazia o depoimento do deputado federal Paulo Magno, um dos relatores da CPMI, que afirmava que a novela estaria estimulando os brasileiros a se arriscarem ilegalmente para entrar nos Estados Unidos e que, se o final dos personagens que representavam brasileiros em situação ilegal fosse feliz, isso incentivaria ainda mais o tráfico ilegal de emigrantes. Ainda chegou a cogitar-se a possibilidade de intimar a autora da novela para dar esclarecimentos e exigir que os personagens imigrantes não tivessem um final feliz.¹⁶⁰ O jornal entrou em contato também com a autora, Glória Perez, que disse que a CPMI deveria chamar para depor pessoas que tentaram a travessia do México para os EUA e que ela não esperava receber parabéns pela novela ter levado para os jornais um assunto tão sério e que até então era ignorado.¹⁶¹

Já a reportagem da *Folha* discutia se, ao exibir a questão da migração indocumentada, a novela *América* não estaria estimulando mais brasileiros a seguirem o caminho de Sol e

¹⁵⁵ Exibida durante o período de 14/03/2005 a 04/11/2005, atualmente se encontra integralmente disponível na plataforma *Globoplay*.

¹⁵⁶ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/america/trama-principal.htm>. Acesso em: 26/08/2020.

¹⁵⁷ LANTELME, L.; FRAGA, K. A. Discurso da novela *América* sobre a imigração de brasileiros para os EUA. *Revista Científica da Faminas*, Belo Horizonte, v.4, n.1, jan./abr. 2008.

¹⁵⁸ De acordo com Arlindo Machado (2011), o horário nobre é como ficou conhecido o horário em que há um pico de audiência na televisão, “onde se concentram os programas mais populares, ambiciosos e caros de cada rede” (MACHADO, 2011, p. 88).

¹⁵⁹ *Folha*, 6 mai. 2005; *Estadão*, 23 set. 2005.

¹⁶⁰ *Estadão*, 23 set. 2005.

¹⁶¹ *Ibidem*.

atravessarem clandestinamente a fronteira. A reportagem expunha, com um gráfico chamativo que ocupou grande parte do espaço a ela destinado, dados que demonstravam um aumento significativo na apreensão de brasileiros tentando entrar ilegalmente nos Estados Unidos pelo México. Entre esses dados, era comparado também o número de brasileiros capturados por mês entre outubro de 2004 e abril 2005. Além de apontar o enorme crescimento entre o ano de 2004 para 2005, os meses de março e abril de 2005 apresentam o dobro do número de brasileiros capturados entre janeiro e fevereiro do mesmo ano, com o mês de abril somando mais de 1.000 casos que em março. Levando-se em conta que a novela *América* teve sua estreia no mês de março de 2005, esses dados poderiam reforçar a hipótese de que a novela realmente teria influenciado a saída ilegal de brasileiros.

A reportagem também apresentava opiniões críticas à novela, como a da socióloga Teresa Sales, membro do Núcleo de Estudos de População da Universidade Estadual de Campinas (NEPO/Unicamp), que afirmava que a novela era, sim, responsável por um aumento do número de emigrantes ilegais tentando entrar nos Estados Unidos. Por outro lado, buscando ser imparcial, a reportagem apresentou também outras opiniões, como a do historiador da Universidade de São Paulo, José Carlos Sebe Bom Meihy, autor de um estudo sobre a imigração de brasileiros para os Estados Unidos.¹⁶² Ele afirmou não ser “plausível a ligação entre a novela e o aumento de brasileiros que se arriscam na fronteira México-EUA,”¹⁶³ já que, segundo ele, uma viagem dessa demanda muito tempo de preparação e a novela, na data da reportagem, ainda não havia ultrapassado os 40 capítulos. Sua opinião converge com a de Breno, um dos nossos entrevistados e que realizou a travessia naquele ano.

CM: Você chegou a assistir a novela América? Que passou nesse ano?

Breno: Assisti um... alguns capítulos. Assim, assisti bastante. Não cheguei a assistir tudo, mas assisti bastante.

CM: E você acha que te influenciou de alguma forma?

Breno: Não, não. Não me influenciou, não. A novela, né, a arte cênica tem essa coisa de excessos, então muita coisa ali que é realidade... mas tem muito excesso.

Além desses depoimentos, o jornal entrou em contato com o responsável pela novela, que afirmou que tais acusações eram o mesmo que “culpar a janela pela paisagem”, e que a novela não era responsável por estimular ou desestimular a realidade.¹⁶⁴

¹⁶² MEIHY, J. C. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.

¹⁶³ *Folha*, 6 mai. 2005.

¹⁶⁴ *Ibidem*.

Percebendo a imprensa como um espaço privilegiado de assimilação e articulação de interesses e projetos de diferentes forças sociais,¹⁶⁵ podemos observar como os dois jornais enfatizam pontos diferentes e se valem de linguagens diferentes para tratar do mesmo assunto. Ao optar por um depoimento ou outro, os jornais acabam revelando suas posições políticas. Por exemplo, é interessante notar que a reportagem de título “Relator de CPI [*sic*] não quer final feliz em ‘América’” enfatizava, em seu subtítulo, que o deputado Paulo Magno era um dos envolvidos no caso Mensalão: “denunciado por mensalão, petista estuda convocar Gloria Perez e Deborah Secco.”¹⁶⁶ Ao ressaltar que o deputado que faz críticas à novela *América* é um dos envolvidos no caso do *Mensalão*, o *Estadão* deslegitima, de certa forma, a crítica, que poderá ser lida então com desdém.

Da mesma forma, a *Folha*, apesar de apresentar depoimentos favoráveis à novela, quando coloca em evidência dados estatísticos que demonstram o aumento no número de brasileiros detidos ilegalmente na fronteira do México-EUA, no mesmo período em que se iniciou a exibição da novela, influencia seus leitores a acreditarem que ela realmente é responsável por esse aumento.

Apesar de toda a repercussão jornalística sobre a novela, nem a autora nem a equipe foram intimados a depor, sendo apenas convidados a participar de uma audiência pública onde poderiam compartilhar os conhecimentos adquiridos com a pesquisa para a novela, auxiliando nos trabalhos da CPMI.¹⁶⁷ Ao final da novela, os personagens que representavam imigrantes indocumentados terminaram sua trama conseguindo o *green card*¹⁶⁸ por meio de um sorteio, podendo viver permanentemente nos Estados Unidos, alcançando assim o final feliz. Além disso, o relatório final da CPMI da Emigração, aprovado em 2006, não incluiu nenhum comentário sobre a novela ou sobre a participação da equipe da novela durante os trabalhos da Comissão.

1.3 POLÍTICA ECONÔMICA: O GOVERNO LULA

Entre os anos 2001 e 2009, vimos um endurecimento das políticas imigratórias estadunidenses, acompanhadas por movimentos civis em prol do fechamento das fronteiras. No

¹⁶⁵ CRUZ; PEIXOTO, 2007.

¹⁶⁶ *Estadão*, 23 set. 2005.

¹⁶⁷ *Agência Câmara de Notícias*, 28 jun. 2006.

¹⁶⁸ O *green card* é um visto americano, que permite ao migrante o direito de morar, trabalhar e estudar nos Estados Unidos em caráter permanente. Disponível em: <https://br.usembassy.gov/pt/visas-pt/portadores-de-green-card/>. Acesso em 28/08/2020.

mesmo sentido, vimos o México rever sua política imigratória em relação ao Brasil, passando a exigir vistos para brasileiros. Ao mesmo tempo, a apreensão de emigrantes brasileiros indocumentados tentando entrar nos Estados Unidos bateu números recordes,¹⁶⁹ o que levou o governo brasileiro a realizar uma CPMI da Emigração para investigar a situação.

Esse período abrange a transição do Governo PSDB, liderado por Fernando Henrique Cardoso, para o Governo PT, de Luíz Inácio Lula da Silva, e é marcado por uma maior estabilidade econômica e política em comparação aos períodos anteriores. O primeiro mandato do Governo Lula (2003-2006) se iniciou em “um contexto de esgotamento da agenda neoliberal e sob uma perspectiva de mudança nas políticas, especialmente a política econômica e social.”¹⁷⁰ Apesar disso, sua gestão adotou uma postura de continuidade com a política econômica anterior, orientando-se “pelos mesmos princípios e diretrizes adotadas no governo FHC”¹⁷¹ e não gerando grandes ganhos econômicos.

Já no segundo mandato de Lula (2007-2010), o Brasil experienciou um crescimento econômico com a adoção de medidas fiscais e creditícias, que possibilitaram a expansão do consumo e da renda e potencializaram o mercado interno. Com o crescimento econômico, a gestão de Lula adotou medidas de política social que foram responsáveis pela redução das desigualdades sociais, tais como o Programa Bolsa Família, sem romper com a estabilidade alcançada.¹⁷² Assim, Belieiro Junior afirma que “as boas condições econômicas e políticas da segunda metade dos anos 2000 criaram um otimismo inédito na geração recente, acostumados a uma vivência social marcada pela instabilidade e incertezas da economia e do mundo do trabalho.”¹⁷³

Dessa forma, podemos afirmar que a manutenção dos fluxos migratórios não pode ser explicada tendo-se em vista apenas fatores econômicos, já que nesse período a economia brasileira encontrava-se estabilizada e em crescimento ao longo do Governo Lula. Como veremos adiante, a presença de uma cultura migratória e de uma rede facilitadora são fundamentais para compreensão do processo migratório de brasileiros para os Estados Unidos.

¹⁶⁹ *Folha*, 4 jul. 2004.

¹⁷⁰ BELIEIRO JUNIOR, J. C. M. Economia e política da transição democrática no Brasil: uma análise dos governos FHC, Lula e Dilma. *NORUS*, v. 4, n. 5, p. 205, 2016.

¹⁷¹ BELIEIRO JUNIOR, 2016, p. 206.

¹⁷² *Ibidem*, 2016.

¹⁷³ *Ibidem*, p. 208.

1.4 CULTURA DA MIGRAÇÃO E A MERCADO DA MIGRAÇÃO ILEGAL

Segundo o dicionário Michaelis de 2020, versão online, **migração** tem como primeiro significado o seguinte: “movimentação de um povo, ou de um grande número de pessoas, para um país diferente, ou a uma região diferente dentro desse mesmo país, geralmente motivada por razões políticas ou econômicas.” Ou seja, a concepção básica de migração refere-se à ideia de movimento/deslocamento entre dois lugares distintos. Esse movimento/deslocamento não é apenas geográfico e linear, mas também um movimento em diferentes sentidos, podendo ser social, cultural, econômico, político e múltiplo, indo para além dos binômios origem-destino, ida-vinda.¹⁷⁴ Assim, compreende-se a possibilidade de múltiplas idas e vindas, em sentidos múltiplos, percebendo a complexidade da experiência movedora onde o retorno do migrante pode ou não implicar a ideia de retorno ao ponto de partida.

Nesse sentido, percebemos que a migração na região do Vale do Rio Doce é experienciada para além de motivos/razões econômicas e políticas, mas principalmente culturais, construídas ao longo do tempo. Raymond Williams compreendia a cultura como “um estado ou um hábito mental ou, ainda, um corpo de atividades intelectuais e morais; agora, significa também todo um modo de vida.”¹⁷⁵ De tal forma que podemos definir cultura como um código pelo qual pessoas de um certo grupo pensam, agem, se identificam e transformam a si e a natureza que está a sua volta. Nessa mesma direção, Geertz aponta que a cultura é a própria condição de existência dos seres humanos, produto das ações por um processo contínuo, através do qual os indivíduos dão sentido à suas ações.¹⁷⁶

Em seu trabalho de mestrado, Sousa¹⁷⁷ se questiona sobre a permanência dos fluxos migratórios – Minas Gerais-Estados Unidos, mesmo com a melhora do quadro econômico brasileiro pós-1990 e com o aumento dos empecilhos internacionais para a entrada de estrangeiros nos Estados Unidos pós-11 de setembro. Como resposta, ele identifica a perpetuação de uma cultura migratória desenvolvida nessa região desde os anos 1980, que molda os costumes e valores, transformando o deslocamento internacional como único caminho possível para atingir o sucesso econômico e pessoal.¹⁷⁸ Por outro lado, o desenvolvimento e intensificação, de uma indústria da migração ilegal,¹⁷⁹ auxilia os habitantes dessa região a

¹⁷⁴ OSMAN, 2007.

¹⁷⁵ WILLIAMS, R. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1969. p. 20.

¹⁷⁶ GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. p. 57.

¹⁷⁷ SOUSA, 2016.

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ FAZITO, SOARES, 2014.

burlarem os empecilhos legais e alcançarem o sonho de “fazerem a América”. Dessa forma, os fluxos migratórios se mantêm, sobrepujando as dimensões funcionais e econômicas da migração.

1.4.1 Minas Gerais e a Cultura da Migração

Localizada no leste mineiro, a região do Vale do Rio Doce é composta por 102 municípios, com uma população estimada de mais de 1 milhão de habitantes.¹⁸⁰ Dentre os municípios mais expressivos dessa região, destacam-se as cidades de Ipatinga e Governador Valadares. Esta última é reconhecida como o centro econômico regional do leste de Minas Gerais e do estado vizinho, Espírito Santo,¹⁸¹ tornando-se referência para as cidades menores em seu entorno, tal como Sardoá¹⁸².

O Vale do Rio Doce é considerado a região remetente de emigrantes por excelência em Minas Gerais, constituindo, junto às cidades da redondeza, o que ficou conhecido como “eixo remetente”. Em Governador Valadares, por exemplo, depois dos anos 2000, quase todos os lares locais possuíam membros que viviam no exterior.¹⁸³

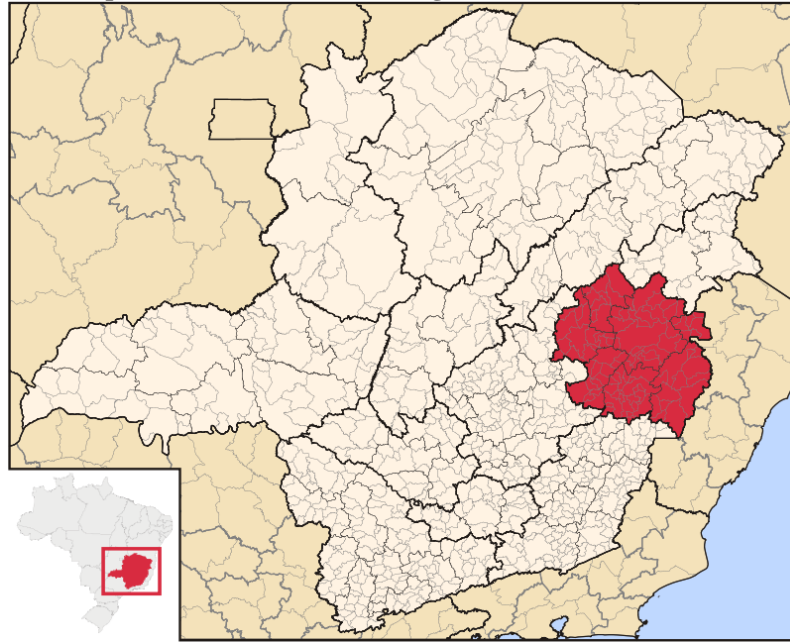
¹⁸⁰ IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico Brasileiro 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

¹⁸¹ MARGOLIS, 2013.

¹⁸² Composta por pouco mais de 5 mil habitantes (IBGE, 2010), Sardoá é a cidade de origem de quatro dos entrevistados na presente pesquisa.

¹⁸³ MARGOLIS, 2013.

Imagem 2: mapa de Minas Gerais com a região do Vale do Rio Doce em destaque



Fonte: página do verbete na Wikipédia.

A emigração da região do Vale do Rio Doce para os Estados Unidos tomou um primeiro impulso a partir da década de 1970, quando o país atravessa uma grande crise econômica, que se segue após o esgotamento do período que ficou conhecido como “milagre econômico”.¹⁸⁴ Os Estados Unidos são escolhidos como país de destino por esses indivíduos, devido principalmente à presença constante de norte-americanos no território desde a II Guerra Mundial. Como é salientado por Soares¹⁸⁵, o comércio da mica, um importante mineral utilizado pela indústria bélica, trouxe diversas firmas estadunidenses para região. São essas companhias que realizam modificações no traçado da Estrada de Ferro Vitória a Minas e constroem o Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, com o intuito de extinguir a malária na região.

Por outro lado, desde os anos 1940, os Estados Unidos compõem o imaginário dos brasileiros enquanto um lugar de prosperidade e sucesso. Explorado nos filmes, na música e com a tecnologia norte-americana, o *american way of life* passa a ser desejado num “jogo de sedução” que é consumado com a emigração.¹⁸⁶ Dessa forma, firmaram-se vínculos sociais, econômicos e culturais entre os valadarenses e os norte-americanos, norteadando historicamente os Estados Unidos como opção migratória.¹⁸⁷

¹⁸⁴ SOUSA, 2016.

¹⁸⁵ SOARES, 2002.

¹⁸⁶ MARGOLIS, 2013.

¹⁸⁷ SOARES, 2002.

1.4.2 A cultura migratória na região do Vale do Rio Doce

São diversas as razões que levam indivíduos a ir em busca do “sonho americano”. Apesar de o desejo de prosperar financeiramente ser evocado como principal motivo, a escolha em progredir por meio da migração para os Estados Unidos está consolidada em uma cultura migratória que se formou na região do Vale do Rio Doce. Segundo Sousa,¹⁸⁸ essa cultura migratória surgiu do intenso contato dos moradores com os norte-americanos desde a II Guerra Mundial, onde se constituiu uma rede social da migração entre origem e destino. Além disso, a cultura migratória vem se perpetuando através da presença dos emigrantes retornados, que alimentam os imaginários sobre a terra estrangeira como terra de inúmeras oportunidades.¹⁸⁹ Com um discurso que retrata a emigração enquanto um investimento pessoal, familiares, amigos e os emigrantes que retornaram estimulam outros a seguirem o mesmo caminho, atenuando os custos psicológicos de deixar o Brasil e viver longe dos entes queridos.¹⁹⁰

Assim, as interações cotidianas entre os migrantes e não migrantes, estrangeiros e nacionais, compartilhando símbolos e objetos característicos do chamado *american way of life*, elaboraram as representações sociais que fundamentam a cultura migratória. Baseado no conceito de rede de significados, Sousa¹⁹¹ faz um mapeamento dos principais eixos que compõem a cultura da migração na microrregião de Governador Valadares. De acordo com o autor, “a intermediação dessa rede é principalmente regida pelos objetos Trabalho, Vida Melhor, Dinheiro, Saudade e Estados Unidos, isso significa dizer que estes itens gerenciam, quase que exclusivamente, o fluxo de representações sobre o objeto ‘migração internacional’.”¹⁹² É a partir desses termos que se constituiu o imaginário social sobre imigração internacional na região do Vale do Rio Doce, alimentado pela experiência dos que emigraram e sonho daqueles que ainda não chegaram a ir. Ao longo do tempo, o desejo de emigrar se difundiu para os municípios vizinhos,¹⁹³ tal como Sardoá – como podemos perceber a partir das entrevistas realizadas.

Pedro: Bom, a gente saiu daqui um dia, nem lembro que dia que foi. Mas aí saiu uma van, com as pessoas que iam sair daqui de Sardoá e fomos pra Valadares. Aí, lá em Valadares, já era outra pessoa que estava recebendo a gente, aí já... já juntou com mais gente. Gente de outras cidadezinhas, iguais a essa cidade. Umas, vamos supor que

¹⁸⁸ SOUSA, 2016.

¹⁸⁹ SOUSA, 2016; SOARES, 2002.

¹⁹⁰ MARGOLIS, 2013.

¹⁹¹ SOUSA, 2016.

¹⁹² Ibidem, p. 95.

¹⁹³ SOUSA, 2016; SOARES, 2002.

Valadares era... era o polo onde reunia, sei lá, 5 de uma cidade, 5 de outra, 5 de Sardoá... aí juntou todo mundo, entrou nessa van e foi embora.

Conforme Michelet, o imaginário social “é o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes, mas também é o lugar de lutas e conflitos entre o povo dominado e as forças que o oprimem.”¹⁹⁴ Sendo um aspecto da vida social, é através dos imaginários sociais que uma coletividade define sua identidade e elabora uma representação de si, definindo os papéis de cada indivíduo, além de estabelecer um código de comportamento baseado em modelos formadores. Esse imaginário social é transmitido através da produção de “discursos” e símbolos, nos quais e pelos quais se efetua a reunião das representações coletivas em uma linguagem.¹⁹⁵

O imaginário social que compõe a cultura do migrar, e que é disseminado entre a população da região do Vale do Rio Doce por meio de redes de sociabilidade entre migrantes e não migrantes, exerce uma influência real e em graus variados sobre os comportamentos individuais e coletivos, produzindo muitas vezes escolhas que são “imaginadas como as únicas possíveis.”¹⁹⁶ É dessa forma que o desejo de migrar para o exterior está presente desde a infância dos moradores dessa região, como sendo parte de sua experiência de vida e determinando suas escolhas.¹⁹⁷ Assim, para apresentar o surgimento da ideia de migrar, os entrevistados aludem ao fato de nascerem e/ou viverem na cidade de Sardoá, reconhecendo a migração como parte da cultura daquela região.

Pedro: É, na realidade, isso surgiu, tipo assim, vem, isso vem criando na cabeça da, até de uma criança de uma cidade pequena igual Sardoá, porque desde que a gente se entende por gente, nessa região, todo mundo vai pra lá pra buscar é... é uma qualidade de vida, né? Pra... pra família e pra si próprio. Então, isso já vem martelando na cabeça da gente até... sei lá, com a gente com 12 anos, 13 anos, a gente já tem essa ideia. Então surgiu a partir disso.

Renant: Então, é mais é... é aquela coisa, você tá seguindo a manada. Desde criança a gente via as pessoas da cidade migrando, todo mundo, a cidade é uma cidade do interior, não tem muita oportunidade, não tem muito pra onde ir, pra onde crescer, não tem... essa questão. E você vê a vida inteira as pessoas indo e conseguindo as coisas e conseguindo uma qualidade na vida através do trabalho lá, aí vai despertando aquela curiosidade, aquela coisa todo mundo fala, “lugar bom, ganha dinheiro”, enfim, aí você vai crescendo com aquilo na mente, é uma questão de cultura, né?! Você vê a cultura da cidade, você pega, por exemplo, Sardoá, que você conheceu, de... a cada

¹⁹⁴ 1847-53 apud BACZKO, 1985.

¹⁹⁵ BACZKO, 1985.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 312.

¹⁹⁷ SOUSA, 2016; SOARES, 2002.

10 famílias, 9 têm pessoas nos Estados Unidos. Então é aquela questão de cultura mesmo, aí você acaba seguindo a manada.

Breno: Hum, ah, então. O fato, né, de ter vindo da cidade do interior, de Sardoá, no Vale do Aço, né?! E aquela região muitas pessoas vão para os Estados Unidos e... e trabalham e etc., e sempre tão comentando que é melhor, que você tem a condição de melhorar de vida e etc.

José: Ah, eu fui por... por influência, né, dos meus primos que... os meus primos não. O pessoal lá do interior em geral, né? Pessoal de Sardoá, em geral, que todo mundo vai, e, na época, eu fiquei desempregado. Eu trabalhei, eu fiquei desempregado, e fiquei tipo... já, eu já tinha vontade de, de ir, né, como eu fiquei desempregado, eu... eu optei por ir.

Assim, podemos concluir que a cultura migratória estabelece a migração como um “rito de passagem”, associando a mobilidade populacional ao sucesso individual e coletivo. A migração é legitimada no imaginário social como sendo a norma e, conseqüentemente, transforma a imobilidade em antítese do sucesso.¹⁹⁸ É importante ressaltar também que os processos culturais são perpassados por conflitos e tensões, não se dando de forma homogênea. Apesar de identificamos a existência da cultura da migração nessa região, não é possível afirmar que ela seja interpretada da mesma maneira por todos os indivíduos, resultando sempre como impulsionador migratório.

1.4.3 Indústria da Migração

A indústria da migração já vem sendo estudada por diferentes profissionais, entre antropólogos, demógrafos, sociólogos, historiadores, que vêm analisando os vários aspectos e componentes desse fenômeno. Rubén Hernández-Leon fez um levantamento da bibliografia principal sobre o tema, percebendo que

uma das funções históricas da indústria da migração tem sido não somente unir geograficamente lugares distantes, mas também ajudar os migrantes a cruzar as fronteiras que marcam a separação política entre os Estados. [...] O conceito da indústria da migração está ancorado na descontinuidade geopolítica que os Estados e suas fronteiras impõem à mobilidade humana internacional.¹⁹⁹

¹⁹⁸ SOUSA, 2016.

¹⁹⁹ HERNÁNDEZ-LEON, R. La industria de la migración en el sistema migratorio México-Estados Unidos. *Trace*, v. 61, p. 43, jun. 2012.

A partir disso, pode-se pensar na indústria da migração enquanto a prestação de serviços especializados que facilitariam e tornariam possível a migração de pessoas, com o intuito principal de lucrar. Concebendo então qualquer tipo de serviço especializado nesse sentido, que não se valha, necessariamente, de meios ilegais.

Sendo a mobilidade internacional legítima um monopólio do Estado, é ele quem intervém como mediador entre a indústria da migração e as redes de migrantes, criando, por meio de políticas estatais, as “condições que estimulam ou inibem a demanda de certos serviços migratórios e a oferta de outros.”²⁰⁰ Assim, quando o Estado nega a determinados indivíduos e/ou grupos a permissão/documentação para entrar no país, esses acabam buscando meios alternativos de deslocamento, consolidando uma indústria da migração ilegal. É o que podemos perceber a partir da entrevista com Saulo, que, após ter o visto negado, entrou em contato com uma pessoa, buscando um meio de atravessar a fronteira para os EUA.

Saulo: Eu tentei o visto pelas formas legais, né?! Fui no consulado, fiz toda a programação de documentação, só que ali é uma loteria, né. O consulado americano é uma loteria. De cada dez ali, eles carimbam um visto permanente, e nove são negados. Às vezes, pela cara, pelo jeito, pela situação, muito difícil, só pessoas que tinham mesmo capacidade de ter visto, adquiriam. E eu fui lá, tentar esse visto e não consegui. E voltei com a negativa, né, daí surgiu a situação de um, de uma pessoa, inclusive é mineira, aqui de Minas, de Valadares, e era... a intenção era, na verdade, era negociar um valor, e ele me falou que era 10 mil dólares, o valor da propina que ele ia passar, e aí... ele teve lá em Vitória, conversou comigo pessoalmente, me explicou como é que funcionava, a situação aí.

Os outros três entrevistados relatam nem terem tentado conseguir o visto para viajar legalmente. Oriundos da região do Vale do Rio Doce e já familiarizados com as redes migratórias e a indústria da migração ilegal, eles apontam as dificuldades de alguém daquela região conseguir o visto e a pressa em realizar o sonho, como motivos para optarem diretamente pela travessia clandestina.

CM: Você tentou tirar o visto?

Breno: Não, porque na época tinha acontecido, tava acontecendo diversas coisas no mundo todo, né?! Foi na época que o Jean Charles²⁰¹ foi morto na Inglaterra e eles estavam negando visto até pra jornalista, artista, né?! Ninguém tava conseguindo ir pros Estados Unidos, então. E o fato de ter nascido naquela região também já... [risos].

²⁰⁰ HERNÁNDEZ-LEON, 2012, p. 47, tradução nossa.

²⁰¹ Jean Charles de Menezes, brasileiro natural de Gonzaga, próximo à Sardoá, morto injustamente por policiais em 24/07/2005 no metrô de Londres. Em conversa posterior a gravação, o entrevistado afirmou estar presente enquanto passava um cortejo fúnebre em homenagem a Jean Charles na cidade de Sardoá, a caminho de Gonzaga.

José: Não, não tentei. [...] Você tem que ter... você tinha que ter uma renda boa, você tinha que ter um emprego... hum... é o que, assim, né... É mais pelo que os outros falavam mesmo, né, que tinha, pra você tentar um visto, você tinha que ter bens, você tinha que ter um emprego bom, e eu não tinha na época nada disso.

Pedro: Não, nem tentei. Na verdade, eu acho que a gente fica numa... numa ilusão tão grande de já... já ir viajar, né, de fazer tudo que você, tipo assim, de realizar seus sonhos, você vai naquela ilusão, você nem pensa nas formas legais, você já pensa em chegar logo no lugar e trabalhar e...viver, né.

Sem ter o direito de entrar, o imigrante se caracteriza como ilegal ou indocumentado a partir da possibilidade ou ameaça de sua deportação, que “advém da existência real de um aparato estatal para prender e deportar imigrantes ilegais.”²⁰² Ou seja, o Estado, por meio das práticas legislativas, discursivas e policiais, torna-se protagonista na construção da experiência da ilegalidade, que tem sua condição constituída e caracterizada “no cruzamento de diferentes espacialidades e temporalidades econômicas, sociais, culturais e subjetivas.”²⁰³

1.4.4 A Indústria da Migração Ilegal em Minas Gerais

A partir de 1980, com uma significativa demanda pela emigração internacional, constituiu-se na região do Vale do Rio Doce e de Valadares um “mercado da migração”, composto por diversos agentes e instituições, que se distribuem e se organizam de forma a possibilitar e garantir a travessia do Brasil para os Estados Unidos.²⁰⁴ É notável, nesse período, por exemplo, o aumento considerável de agências de turismo, chegando a serem abertas mais de 40 agências entre o período de 1975 a 1994.²⁰⁵ Porém, o progressivo fechamento das fronteiras estadunidenses na década de 1990, com a imposição de inúmeras restrições para a retirada do visto, principalmente para valadarenses, levou à consolidação da chamada “indústria da migração ilegal” nessa região, que fornece desde documentos falsos até os meios necessários para consolidação da travessia ilegal das fronteiras.²⁰⁶

Já vimos que a cultura migratória se consolida por meio dos imaginários sociais criados e perpetuados a partir das redes sociais desenvolvidas entre local de saída e destino. Essas redes

²⁰² NGAI, M. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965. *Tempo*, v. 13, n. 25, p. 10, 2008.

²⁰³ YAMAUIE, T. L. Fronteiras da ilegalidade: migrações não documentadas de Governador Valadares. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. p. 42.

²⁰⁴ SOUSA, 2016.

²⁰⁵ SOARES, 2002; SOUSA, 2016.

²⁰⁶ SOUSA, 2016; FAZITO; SOARES, 2014.

sociais se compõem por emigrantes retornados, que já vivenciaram a experiência migratória, e por familiares, amigos e conhecidos que ainda estão no exterior e poderiam, portanto, facilitar a migração de outros parentes interessados, os quais alimentam a cultura migratória no desejo de seguir o caminho dos compatriotas. Esse tipo de auxílio, que pode ser desde um empréstimo financeiro para a travessia até hospedagem temporária e oferta de um emprego, provavelmente era ofertado de forma descompromissada entre redes afetivas, pessoais e/ou familiares, que com o tempo se configuraram em redes menos “pessoalizadas” e mais profissionais.²⁰⁷

O desenvolvimento da “indústria da migração ilegal” na região de Governador Valares se dá, então, com a profissionalização das estruturas que facilitam e permitem o deslocamento transnacional de pessoas indocumentadas. Caracterizada pela criação de organizações de agenciadores que atuam na venda de passagens, na falsificação de documentos, no auxílio da travessia clandestina das fronteiras etc.,²⁰⁸ a “indústria da migração ilegal” oferece dois caminhos mais comuns para a entrada nos Estados Unidos, a saber: o fornecimento de documentação falsa para a tentativa de conseguir o visto junto aos consulados americanos, ou travessias clandestinas das fronteiras dos países vizinhos.²⁰⁹

Assim, os atores que compõem a indústria da migração “lubrificam a engrenagem dos sistemas migratórios, desencadeando fluxos, facilitando os movimentos populacionais e criando as infraestruturas sociais e econômicas que sustentam a migração e a expandem no tempo e no espaço.”²¹⁰ Essa infraestrutura social e econômica, aliada às redes sociais e permeadas pela cultura da migração, caracterizam-se como os principais motores migratórios.

Além disso, o panorama contextual exposto ao longo deste capítulo nos permite acessar alguns imaginários sociais construídos em nível internacional, nacional e regional sobre a migração de brasileiros para os Estados Unidos. Em nível internacional – a partir das políticas anti-imigratórias do governo de George W. Bush e das ações de movimentos civis estadunidenses, tais como o *Minuteman*, temos a construção do imigrante enquanto um vilão, um possível terrorista que estaria invadindo as fronteiras para ocupar espaços de trabalho e/ou cometer violências contra nacionais.²¹¹ Em nível nacional, a partir da análise do relatório final da CPMI da Emigração, o emigrante é visto como uma vítima, tanto do contexto econômico

²⁰⁷ YAMAUIE, 2011.

²⁰⁸ YAMAUIE, 2011;

MACHADO, I. J. R. Considerações sobre a construção de identidades brasileiras em Portugal e suas relações com categorias étnicas. In: *XXIX Encontro Anual da ANPOCS*, 2005.

²⁰⁹ SOUSA, 2016; FAZITO; SOARES, 2014.

²¹⁰ HERNÁNDEZ-LEON, 2012, p. 45, tradução nossa.

²¹¹ *Estadão*, 17 abr. 2005.

em que se encontra o país,²¹² quanto daqueles que compõem a indústria da migração ilegal, que criminalmente expõem esses emigrantes a riscos e vulnerabilidades em troca de lucro.²¹³ Já em nível regional, a cultura da migração associa o sucesso econômico e pessoal a partir do deslocamento populacional, assim, aquele que emigra para os Estados Unidos é visto como alguém que alcançou o sucesso.

²¹² *Portal do Senado*, 23 mar. 2005.

²¹³ Relatório final da CPMI, 2006.

CAPÍTULO 2

TRAVESSIAS CLANDESTINAS – IMAGINÁRIOS SOCIAIS

Ao longo do primeiro capítulo, o panorama contextual exposto nos permitiu acessar alguns imaginários regionais, nacionais e internacionais sobre a migração de brasileiros para os Estados Unidos. Neste capítulo, debruçamo-nos sobre as diferentes representações das travessias clandestinas das fronteiras México-EUA que instituem e foram instituídas por diferentes imaginários sociais. Para tanto, analisamos alguns elementos chave dessas representações, buscando compreender como eles são apropriados em diferentes discursos – midiáticos, legais e narrativos testemunhais. Um desses elementos é a “indústria da migração ilegal”, personificada na figura emblemática do *coiote*. Exploramos os diferentes sentidos encontrados nos diferentes suportes ao caracterizar essa indústria, percebendo as aproximações e distanciamentos dessas representações. Outros elementos que compõem os imaginários acerca da travessia clandestina dizem respeito às “experiências incomuns” vivenciadas na tentativa de atravessar a fronteira. Buscamos, ao longo do capítulo, problematizar, identificar e analisar essas vivências, percebendo como são descritas e interpretadas nas narrativas de memória dos emigrantes retornados.

2.1 INDÚSTRIA DA MIGRAÇÃO ILEGAL – O COIOTE

Nos jornais pesquisados, foi encontrada uma grande variedade de termos para explicitar a atuação da “indústria da migração ilegal” e daqueles que desempenham variadas funções dentro dela (ver tabela 1). Do total de 13 termos encontrados, ‘coiote’ foi a denominação que apareceu mais vezes, estando presente em 23 reportagens. Algumas vezes, o termo vinha acompanhado de sua definição, como guia de emigrantes²¹⁴ e/ou pessoa que leva/facilita a entrada de emigrantes clandestinos para os EUA²¹⁵ em troca de valores exorbitantes,²¹⁶ geralmente identificando sua atuação nas cidades fronteiriças do México.²¹⁷

Por outro lado, os termos ‘agenciadores’, ‘aliciadores’ e ‘financiadores’ aparecem ligados à atuação desses agentes no Brasil, principalmente na grande região do Vale do Rio

²¹⁴ *Veja*, 18 jun. 2014 e 4 fev. 2004; *Folha*, 6 mai. 2005.

²¹⁵ *Estadão*, 31 ago. 2010.

²¹⁶ *O Globo*, 10 set. 2005.

²¹⁷ *Estadão*, 25 jul. 2007 e 11 mai. 2003; *Folha*, 4 jun. 2006 e 30 nov. 2005; *O Globo*, 26 abr. 2005.

Doce.²¹⁸ Em algumas reportagens, esses termos aparecem como funções de um aparato maior, denominadas como organizações criminosas/crime organizado, quadrilhas criminosas e tráfico de pessoas/emigrantes.²¹⁹

Tabela 1: termos relacionados à indústria da migração legal – ocorrências por jornal/revista

Termo	Estadão	Folha	Veja	O Globo
Coioote	9	6	2	6
Agenciadores	7	4		1
Cônsules	4			1
Operadores		1		
Aliciadores	1	1		
Acompanhantes		1		
Financiadores		1		
Atravessadores		2	1	1
Guias			1	
Quadrilhas criminosas	1	4	1	2
Organizações criminosas		2		
Crime organizado	2			
Tráfico de pessoas/emigrantes	4	3		2

Fonte: elaborada pela autora com base nos acervos *online* dos jornais e revista citados.

Por se tratar de uma travessia indocumentada, as reportagens de jornal denominam essa rede, responsável por emigrar pessoas clandestinamente, com termos comumente utilizados para descrever associações de atividades ilícitas, tais como ‘crime organizado’, ‘quadrilhas criminosas’ etc. Destacamos que a maioria das reportagens encontradas relatava situações de abusos, violências²²⁰ e assassinatos,²²¹ ocorridos na fronteira do México, revelando as péssimas condições em que essa travessia ocorre, onde os migrantes “aguentam de tudo: terror, medo, cansaço, sede, fome, constrangimento.”²²² Segundo a Polícia Federal, “as condições para quem se dispõe a isso são muito precárias. Faltam água, comida e hospedagem. Há até um cemitério clandestino que fica na fronteira do México com os Estados Unidos, onde estão os corpos

²¹⁸ *Estadão*, 30 ago. 2010 e 25 jun. 2007; *Folha*, 4 jun. 2006 e 30 mai. 2005.

²¹⁹ *Folha*, 23 fev. 2007, 4 jun. 2006, 4 jul. 2004 e 30 nov. 2005; *Estadão*, 30 ago. 2010 e 31 ago. 2010; *O Globo*, 19 mai. 2006 e 1 mai. 2005b.

²²⁰ *Estadão*, 11 mai. 2003 e 24 nov. 2013; *O Globo*, 10 set. 2005.

²²¹ *Estadão*, 30 ago. 2010; *Folha*, 30 ago. 2010; *O Globo*, 19 mai. 2006.

²²² *O Globo*, 1 mai. 2005a.

daqueles imigrantes que morreram no meio do caminho.”²²³ As cruzes que marcam os túmulos dos “aventureiros mortos por cobras venenosas ou afogados em meio à travessia” são “alertas emblemáticos” sobre os riscos que estão fincados ao longo do caminho.²²⁴

Nessas reportagens, as violências, abusos e até assassinatos de emigrantes durante a travessia são apontados como responsabilidade da “indústria da migração ilegal”,²²⁵ que envolve “extorsão, sequestro, agiotagem e assassinado.”²²⁶ A “indústria da migração ilegal” é, na maioria das vezes, personificada na figura do coioote, que é, na grande maioria das reportagens, identificado como um mexicano que extorpe emigrantes, assedia mulheres, faz uso de entorpecentes e abandona os emigrantes²²⁷ sem alimento, sem água²²⁸ e sem assistência em caso de acidentes.²²⁹

O coioote é identificado como um mexicano que atua nas fronteiras, transportando os emigrantes,²³⁰ enquanto o atravessador/aliciador é um brasileiro que tem sua atuação ligada ao Brasil.²³¹

Já no levantamento feito no *Portal do Senado* e na *Agência Câmara de Notícias*, as buscas com o termo ‘migração’ resultaram num total de 66 reportagens sobre a migração de brasileiros para os Estados Unidos. Sendo 48 reportagens encontradas na Agência Câmara e 18 reportagens no Portal do Senado. Tal como foi encontrado nos jornais, a “indústria da migração ilegal” tem sua atuação identificada sob diferentes denominações nessas reportagens. O termo ‘coioote’ permanece aparecendo predominantemente, sendo seguido dos termos ‘agenciador’ e ‘aliciador’. Algumas vezes, coioote é identificado como o intermediário de imigrantes ou intermediário para entrada nos Estados Unidos, tendo sua atuação indicada dentro dos três países: Brasil, México e Estados Unidos.²³² Tais reportagens não diferenciam a área de atuação ou as três funções, sendo os termos utilizados enquanto sinônimos. Agenciadores, por exemplo, são identificados como “os chamados coiootes”,²³³ e “providenciam documentos, passagens, empregos e alojamentos para brasileiros.”²³⁴

²²³ *Folha*, 30 nov. 2005.

²²⁴ *O Globo*, 1 mai. 2005b.

²²⁵ *Folha*, 23 fev. 2007.

²²⁶ *Estadão*, 5 set. 2010.

²²⁷ *O Globo*, 19 mai. 2006.

²²⁸ *Folha*, 4 jun. 2006.

²²⁹ *Estadão*, 30 nov. 2005.

²³⁰ *Estadão*, 25 jul. 2007 e 11 mai. 2003; *Folha*, 4 jun. 2006 e 30 nov. 2005.

²³¹ *Estadão*, 30 ago. 2010 e 25 jul. 2007; *Folha*, 4 jun. 2006, 30 mai. 2005 e 20 nov. 2005.

²³² *Agência Câmara de Notícias*, 31 mar. 2005a, 31 mar. 2005b e 31 mar. 2005c.

²³³ *Agência Câmara de Notícias*, 1 abr. 2005.

²³⁴ *Agência Câmara de Notícias*, 24 fev. 2006.

No relatório final da CPMI da Emigração, a atuação da “indústria da migração ilegal” é detalhadamente descrita após a investigação executada pelo Governo Federal. No capítulo 5 (“Os destinos e os desafios dos emigrantes brasileiros”), os relatores da CPMI discorrem sobre “os perigos da travessia - tópico 5.1.5”, e procuram entender “o funcionamento da indústria da emigração - tópico 5.1.6”, afirmando que “o coioite é peça-chave no grande quebra-cabeças da indústria da emigração irregular.”²³⁵ Nesse sentido, ‘coioite’ é compreendido pela CPMI como “sinônimo do sujeito que, mediante pagamento ou promessa de pagamento, guia um ou mais emigrantes não documentados na travessia da fronteira México-EUA.”²³⁶ O relatório diferencia ainda, tal qual encontramos nos jornais pesquisados, a atuação do coioite (ou *coyote* para os mexicanos) e dos aliciadores/agenciadores, afirmando que, para os norte-americanos, o termo utilizado é apenas *human smugglers* (traficante de pessoas). Assim, o coioite é comumente identificado enquanto um mexicano que atua na fronteira, sendo o agenciador aquele que opera junto aos emigrantes no Brasil.²³⁷

Em seu relatório final, a CPMI afirma que “a travessia representa um enorme perigo à vida dos emigrantes,”²³⁸ onde eles estariam sujeitos a

ser vítimas do tráfico de pessoas, correr risco de morte ao tentar ingressar ilegalmente nos Estados Unidos, ser deportados logo no aeroporto de chegada, ser explorados sem nenhuma das garantias trabalhistas a que teriam direito, viver escondidos e com medo de serem descobertos, amontoar-se em cubículos com dezenas de contêrreos para poupar o máximo de dinheiro e um dia retornar ao Brasil. Mulheres brasileiras são atraídas por propostas de trabalho no exterior e são exploradas sexualmente – são vistas e tratadas como objeto disponível e exótico servido aos homens dos países ditos desenvolvidos.²³⁹

Aponta inclusive as dificuldades que os emigrantes enfrentam ao permanecerem indocumentados no país de destino.

Na introdução do relatório da CPMI, o ‘termo’ coioite aparece pela primeira vez listado como uma das limitações que os migrantes enfrentam no caminho e a sua atuação é descrita dentro do subtítulo “perigos da travessia”, sendo aquele que, além de orientar pelo caminho, também “corrompe autoridades”. Tal como foi encontrado nos jornais, a figura do coioite é associada aos casos de violência e abandono, identificados pela CPMI enquanto perigos para

²³⁵ Relatório final da CPMI, 2006, p. 112.

²³⁶ Ibidem, p. 111.

²³⁷ Ibidem.

²³⁸ Ibidem, p. 555.

²³⁹ Ibidem, p. 18.

que emigra. Já na conclusão do relatório, os coiotes são definidos como “agenciadores inescrupulosos que agem de má-fé para incitar a emigração de brasileiros em situação irregular.”²⁴⁰

O autor David Spener, ao constatar o surgimento de inúmeros termos para designar quem facilita a entrada de emigrantes ilegais, aponta que

todos os termos que se utilizam para designar o contrabando de seres humanos levam a uma série de conotações que contribuem sutil, porém significativamente, à elaboração de narrativas sobre o caráter da gente que se dedica a este tipo de atividade e sobre a natureza mesma da atividade. [...] Ademais, o termo que esta pessoa emprega não somente carrega o peso de sua própria intenção ao selecioná-lo, mas também todo o peso do campo cultural no qual o termo se insere.²⁴¹

Assim, a denominação utilizada para designar a “indústria da migração ilegal” leva em conta três principais fatores: quem está dizendo, sobre qual localidade está se referindo e qual o nível de conhecimento sobre a travessia de migrantes que o sujeito possui.²⁴²

Segundo Spener, ‘coiote’ é o termo mais comumente utilizado e pode se referir, coloquialmente, tanto àquele que faz as negociações iniciais, quanto a quem acompanha o migrante durante a travessia da fronteira ou qualquer outra pessoa que ofereça algum serviço pago, com o fim de facilitar a entrada do migrante ilegal. Apesar de ser um termo profundamente mexicano, “derivado da palavra *coyotl* em náhuatl, a qual denomina o lobo gris que se cria no México,”²⁴³ todas as fontes pesquisadas se valeram em grande medida dessa denominação, como foi explicitado anteriormente.

Spener percebe ainda que o termo ‘coiote’ está tradicionalmente associado a uma visão negativa, retratando-o em grande maioria como “enganador, ladrão, predador, astuto, traiçoeiro e egoísta,”²⁴⁴ que expõe os emigrantes a diversos perigos e não se importa em matá-los ou abandoná-los em qualquer situação. Essa denominação é encontrada pelo autor, principalmente, nas propagandas realizadas pelas autoridades governamentais dos dois lados da fronteira, que possuem claramente o interesse de dissuadir a migração ilegal.²⁴⁵ As representações do coiote encontradas na CPMI da Emigração, nas notícias da *Agência Câmara* e do *Portal do Senado*, e

²⁴⁰ Relatório final da CPMI, 2006, p. 569.

²⁴¹ SPENER, 2001, p. 7, tradução nossa.

²⁴² Ibidem.

²⁴³ Ibidem, p. 9, tradução nossa.

²⁴⁴ Ibidem, p. 9, tradução nossa.

²⁴⁵ Ibidem.

nas reportagens de jornal e revista pesquisados corroboram as conclusões de Spener sobre a utilização do termo. Como vimos, tanto nas mídias, quanto pelo Estado, a figura do coioote esteve associada às situações de violência vivenciadas durante a travessia clandestina, sendo ele representado na maioria das vezes como um risco ao emigrante.

2.2 PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 15, DE 2006

A CPMI da Emigração identificou a “indústria da migração ilegal” enquanto uma organização criminosa. Nesse sentido, os emigrantes são vistos como as vítimas dessas organizações, que estariam se aproveitando da situação socioeconômica na qual o Brasil se encontrava naquele período²⁴⁶. Assim, além de apresentar a investigação executada sobre a emigração indocumentada de brasileiros, o relatório final da CPMI também propõe algumas mudanças na legislação brasileira, visando inibir a atuação da indústria da migração ilegal e proteger os emigrantes. Ao todo, foram quatro Projetos de Leis (PL) e uma Proposta de Emenda à Constituição (PEC).

Entre os projetos, destaca-se o de nº 15²⁴⁷, que “altera o Código Penal para criminalizar o tráfico internacional de pessoas para fins de emigração, e a Lei nº 9.613, de 3 de março de 1998, para inserir a mencionada conduta entre os crimes antecedentes da lavagem de dinheiro.”²⁴⁸ Esse PL visa criminalizar aquele que “promover, intermediar, facilitar ou financiar a entrada irregular de pessoa em território estrangeiro, com o fim de obter lucro,”²⁴⁹ ou seja, para aqueles que atuarem como coiotes/aliciadores.

Na justificativa do projeto, os relatores da CPMI apontam a ausência de uma legislação penal brasileira que tipifique e criminalize as atividades relacionadas ao comércio de pessoas para outros países. Apesar de já haver no Código Penal a criminalização das atividades em relação ao tráfico de pessoas para fins de prostituição (Art. 231), de aliciamento de trabalhadores mediante fraude para fim de emigração (Art. 206) e de envio ilegal de menores ao exterior (Art. 239 da Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990), as atividades que facilitam e favorecem a entrada irregular de pessoas em território estrangeiro em troca de lucro ainda não

²⁴⁶ Segundo o presidente da CPMI, Marcelo Crivella, os emigrantes são “vítimas do desemprego no Brasil” (Portal do Senado, 23 mar. 2005), sendo a emigração uma questão socioeconômica. Essa ideia também é reforçada por outros membros da CPMI, que apontam a emigração como resultado da “política econômica adotada” (Agência Câmara de Notícias, 31 mar. 2005d).

²⁴⁷ Projeto de Lei do Senado nº 15, de 2006, em anexo.

²⁴⁸ Relatório final da CPMI, 2006, p. 552.

²⁴⁹ *Ibidem*.

constituíam crime.²⁵⁰ Assim, os aliciadores/agenciadores só poderiam responder aos crimes tributários ou de evasão de divisas, facilitando as atividades do mercado migratório.

Atualmente, o projeto, aprovado pelo senado, segue em tramitação na câmara dos deputados e, 15 anos depois, o Código Penal segue inalterado no tocante ao aliciamento para fins de emigração (Art. 206).

2.3 RELATOS DE VIAGEM – QUEM É O COIOTE?

Se nos jornais e nas fontes oficiais do Estado a “indústria da migração ilegal” é representada negativamente, atrelando à figura do coioote a culpa pelas mazelas da viagem, nos relatos de memória de entrevistados, o coioote é visto muitas vezes como aquele que possibilita a realização do sonho. Sem conseguir ou nem tentar o visto²⁵¹ para entrada legal nos Estados Unidos, os procedimentos para a viagem dos entrevistados se iniciaram, então, com o contato com aqueles que desempenham funções na chamada “indústria da migração ilegal”.

Para José, não houve uma diferenciação na forma de denominar as diferentes funções dentro da trama imigratória indocumentada. Assim, seu primeiro contato para viagem foi denominado apenas de “o coioote daqui”:

CM: E depois que você decidiu que você iria, como foram as preparações para a viagem? Como você se preparou para essa viagem?

José: Olha, eu dependia do cara lá, né, de Sardoá, é o... o coioote daqui. Ele... ele preparou... eles prepararam o pessoal de lá pra receber a gente... só que eles ficavam esperando o momento exato. Aí, nesse momento exato, a gente ficava aqui sobre... na expectativa de acontecer. Aí, a hora que... só esperando eles falarem: “pode vir”. Aí aconteceu e nós fomos. Nós fomos pra São Paulo, pegamos o avião e fomos para o México.

Além disso, ele transpareceu tranquilidade ao relembrar das relações com os coiootes, percebendo-os como guias responsáveis por indicar o caminho até os Estados Unidos.

José: Ah... os caras, eles pareciam tranquilos, mas assim... eles conheciam bem né? Sabiam muito bem o que eles estavam fazendo, todos eles. Tanto o que dirigia, quanto o... o que atravessou a gente lá no deserto, lá, caminhando, sabe?! Eles conheciam bem a rota.

²⁵⁰ Relatório final da CPMI, 2006.

²⁵¹ Situação explicitada ao longo do primeiro capítulo.

No começo da entrevista de Saulo, ele narrou que as primeiras negociações para a viagem foram feitas ainda em Vitória-ES, com “um rapaz mineiro”, que lhe “explicou como funcionava” a travessia. No entanto, num segundo momento de sua narrativa, Saulo se referiu ao contato mineiro tal como José o fez, chamando-o de “o coioote aqui de Valadares”, sem diferenciá-lo dentro do processo migratório.

A primeira vez que o termo ‘coioote’ aparece em sua narrativa é durante a descrição da rotina dentro da última casa em que ele esteve antes de atravessar a fronteira. Aqui, o coioote é aquele que fornecia a alimentação – cobrando propina para certos alimentos e que estava sempre “muito drogado”, mas que, apesar disso, procurava tranquilizar e passar segurança para os emigrantes.

Saulo: Você queria um refrigerante, era propina, você queria alguma coisa diferente, cigarro, no caso eu fumava né, mas muita gente fumava, mandava comprar e o coioote ia e recolhia, 10 dólares, um refrigerante era 10 dólares, 20 dólares. Ou seja, tudo era propina. [...] Mas sempre drogados, eles usavam muita droga. A gente via que os caras estavam alterados, eles chegavam armados, entendeu?! Na cintura... e sempre tranquilizando a gente, dizendo que não ia acontecer nada, que era tudo tranquilo, a travessia era fácil, eles explicavam, né, e... ensinavam como que seria, a travessia, pra gente ficar tranquilo que dava tudo certo. Nunca eles falavam em problema, que acontecia com outros grupos, então a gente não sabia de nada.

Saulo demonstrou estar ciente dos riscos aos quais se expôs. Apesar de descrever que os coiootes lidavam com tranquilidade junto aos emigrantes, ele caracteriza esse trabalho como uma “coisa de doido”, justificando o uso constante de entorpecentes pelos coiootes. Além disso, ele relata sobre a impossibilidade de desistir da travessia durante o trajeto, sob o risco de morte.

Saulo: Eles estavam muito drogados, muito malucos, muito doidos, e realmente, depois que eu fui perceber, pra fazer esse tipo de trabalho tem que ser [risos], não só eu, a gente que ia atravessar tinha que tá meio doido da cabeça também, né?! [...] Você via como que os caras trabalham... tem que ter disposição, no caso de... uma abordagem policial eles têm que ter disposição, pra atirar, pra fugir, entendeu? Coisa assim... [...] Muitos desistiam, não queriam ir, mas eles insistiam, porque depois dali não tinha como voltar pra trás. [...] Isso é uma situação depois que você passa, que você vê pessoas que vão e não voltam, que somem. Eles mesmo matam, porque vai voltar como? Você vai denunciar?

Apesar de afirmar que os coiootes são capazes de matar os emigrantes que não conseguem concluir a travessia, Saulo também narra a experiência de partilhar do cotidiano

familiar de um coiote. Ao se machucar durante a travessia do rio Grande e precisar de atendimento médico para o ferimento, Saulo é levado para a casa de um dos coiotes, onde fica acolhido por uma semana até terminar todos os cuidados.

Saulo: Só que, por eu estar com a mão aberta, ferida, *um dos cabeças*, né, me buscou lá e me levou pra casa dele, uma casa normal, ele com a família dele, uma casa dele mesmo, da família dele mesmo, com esposa, filhos, o filho dele adorava o sotaque, né, brasileiro, e eles falavam, todos espanhóis, todos falavam espanhol, apesar de serem [naturalizados] americanos, falavam espanhol, até os meninos.

Saulo já havia vivido no Espanha antes de emigrar para os EUA e possuía certa facilidade em compreender o espanhol falado entre os coiotes. Diante disso, ele conseguiu identificar uma hierarquia presente dentro da trama imigratória, como percebemos em sua afirmação de que “um dos cabeças” que havia decidido levá-lo para sua própria casa, onde ele recebeu o tratamento médico necessário para continuar a viagem até o destino final.

Partilhando do dia a dia da família do coiote, Saulo descreveu aqueles dias como os “melhores dias da viagem”. Ele relatou ter sido tratado muito bem, tal como uma visita, mantendo proximidade com os filhos do coiote e fazendo as refeições na mesa junto com a família. Esse tratamento se justifica, como ele afirmou, pelo fato de que os filhos provavelmente desconheciam o trabalho do pai, e seria estranho para eles, se ele tivesse sido tratado com diferença ou desconfiança. Ao mesmo tempo esse relato nos é bastante surpreendente, pois nos fornece um novo olhar sobre o coiote, como um pai de família comum, religioso – que orava antes das refeições e que além de tudo teve total confiança em trazer um imigrante desconhecido para dentro de sua casa e perto de seus filhos.

Saulo: Nada de, de relação a... a negociação, ao tramite. Almoçava com ele na mesa, a esposa dele, a filha dele. Conversando normal. Porque pro filho dele, é, não, eles não podiam fazer acepção entendeu, é como se fosse um visitante, um amigo... porque era uma família, eu nem sei se até a esposa dele sabia. Você tá entendendo?! Eu acho, eu acredito que devia saber, né, porque, a grana do marido, ela devia saber de onde vinha a fonte. Mas os filhos não sabiam, então, por isso, como é que vai explicar o filho, eu, eu almoçando separado, eu jantando separado, eu lanchando separado... né, então pra criança eu era uma visita, então eu almoçava com eles na mesa. Eles oravam... tinham costume de orar, agradecer o alimento entendeu... eu brincava com os filhos dele, dominó, não sei o que, dama... brincava com as crianças. Essa semana foi muito agradável, *foi a melhor semana de todas, de toda a viagem* [risos]. Aí foi quando ele falou “amanhã você vai, já vai partir pra seguir viagem”, aí eu falei “beleza”, agradecei a esposa, entendeu, pela... pela... pela hospitalidade, despedi das crianças, como se fosse mesmo, um amigo, uma pessoa que tava ali passando tempo, aí, um outro cara me buscou. [...]

Ao descrever os cuidados recebidos na casa do coioite, Saulo expõe uma percepção crítica sobre os reais motivos por traz de tais cuidados. O acordo firmado pelos emigrantes geralmente submetia a maior parte do pagamento à chegada do emigrante em seu destino final²⁵², o que garantia ao emigrante a sua preservação física. Assim, Saulo reforça em vários momentos de sua narrativa que, para os coiotes, os emigrantes se equivaliam a uma mercadoria que deveria ser entregue e apesar de ter sido muito bem tratado, ainda assim, sentia-se como uma mercadoria:

Saulo: O médico foi lá, deu... deu anestesia, tava bem feio, infeccionando já, tava fedendo eu lembro, tava fedendo já, eu fui pra casa desse cara e aí deram uns 6 pontos e... e medicação, antibiótico, cuidaram de mim como, né, se fosse, uma pessoa mesmo, né, normal, mas uma mercadoria, eles olhavam pra mim como 10 mil dólares. Essa é a visão deles. Mas eu me senti superbem, tava bem... bem... bem acomodado, casa com aquecimento, uma mansão a casa... dormi num quarto bacana entendeu, tal, e aí no outro, eu lembro que depois que passou uma semana, que eu lembro que já tava bem cicatrizado, o médico veio, pra ver se já podia tirar os pontos, né?!

Para além da percepção crítica do tratamento mercantil, Saulo compreendia os diálogos entre os coiotes, afirmando que eles se referiam aos emigrantes como mercadorias.

Saulo: Uns foram pra Boston, né, no caminho ficavam, não lembro a cidade exatamente, que eram no caminho e eu lembro que eles entregavam, antes de entregar, cada um, eles se comunicavam, via rádio, entendeu?! Com o parente do Brasil, ou, de lá, que a *mercadoria estava chegando*. *Nós éramos a mercadoria*. Eu entendia bem o que eles falavam “tava chegando a mercadoria”. E aí... eles preparavam o pagamento. A outra parte do pagamento, que faltava, entendeu?! No meu caso era mais 5 mil dólares. E eu lembro que eu era o último a ser entregue. Eu lembro que foi meu sobrinho que me buscou lá. Até chegar no meu sobrinho, quando chegou no meu sobrinho, já tava quase vazio, eu era o último. Daí eles, eu, a gente espera dentro da van, eles comunicam com o Brasil, tudo interligado. O telefone deles fala com duas, três pessoas ao mesmo tempo. O coioite, nos Estados Unidos, o... quem é responsável no Brasil e o parente que tá com o dinheiro, pra fazer aquela ligação assim, mesmo telefone, entendeu?!

Já na entrevista de Renant, ele foi reticente em denominar aqueles que negociaram e auxiliaram em sua travessia. Ao longo de toda a entrevista, ele se valeu de termos como “o cara/ o rapaz”. O termo coioite apareceu uma única vez e, tal como na entrevista de José e Saulo, não houve uma diferenciação entre aqueles que atuaram em Minas Gerais ou no México. Em seu

²⁵² Sobre os contratos entre o migrante e o destinatário, em caso de agenciador brasileiro “o contrato que mais se destaca é o do tipo contra-entrega, isto é, há a promessa de pagamento de um determinado valor se – e somente se – o emigrante obtiver êxito na viagem” (Relatório final da CPMI, 2006, p. 132).

caso, o primeiro contato para negociação da viagem foi realizado por sua mãe, aos moldes da viagem de seu irmão mais velho, que já o esperava nos Estados Unidos.

Renant: Então, é... eu, meu irmão mais velho já estava lá né, e... eu já tava com pensamento de ir, né, igual eu te falei, que é uma questão de cultura da cidade. Então, na primeira oportunidade você vem, você vê o cavalo selado passando na sua frente, você monta em cima dele e vai embora. Aí eu... vim pra Valadares, tirar meu passaporte e tudo, e tava... não tava com tanta pressa pra ir, vim tirar meu passaporte, afinal tinha só 17 anos ainda, e nisso minha mãe é meia doidinha, minha mãe não regula muito não, eu... vim aqui em Valadares tirar meu passaporte, no dia que eu peguei ele, ela já arrumou tudo, já ligou pra não sei quem, o cara, eu tava almoçando, e o cara, rapaz, falou assim: “você vai embora amanhã”, eu falei assim: “o que?”, aí ele falou: “é, você vai embora amanhã”, eu falei: “ah, tá bom”. Aí eu voltei pra Sardoá, arrumei a mochila e parti. [...] Mas eu não tava... não tinha chegado a conversar com ninguém... aí ela já se prontificou de fazer tudo e já arrumou o... o... o coioote, né, a pessoa lá, e conversou com ela e tratou tudo e... eu fui embora com ele!

CM: E o seu irmão mais velho chegou a ir por meio dessa forma também, por meio do coioote?

Renant: Foi, dessa forma também.

Quando questionado sobre como era o relacionamento entre os emigrantes e aqueles que auxiliavam na travessia, Renant foi categórico:

Renant: Foi, foi bem tranquilo, bem tranquilo. Essas, no meu caso foi tão tranquilo que tudo que pediam eles davam, igual eu pedi pra ligar pro meu pai, ele me deu o celular “toma, pode ligar, fica à vontade”, eu falei horas com meu pai. Então assim, pra mim foi bem tranquilo nesse sentido, bem tranquilo mesmo.

Por ter viajado sozinho e com apenas 17 anos, Renant afirma que “quando você é criança, criança gosta de aventura, hoje, sinceramente, eu não faria isso”, demonstrando que apesar da tranquilidade de sua viagem e das relações ao longo dela, *a posteriori*, ele percebe os riscos do trajeto.

Na entrevista de Breno, ele também hesitou em utilizar o termo coioote para se referir às pessoas que fizeram os primeiros contatos em Sardoá, denominando-as como financiadores e/ou agenciadores, tal como encontramos em algumas reportagens de jornal. Segundo ele,

na realidade, essa coisa, assim, de coioote, né? Porque, na realidade, ninguém conhece coioote. Então, você tem contato com pessoas que... estão ali na cidade, pessoas muitas vezes conhecidas, né? Então... eles não são, assim, coiootes. Pessoas que você encontra na rua, bate papo, isso e aquilo. Você sabe que eles agenciam, né? Eles é que financiam, eles é que pegam a propriedade como garantia.

O termo coioote passa a ser utilizado pelo entrevistado, quando ele começa a lembrar a travessia da fronteira no deserto. Citando as dificuldades do trajeto, o coioote é aquele que orienta o caminho, já que está acostumado com as condições extremas do lugar.

Breno: Alimentação é o mínimo. Ou você toma água e você come um amendoim, uma coisinha assim. Porque no começo... você vai caminhando, vai bebendo água, isso e aquilo. Mas, em pouco tempo, a água acaba, aí... não tem essa coisa, o coioote, ele já está acostumado com isso. Então, ele vai andando e fala “oh, quem ficar pra trás vai morrer. Vocês têm que andar, e tal.” [...] quando você andava um período aí o... o coioote falava: “agora a gente vai parar aqui e tal e.... vamos descansar”.

Para Breno, o coioote, muitas vezes, é o mexicano pobre que busca um meio de subsistência e guia os emigrantes pelo deserto, orientando-os sobre o que pode ou não ser feito. Na experiência do entrevistado, percebemos que as relações também se deram de forma tranquila entre emigrantes e coiootes, apesar de ele demonstrar estar ciente do risco eminente dessa relação:

Breno: Tinha pessoas vigiando. Eles, eles tentavam demonstrar, assim... tranquilidade, né?! Aquela coisa... mais amiga etc., mas quando precisavam ser mais duros, eles eram. Tipo assim: “você não pode sair na rua, você não pode olhar pelo muro, você não pode fazer isso, não pode fazer aquilo”.

CM: Você presenciou alguma situação em que eles foram mais rígidos?

Breno: Não, não presenciei não. Não teve necessidade, né?!

O entrevistado Pedro identificou seus primeiros contatos na cidade de Sardoá como coiootes.

Pedro: Esses caras, os chamados coiootes, eles passam, né, e, tipo assim, oferecem a viagem, falam que... prometem algumas coisas que pode ser, pode ser...

CM: Mas oferece, assim, sem saber do seu... de um interesse prévio?

Pedro: Não que ele chegue para mim e ofereça, mas você, pelo fato de você já também já ter uma expectativa de sair, você, tipo assim, fica sabendo de alguém que vai levar... que leva, né? E procura essa pessoa para saber como funciona a viagem, como que é a forma de pagamento, quando que você tem que pagar, e assim vai...

Mas hesitou ao entrar em mais detalhes sobre como se deram esses contatos iniciais, já que se trata de uma negociação irregular, provavelmente visando a proteger os conterrâneos de algum tipo de culpabilização ou responsabilidade legal:

Pedro: Ah, a gente chegou... não, eu nem sei como te responder isso, é melhor nem relatar, né? É, tipo assim...

CM: Você pode ficar à vontade, se você quiser falar ou não.

Pedro: Não, mas é porque, tipo assim... a pessoa que, tipo assim... a pessoa leva, é uma pessoa mais conhecida, entendeu? Então... sei lá, eu acho melhor nem... nem entrar em detalhe.

Spener²⁵³ aponta que existem diferentes níveis de hierarquia entre as funções desenvolvidas dentro desse processo migratório ilegal, que são desconhecidas dos emigrantes, que, por sua vez, geralmente identificam todos os participantes da empresa contrabandista como coioite. Não foi, no entanto, o que se observou nas entrevistas: enquanto Breno diferenciou coioites de agenciadores/financiadores, ao relatar as etapas da viagem desde o Brasil até o México, e Saulo identificou quem eram “os cabeças”, Pedro diferenciou os coioites das pessoas que prestam serviço aos emigrantes nas fronteiras. Segundo ele, essas pessoas que entram em contato direto com os emigrantes e são os responsáveis por fornecer alimentação, transporte, acomodação não são consideradas coioites, apesar de estarem sob as ordens de um. O entrevistado reforça, então, o ideal de que essas pessoas, não denominadas coioites, são boas e estão apenas fazendo um trabalho para sobreviver, deixando subentendida a concepção de que os coioites, esses sim, eram parte de uma rede criminosa:

Pedro: Não, eles... tipo assim, às vezes, eles... é igual eu falei: às vezes as pessoas que trabalham para esses caras que são grandes, maiores, né, eles não... tipo assim, no meu ponto de vista, eles não são considerados coioites, eles trabalham para o cara pra ganhar dinheiro, para sustentar a família dele. É um serviço comum para eles lá, deve ser. Então, às vezes eles tentavam acalmar a gente, falar: “não, relaxa, não passa nada, vai... vai tudo vai se resolver, daqui a pouco vocês vão estar livres e tal...” Mas os... os cabeças mesmo a gente nem vê, você só vê os caras conversando por telefone. Entendeu? [...] é aquilo que eu te falei: tem muita, tem muita gente de família que trabalha para esses caras por não ter uma opção de trabalho, eles trabalham... os caras chegam, trocam ideia com você, uns caras, umas pessoas boas, mas eles precisam de trabalhar. Então, para ele, aquilo é o trabalho. Ele leva, traz, fica vigiando dentro da casa...

Além do usual termo coioite, os entrevistados Breno, Saulo e Pedro também se valeram dos termos ‘esquema’ e ‘tráfico de seres humanos’ durante a descrição da travessia clandestina, para caracterizar a atuação da “indústria da migração ilegal”. O termo ‘esquema’ surgiu pela primeira vez na entrevista de Breno, quando ele descreveu a passagem entre duas cidades do México, onde o grupo de emigrantes em que ele se encontrava foi extorquido inúmeras vezes

²⁵³ SPENER, 2001.

por policiais mexicanos. Segundo ele, os policiais também seriam parte da “indústria da migração ilegal” e estariam coligados em um ‘esquema’ para tirarem mais dinheiro dos emigrantes:

Breno: De Reynosa para o México [aqui o entrevistado trocou a ordem das cidades] foi terrível, porque foi uma viagem noturna, muito longa, e nós fomos parados pelo menos umas seis vezes pela polícia. Mas a polícia já sabia que a gente estava ali e... e... eles paravam pedindo dinheiro.

CM: A polícia pedindo dinheiro?

Breno: Pedindo entre aspas, né? e... e ameaçando, isso, aquilo, tudo armado. Então, o que a gente tinha, quando a gente saiu da Cidade do México [risos], quando nós chegamos em Reynosa, a gente já não tinha mais nada.

CM: Entendi. E... e... e é essa polícia coligada com... com...

Breno: Tudo faz parte do esquema, né?

Apesar de não se valer do termo ‘esquema’, esse é um momento descrito como traumático durante a entrevista de José, sendo citado como o pior trecho durante toda a viagem.

José: Dentro do próprio México mesmo. Tivemos que pagar suborno. É, as... o dinheiro todo, todo dinheiro que nós levamos ficou no suborno, ficou na... né? Nesse trajeto entre... o dinheiro que nós levamos, ele ficou todinho entre a Cidade do México e Tijuana. Dentro do México mesmo.

CM: E você acredita que os coiotes sabiam que vocês seriam abordados?

José: Sabiam.

CM: E... e falavam? Assim... Eles sabiam quem tinha dinheiro, ou não, não sabiam? Tipo assim, combinava com o policial: “ah, vocês vão abordar tal grupo, porque lá tem”?

José: Olha, é... é... sabiam, sim, acredito que sim. Quase... certeza que eles sabiam.

CM: E aí propositalmente, para conseguir, também ali, coligados com os policiais e tudo...?

José: É, justamente. É isso, é. É, dentro do México teve isso tudo, lá nos EUA já não teve mais. Mas, no México, foi... foi muito... é... traumática essa coisa aí, né?

CM: O medo, né, de ser pego pela polícia...

José: Isso, é. Foi. México foi... foi complicado.

CM: Para você, a pior parte do trajeto foi até o Rio Grande ou posteriormente?

José: Ah, a pior parte do trajeto pra mim, eu, no meu ponto de vista, foi justamente esse, da Cidade do México até a... a... a fronteira, que é Tijuana. Entendeu? As cidades fronteiriças. Porque... é justamente esse caso aí da polícia parar a gente, pedir suborno...a gente dá todo dinheiro que tinha, aí passava num próximo posto, tinha que parar de novo...aí você já não tinha mais nada para dar e o povo, e o pessoal insistindo que a gente ainda tinha dinheiro e já não tinha mais.

Na entrevista de Saulo, o termo ‘esquema’ também surgiu para se referir aos policiais corruptos que faziam parte da “indústria da migração ilegal”, permitindo a passagem dos emigrantes em troca de propina.

Saulo: Chegando no México já... começamos a ver a real propina como é que era, tudo no esquema de... de dias marcados mesmo, horário, que tava o pessoal da migração, que era o pessoal da propina entendeu?! Não eram todos os policiais, né, 90% são corruptos, mas na... nessa época, eles escolhiam aquela... aquela... aquele turno de policiais, da imigração mexicana, que tinham, que estavam envolvidos já com... com o esquema. E... chegando lá, já de imediato era, cada um tinha que ter, que tá com 200 dólares no bolso, pra pagar já os próprios policiais já da imigração.

Ele afirma que do outro lado da fronteira também havia pessoas que facilitariam a travessia, compondo uma verdadeira “máfia”:

Saulo: Cara, porque normalmente eles tinham esse esquema de troca de... de... de plantão, a imigração americana, entendeu, e eles tinham esses contatos deles, e era troca de plantão, era o tempo que ficava às vezes, sem patrulhamento, era o momento que não tinha patrulhamento, do outro lado, eles tinham um esquema todo do outro lado, uma máfia.

Já a expressão ‘tráfico de seres humanos’ aparece uma única vez na entrevista de Pedro, quando ele descreve sua chegada na Guatemala, associando a travessia clandestina a uma rede muito maior de criminalidade:

Pedro: Aí, o cara foi e pegou a gente, um taxista lá. Aí, levou a gente para um outro hotel. Aí, nesse hotel, a gente ficou 5 dias. E é uma coisa tão... tão louca, *véi*, que eu acho que é uma mistura de tráfico de drogas, com tráfico de seres humanos, com tráfico de tudo quando há de *trem*.

Mais uma vez, vale lembrar que Spener²⁵⁴ chama a atenção para o uso de tais denominações, ao descrever aqueles que transportam migrantes. Atualmente, o termo tráfico está fortemente vinculado, como vemos no relato acima, ao narcotráfico, conectando coiotes a narcotraficantes. Além disso,

Esses termos legais também relegam aos migrantes o status de possessões inanimadas, privadas de vontade e iniciativa, na medida em que estariam sendo objetos de transação ou de venda ilícita. [...] e na medida em que os migrantes sigam sendo vinculados linguística e ideologicamente à suposta ameaça à segurança nacional, que representa a importação de entorpecentes ilegais aos Estados Unidos, também seguiram sendo denegridos pelo uso do termo traficantes.²⁵⁵

²⁵⁴ SPENER, 2001.

²⁵⁵ Ibidem, p. 14, tradução nossa.

2.4 QUEM É O COIOTE, AFINAL?

Os periódicos, principalmente os jornais, têm como função informar o leitor, noticiando sobre os diversos acontecimentos.²⁵⁶ Nas reportagens encontradas que informavam sobre a emigração ilegal, os periódicos pesquisados não possuíam um vocabulário constituído com significados precisos. Assim, valeram-se de diferentes termos para indicar a atuação do ‘mercado da migração’, tais como ‘coiotes’, ‘aliciadores’, ‘atravessadores’ etc., sem a especificação das funções e dos significados de cada termo. O que essas reportagens trazem em comum é a ideia de associações e redes criminosas, enfatizando o fenômeno da migração ilegal a partir da ilegalidade e das dificuldades da emigração clandestina. Essas reportagens utilizam-se, em grande medida, de conotações negativas ao se referir à indústria da migração ilegal e ao denominar as pessoas responsáveis pela travessia majoritariamente como coiotes, associando esses indivíduos a adjetivos pejorativos.

Da mesma forma, as fontes legais consultadas (reportagens da *Agência Câmara* e do *Portal do Senado* e o relatório final da CPMI da Emigração) também se valeram majoritariamente do termo ‘coiote’ ao se referir à “indústria da migração ilegal”, apontada como criminosa e responsável por colocar em risco a vida e a integridade dos migrantes. Reforçando o estereótipo negativo encontrado até então, a CPMI da Emigração propôs inclusive a alteração do Código Penal, buscando criminalizar a atuação de facilitadores do processo migratório.

Por outro lado, percebemos que os termos utilizados pelos emigrantes repatriados para denominar os membros da “indústria da migração ilegal” são variáveis, mas que, diferentemente do que encontramos nos jornais e nas fontes legais, o termo coiote não é associado diretamente a adjetivos pejorativos. Mesmo cientes dos riscos aos quais estavam expostos, os emigrantes alegam ter sido bem tratados na maior parte da viagem, e que os contatos com responsáveis pela travessia se davam de forma tranquila, já que muitas vezes as pessoas que trabalhavam na fronteira eram boas, que sabiam o que estavam fazendo e que apenas realizavam um trabalho como outro qualquer.

Compreendendo os meios de comunicação não apenas como veículos de informação, mas também como atores políticos que se relacionam com a sociedade, orientando movimentos de constituição e instituição do social,²⁵⁷ podemos perceber que nos jornais, revistas e nas fontes legais consultadas, as representações do mercado da emigração clandestinas são construídas

²⁵⁶ LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

²⁵⁷ CRUZ, PEIXOTO, 2007, p. 258.

possivelmente com a intenção de dissuadir as pessoas de buscarem esse caminho. Enquanto isso, nos relatos de emigrantes retornados, foi possível encontrar representações mais complexas sobre aqueles que compunham o mercado migratório, ora como potencial de risco e ora como única possibilidade de alcançar o sonho, transparecendo muitas vezes o ser humano por traz do coioote.

Assim, por serem de naturezas diferentes – informacional, legal e narrativa, respectivamente – as representações aqui analisadas direcionam suas narrativas para caminhos opostos. Nos periódicos e na CPMI da Emigração, encontramos a indicação do fracasso, com impossibilidade de realização do sonho com a deportação²⁵⁸ ou assassinatos,²⁵⁹ enquanto nas narrativas de memória de emigrantes retornados, encontramos a possibilidade do sucesso, com a chegada ao outro lado da fronteira.

2.5 VULNERABILIDADES E RISCOS

Ao representar a figura ambígua do coioote – e, portanto, também do mercado da migração clandestina, os jornais, revistas e as fontes legais, aludem a diversas situações de violências, vulnerabilidades e riscos enfrentadas pelos emigrantes. Como vimos, essas fontes associam essas vivências à “indústria da migração ilegal”, responsabilizando, em grande parte, o coioote como perpetrador dessa violência.

Já no relato dos emigrantes repatriados entrevistados no âmbito dessa pesquisa, foi possível perceber que a “indústria da migração ilegal” é personificada na figura do coioote, embora ele não seja representado como um agente de violência. Ao contrário do que encontramos nas mídias e do que foi difundido pelo Estado, os emigrantes não responsabilizam seus guias pelas dificuldades enfrentadas durante os trajetos, que podem ser classificadas em diferentes níveis de vulnerabilidades e riscos.

Os autores Silva Quiroz e Cruz Piñeiro,²⁶⁰ ao investigar a emigração ilegal de menores retornados dos EUA, valeram-se do conceito de ‘vulnerabilidade’ para pensar as vivências desses sujeitos, categorizando níveis e tipos de vulnerabilidades e riscos aos quais os menores são expostos. Os autores compreendem a vulnerabilidade “como uma condição social multidimensional e multideterminada. As causas e consequências podem ser de vários tipos, os

²⁵⁸ *Folha*, 23 fev. 2007.

²⁵⁹ *Estadão*, 30 ago. 2010; *Folha*, 30 ago. 2010.

²⁶⁰ SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013.

sujeitos implicados são diversos e seus efeitos ocorrem em diferentes âmbitos, momentos e magnitudes diferenciadas.”²⁶¹

Já a autora Olivia Ruiz Marrujo²⁶² valeu-se do conceito de ‘riscos’ para descrever algumas situações enfrentadas pelos emigrantes que utilizam a rota Guatemala-México, classificando os riscos da emigração pela fronteira sul. Segundo ela, o risco

define-se, por um lado, como a exposição, no caminho, a uma coisa ou pessoa que é potencialmente uma ameaça ou um perigo, de tal forma que possa prejudicar ou causar danos, às vezes irreversíveis, ao projeto de migrar ou à integridade física do migrante, se ele entra em contato com essa coisa ou pessoa.²⁶³

O eixo desta definição encontra-se na possibilidade de os migrantes sofrerem algum dano, seja ele físico, psicológico, ou até ao projeto de migrar, que culmine no atraso ou anulação da viagem. A autora enfatiza, ainda, que as ameaças ou perigos são coisas ou pessoas às quais são atribuídas essas características – ou seja, são coisas ou pessoas que passam por filtros culturais e sociais que lhes definem como perigosas.²⁶⁴

A classificação feita por Ruiz Marrujo buscou identificar “os danos sofridos, que não permitiram ao migrante continuar com seu projeto de migrar ou que comprometeram sua integridade física.”²⁶⁵ A autora identificou três tipos de risco, a saber: as detenções-expulsões (que abrangem a apreensão de emigrantes ilegais pela polícia mexicana), os acidentes (ameaças à integridade física e à saúde corporal do emigrante) e as violações dos direitos humanos.²⁶⁶ Apesar de os cinco entrevistados nesta pesquisa terem conseguido completar a travessia e chegar aos Estados Unidos, todos relataram situações em que sua integridade física correu risco de ser comprometida. Além disso, o terceiro entrevistado, Pedro, cuja narrativa, segundo ele “daria um livro”, relata que chegou a ser sequestrado durante a travessia clandestina. Na casa em que aguardava ordens para iniciar a travessia da fronteira, o grupo em que Pedro estava, foi dividido entre homens e mulheres, e as mulheres foram primeiro.

²⁶¹ SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013, tradução nossa.

²⁶² RUIZ MARRUJO, 2001.

²⁶³ Ibidem, p. 9, tradução nossa.

²⁶⁴ Ibidem.

²⁶⁵ Ibidem, p. 9, tradução nossa.

²⁶⁶ Ibidem.

Pedro: Aí começou a atravessar as meninas, levou todas as meninas, aí isso mais ou menos umas 3 horas da tarde. E não tinham deixado comida para a gente. Aí foi, começou a demorar demais, né, deu umas 8 horas da noite... 10 horas da noite... e nada do cara vir [nos buscar]. Aí, tinha um cara lá que estava meio que com o psicológico abafado, né? O psicológico dele estava meio, meio ruim, aí ele falou: “ah, não estou nem aí não, se esses caras me pegam, eu vou, estou nem fudendo não. Vou sair aqui, vocês querem que compre alguma coisa?” Aí, o cara saiu de dentro da casa e procurou uma mercearia lá e fez uma compra. E a gente foi e comprou biscoito, comprou iogurte, comprou um monte de coisa, a gente foi e comeu, e achando estranho, né, o fato do cara ter sumido, porque ele levou as meninas e não tinha ido buscar a gente... Aí, beleza. Deu, deu mais ou menos 1 hora, 2 horas todo mundo teve sono, então, e um calor infernal. Estava todo mundo, aquela peãozada de cueca dentro de casa... e não podia abrir janela, não tinha jeito nem de o vento cortar ali dentro. Aí ...todo mundo foi dormir. Deu sono. Aí daí a pouco, mais ou menos umas 3, 4 horas da manhã... a gente começou a ver um monte de laser cortando a casa: passa laser pra cá, passa laser pra lá... Aí a gente, né, rapidinho vestiu a roupa tal, vestiu a roupa e já ficou, né, só os olhos, o trem assustado. Aí, acho que tinha um... um... não sei o que é que tinha na casa, assim... tinha um lugar, assim... aí uns caras desceram de cima, desceram dentro da casa e depois que a gente foi perceber, né, porque os caras acenderam a luz, aí a gente foi perceber que era arma. As armas grandes assim e um monte de laser, cortando dentro da casa. Aí esses caras fizeram todo mundo tirar a roupa de novo, começou a... a... a revistar as roupas, procurando se tinha dinheiro e tal... e... e... colocou todo mundo de perna aberta, como se fosse um, um baculejo, né, como se fosse dar uma geral, assim... todo mundo pelado é como se fosse dar uma geral na galera. E, enquanto isso, eles ficaram revistando. Aí eles estavam com aquela “arminha” de choque. Que eles davam choque na gente assim, nesses tendões que a gente tem assim, nas costas, assim, perto da bacia assim, eles vinham e chegavam e davam choque na gente assim para assustar, né? Aí, depois que eles recolheram o dinheiro de todo mundo, eles foram e colocaram, pegaram essa... essa... eles estavam era numa Hilux, era uns... uns 5, 6 caras. Estavam em 2 carros, mas essa Hilux estava mais vazia, estavam só dois, aí ele fez 11 pessoas entrarem só na parte de traz ali do... da Hilux, para levar para outro lugar. Ou seja, ele, esses caras, eles, eles simplesmente extraviaram a gente, tipo assim... a gente é um produto, né, na mão dos caras.

O relato continua descrevendo a chegada em outra casa, onde eles foram avisados que haviam sido sequestrados do coioite que tinha sido contratado e que esse coioite teria que pagar para eles serem libertados. Após passar fome, sede e sentir medo de morrer, o grupo em que Pedro se encontrava foi liberado para continuar a viagem, pois o coioite havia pagado a fiança. Os sequestradores, que possuíam armas sofisticadas, foram identificados como policiais mexicanos corruptos. Após ser liberado, o grupo de Pedro se encontrou com as meninas que haviam ido na frente e descobriu que elas haviam sido sequestradas e tinham passado esses dias presas dentro de uma delegacia, o que confirmou que o sequestro foi feito por policiais.

Além do sequestro, Pedro e os outros emigrantes foram submetidos a condições desumanas ao cruzar parte da fronteira dentro de uma carreta-frigorífica, como ele descreve abaixo:

Pedro: Aí, para gente atravessar essa parte... a gente atravessou numa... numa carreta. Essas carretas-frigorífico que atravessam, que viajam levando carne e tal. Essas 280, acho que era, acho que 280 é muita pessoa, mas deve ser umas 230 pessoas. Todas foram dentro de uma carreta só. Eles fizeram um compartimento, que, nessa carreta tem como você, tipo assim, entram pessoas em cima e entram pessoas em baixo. Até a gente chegar nesse, no destino... é... a gente ia ter que viajar dentro dessa carreta 19 horas. 230 pessoas, uma sentada perto da outra, encaixadinho. E daí para lá, tipo assim, entrou todo mundo e fomos viajando. Aí, a gente viajou essas 19 horas dentro dessa carreta. Não tinha como parar. Eles já avisavam: não tem como parar. Homens, eles davam uma garrafinha de 5 litros mais ou menos para fazer, para urinar. E [para] mulher, eles davam fralda descartável. Para vestir, né?, porque se precisasse mijar, mijava ali mesmo, não tinha como parar. Era fronteira, se eles parassem ia todo mundo preso, alguma coisa assim. Aí a gente andou essas 19 horas dentro do carro. Tipo assim, aí a gente que era mais conhecido, a gente sentou perto e a gente ia conversando ali, as pernas começavam ah... tipo assim, acabava que você nem sentia a perna, de tanta dormência, entendeu?! Porque estava todo mundo junto, assim... tinha... fazia uma fileira assim de gente sentada, uma fileira assim de gente sentada, uma fileira assim de gente sentada... aí os caras chegaram e falaram: “ó, vocês têm que ficar calmos, calados, porque, se todo mundo começar a agitar, o calor humano vai esquentar muito a carreta e vocês vão começar a passar mal, porque vai estar muito quente”. Aí, nós estamos lá viajando... aí hora vai passando, você não consegue, né, bicho, porque suas pernas tão ali paradas, as pernas começam a adormecer, tem gente que passa mal, tem gente que vomita, “nego” que tá em cima mijando de baixo. Vira aquele furdunço, um trem de doido, você está doido, negócio de doido. [...] Aí, a gente, tipo assim, a gente ia conversando e acabava que a gente estava parecendo que estava até delirando, porque pensava que estava chegando, você via nas gretas, assim, da carreta assim, tipo assim... um clarão. Aí como a gente entrou na carreta era de noite, a gente pensava que já tinha amanhecido... Então, você ficava naquele delírio lá dentro, que era tudo escuro e você lá dentro, doido querendo sair. [De] que jeito que sai, né?! [risos] Na hora que nós chegamos, na hora que nós chegamos nesse lugar [...] aí descemos, todo mundo, aqueles bichão grogue, né, parecendo esse pintinhos que viajam muito dentro dessas caixas aí... sem saber onde que estava, meio desorientado.

O entrevistado Saulo também narrou sua experiência de viajar escondido embaixo de um fundo falso de um caminhão com cabine-leito. Ele explicou que era necessário se esconder de uma *blitz* da polícia imigratória americana e que precisou manter a calma para acalmar o emigrante que estava com ele e se sentiu mal de ficar preso em um lugar abafado.

Saulo: Ele [o coitado] explicou que era uma Scania [marca do caminhão] e atrás tem a parte da cama, que eles botam, que todo tem, atrás dos bancos tem uma cama, pra eles dormirem. Qualquer caminhão que vocês forem entrar aqui, vocês vão ver isso, que eles param na estrada, dormem e tal. Você vê muito em filme também isso aí. E aqui era uma cama, com um fundo falso, na verdade não era cama né, era só um caixote e tava eu e mais um menino, e... estrategicamente, como eu sou grande, me botaram, botaram outro tipo você assim, miúdo, bem miúdo mesmo, menor que você o menino, e aí... falaram, “oh, vocês vão ficar embaixo desse fundo falso aqui. Dessa cama aqui”, que não é cama, abria assim, tinha duas travas, abria, um alçapãozinho. Caramba, eu olhei aquilo, *vey*, mal... mal dava nem eu ali dentro. Ir dois?! Aí ele falou a posição, ficar tipo, em posição fetal né, você fica de joelho assim, encolhido e o outro menino também encolhido. Aí falou... aí... “vocês vão ficar nessa posição. Vai durar em torno de 25 minutos a viagem, até chegar na... no posto de guarda e até passar pra outro ponto. Vai durar mais ou menos uns 25 minutos.” Cara, aqueles 25 minutos pareceram... parecia um dia, não passava, entendeu?! E o rapaz que tava comigo ele

tinha fobia o menino, a ambiente fechado. Aquele menino, quando fechou a porta da cama, ele já começou, “eu vou morrer, eu vou morrer” [risos], ele puxava o ar, e eu querendo tranquilizar ele, eu também tava nervoso, obviamente, e eu, “calma, calma, que o rapaz falou 25 minutos, né?!”. E esse, esse motorista não falava nada em espanhol, era americano mesmo, de 2 metros de altura, e... e o outro coitado que deixou a gente lá que explicou como que seria, né, nós só entramos, o cara nem falou com a gente direito. Nós só entramos, o cara abriu a cama, nós entramos pra dentro, ele fechou a cama, entendeu? Tudo muito rápido. E aí o cara já partiu com a Scania, e o menino na fobia, “vou morrer, vou morrer, vou morrer” e eu tranquilizando ele, “calma, calma, pensa... pensa, fecha os olhos... pensa...” Eu como sempre apaziguando, calmo, eu tenho fama de ser calmo, né, todo mundo fala isso. E aí tranquilizando ele “tenha calma, pensa na sua família, pensa no depois, calma, tranquilo...” E outra coisa, ele falou isso, “vocês não podem conversar, quando parar o caminhão, é que tão no posto policial e eles entram até com cachorro, pra farejar e tal, vocês nem respiram!” [risos] “Nesse momento que a Scania parar, vocês trancam a respiração.” Cara, e... lembro como se fosse agora assim, a emoção, o momento que a Scania parou. Aí eu falei com aquele menino, né, “shiu” e... ele afobado. E eu quietinho, aquele silêncio... ouvia só aquele barulho da botina do policial, eles entram dentro da Scania, ele para, pede documento do cara, né, do motorista da Scania, ele abre a porta, e o policial entra dentro, abre a cortina, assim na parte de trás, olha... levantou o colchão e tudo e tinha o fundo falso entendeu?! E a gente lá dentro, igual uma sardinha dentro da lata. Aí, bom que não entrou com cachorro, porque eles param várias, nesse que eles foram vistoriar, eles não entraram com cachorro. Eu acredito que se entra com um cachorro, o cachorro ia farejar a gente.

Essa situação experienciada por Saulo é comum na fronteira e foi representada pela novela *América*. Em um trecho da viagem de Sol (personagem principal interpretada por Deborah Secco) rumo aos Estados Unidos, ela precisou se esconder dentro do painel de um carro. Segundo a autora, Glória Perez, a cena foi inspirada em uma fotografia fornecida pelo Consulado dos Estados Unidos, na qual uma jovem estava sendo apreendida nessa mesma situação. Já a atriz Deborah Secco afirmou que “foi muito angustiante ficar ali [dentro do carro para a gravação da cena]. É quente, apertado, desconfortável... É uma situação surreal, inimaginável. E eu ainda tive que ficar ali com o carro em movimento, o que dá uma agonia muito maior.”²⁶⁷

²⁶⁷ *Memória Globo*, consultado em 20 jan. 2022.

Imagem 3: fotografia do momento em que a personagem Sol é apreendida pela polícia migratória



Fonte: reprodução da internet.

Para Silva Quiroz e Cruz Piñeiro²⁶⁸ a migração ilegal vincula os riscos às vulnerabilidades dos emigrantes, que são inúmeras, a começar pela própria ilegalidade da migração. Todos os cinco entrevistados se viram vulneráveis diante do risco de serem apreendidos pela polícia e deportados, já que se encontravam em situação de ilegalidade. Como vimos nas narrativas acima, os meios de transporte utilizados para se esconder dos policiais levam os migrantes a se colocarem em situações degradantes. Além disso, os momentos mais traumáticos para Breno e José foram as abordagens policiais no México, em que se viam obrigados a dar tudo que tinham para seguir viagem.

Os entrevistados se viram também diante da vulnerabilidade econômica. Em certo trecho da viagem, Breno e José já não tinham mais como pagar as propinas policiais e só conseguiram seguir viagem porque outros emigrantes ainda tinham dinheiro.

Breno: Pararam e queriam dinheiro, e a sorte é que tinham um... porque a gente já não tinha mais nada... e tinha um casal de... um pessoal venezuelano... ah, eu não tenho certeza se é da Venezuela ou de Honduras. E que eles... a gente tipo... tipo assim, pegou eles bem no... no finalzinho já, né, que, na saída de Houston é que a gente encontrou com esse pessoal, para ir no mesmo carro...e eles tinham dinheiro, e eles deram esse dinheiro para a polícia e eles deixaram a gente ir embora.

²⁶⁸ SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013.

Já na viagem de Pedro, a vulnerabilidade econômica se deu por ter tido que optar pelo tipo de viagem mais barata, e isso se refletiu no transporte utilizado durante a travessia do México, um caminhão frigorífico, e na alimentação escassa durante todo o percurso.

Pedro: Então, contam...tem pessoas que contam... o que que aconteceu... mas é uma coisa muito complexa essa viagem, eu não sei nem como explicar... tem gente que paga menos. A pessoa que paga menos ela corre mais risco do que quem paga mais. Às vezes, você está num lugar onde as pessoas, tem pessoas de... de diversos “coiotes”, né, entre aspas, que estão levando. Você encontra com várias dessas pessoas, aí você vai ali escutando a história da pessoa, como que... quanto que ela pagou, aí a pessoa fala: “ah, eu paguei 11 mil dólares”. A outra fala: “Eu estou pagando 17”, e tal. Aí você vai vendo que a pessoa, ela tem algum... algum tipo de regalia a mais do que quem paga menos.

Uma terceira vulnerabilidade que podemos identificar nas entrevistas é a chamada vulnerabilidade técnica que “se entende como a falta de conhecimentos ou técnicas necessárias para prover-se de meios de subsistência e possuir poucos conhecimentos para tomar decisões acertadas durante o trajeto.”²⁶⁹. Todos os entrevistados alegaram que não sabiam o que iriam enfrentar durante a travessia, que não imaginaram que seria como foi. Breno e Pedro, por exemplo, disseram que haviam comprado roupas para viagem, mas que elas ficaram pesadas para carregar nas longas horas de caminhada, o que fez com que se desfizessem de tudo ao longo do caminho.

Breno: Aí... de lá eles têm um, eles pediram pra gente... tentar proteger os documentos da forma possível, né? O mínimo e tal. E... levar o mínimo de coisa possível... e, então, eu tinha comprado roupa para viajar, isso e aquilo e tal. Eu acabei levando muita coisa, né? Mas... durante a caminhada eu percebi porque que eles falaram que era para levar o mínimo de coisa [risos]. Porque você vai jogando tudo fora no meio do caminho. É... tudo, qualquer coisa que você estiver carregando incomoda. Porque o cansaço é muito, o calor é muito, então...

Pedro: Aí, assim, a partir do momento que você vai andando, você tem que começar a esvaziar sua bolsa, né? Porque o cara fala: “Oh, vai ficar pesado e você já tem que andar um pouco, então é melhor você já ir esvaziando a bolsa”. E mesmo... até mesmo para ocupar menos espaço no carro. Aí, você vai jogando roupa fora, vai jogando, tudo que você tem você vai jogando fora.

²⁶⁹ SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013, p. 35.

Saulo também relatou que precisou se desfazer de seus pertences na hora de atravessar o rio Grande, deixando para trás todas as roupas boas que havia comprado para viagem e encarando o inverno estadunidense com apenas a roupa do corpo.

Saulo: E roupa, mala, fica tudo lá. Eles orientam você, você vai com a roupa do corpo, muito frio, muito frio, uma jaqueta que você escolhesse, né, uma roupa, uma blusa, e calça, uma calça normal, uma meia, sapatênis, tudo que você levou ficava lá, nessa casa. Ih... levei jaleco, levei blusa de frio, bonitas, que eu tinha, calça... ficou tudo lá. A mala fica lá nessa casa. Você só vai com a roupa do corpo. Eles te orientam a passar, o passaporte num plástico, lacrar bem pra não molhar, porque você atravessa o rio.

Podemos destacar também o risco de se envolver em acidentes, já que o próprio meio físico-natural da região fronteira apresenta diversos perigos. Um exemplo é a travessia do rio Grande, que, mesmo para aqueles que sabem nadar, pode ser traiçoeiro, além de ser poluído, podendo transmitir doenças aos migrantes, como explica Breno:

Breno: Aí, a gente passou numa outra parte do rio, que aí já era muito mais fundo, então, você tinha que passar com boia. Era uma boia de caminhão... e... iam duas pessoas em cada boia. E uma água assim... muito suja, né?, cheia daqueles bolores, aquelas coisas assim, de...

CM: E você sabe nadar?

Breno: Eu sei nadar, mas assim, num rio é complicado. [risos]

Inclusive, a trajetória de Saulo foi marcada por um pequeno acidente justamente no momento que ele corria para se esconder dentro do rio Grande, onde ele teve um corte profundo na mão e precisou de atendimento médico. Além disso, ele e os outros emigrantes precisaram ficar escondidos dentro da água durante o inverno por mais de uma hora:

Saulo: Voltamos todo mundo correndo pro rio, nessa hora que voltamos todo mundo correndo pro rio, de volta, eu cortei a mão, eu tenho a cicatriz aqui, daqui até aqui. Porque a beira do rio tinha uns bambus, bambus secos, e no descer de volta pro rio, tinha uns, um declivezinho pra descer pro rio, eu me apoiei no chão e escorregamos e eu só senti uma cosquinha assim, bem de leve, mais... *puff!* dentro do rio, com roupa e tudo, e aí já não tinha mais tempo de tirar roupa, houve uma situação inesperada, entendeu? Cara, ficamos ali dentro daquele rio, todo mundo dentro do rio, descemos o rio, porque o rio era água corrente, descemos uns 200 metros, né, dentro do rio, na beira assim do mato, descemos mesmo, andando e nadando e tal, e... ficamos os 12 mais os 2 coiotes, a 200 metros abaixo. Ficamos ali por mais ou menos em torno de uma hora e meia.

Outro grande risco de acidente se dá durante os trajetos de carro. Conduzidos por mexicanos, em alta velocidade, os carros geralmente transportam mais pessoas do que o permitido, de forma irregular e desconfortável. Além disso as longas distâncias percorridas sem poder parar para descansar pode levar os motoristas a dormirem no volante, como relataram os entrevistados:

Breno: E... e... lá é assim: parou uma caminhonete, aí vão praticamente assim... 20 pessoas ou mais numa caminhonete. É um deitado em cima do outro, outro deitado atrás do banco. E o motorista, ele sai igual louco... Então, assim, nessa hora é um risco muito grande de... de acidente e etc... [...] Ah, eu conversei bastante com o motorista, né, porque é uma viagem muito longa... viajava a noite toda, o dia inteiro... aí eu ficava conversando com o motorista, eram dois motoristas, mas um já ficava mais na dele e o outro mexicano eu ficava conversando com ele porque... ele dirigia praticamente dormindo. Aí eu ficava conversando, conversando para ele não dormir.

José: Era... era... tipo assim, um carro que cabia... um carro para 5, 6 pessoas deviam ter umas 11, 12. É o dobro, né?! Muito apertado, muito, o transporte era muito precário. Transporte era... o mais... o que mais e... e... marcou negativamente foi o transporte.

Renant: Aí colocou a gente numa van e fomos pra casa de um cara lá, chegamos lá na casa desse cara, tinha mais uma turma, tinha mais umas 10 pessoas e aí enfiou esse pessoal todo dentro de uma van, a van era 5 lugares, mas entrou umas 15 pessoas dentro de um van, e... um monte de gente apertado e como não tinha mais lugar, eu e uma menina, nós éramos menores, os dois pequenininhos da turma, nós fomos deitados atrás, no porta malas da van, não é um porta mala, mas é... essas van... não tem a parte de trás onde coloca as malas?

Por fim, as narrativas de Pedro e Renant aludem ao que Silva Quiroz e Cruz Piñeiro chamam de vulnerabilidade institucional e política, que, segundo eles, são “o excesso de tramites e procedimentos sobre os quais os migrantes não têm controle.”²⁷⁰ Parte das dificuldades da travessia realizada por Pedro adveio da nova política imigratória entre Brasil e México. Sem poder desembarcar diretamente no México, ele precisou atravessar todo o país clandestinamente e ultrapassar duas fronteiras, ampliando os riscos de sua viagem.

Já a trajetória de Renant foi marcada por sua detenção pelo governo estadunidense. O grupo de emigrantes em que ele se encontrava atravessou a fronteira em uma modalidade conhecida como “cai-cai”. Quando os imigrantes são detidos pela Patrulha da Fronteira e não representam uma ameaça a partir da avaliação das autoridades norte-americanas (não possuem antecedentes e/ou não são de origem de países ligados ao terrorismo, por exemplo), inicia-se formalmente o processo de remoção desse imigrante. Ele é encaminhado pelo Serviço de

²⁷⁰ SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013, p. 35, tradução nossa.

Detenção e Remoção para presídios próprios para essa finalidade, porém, se não houver vagas disponíveis, os imigrantes são liberados, devendo comparecer perante o juiz da imigração numa data marcada.²⁷¹ Como Renant explicou, os emigrantes que estavam em seu grupo foram orientados a se entregarem para a polícia imigratória na expectativa de serem liberados, mesmo que esse não tenha sido o combinado inicial.

Renant: Ai o cara ligou pra gente e falou “olha, vocês vão ir no cai-cai”, aí que... que era o cai-cai na época... o cai-cai era que... como as prisões lá nos Estados Unidos estavam muito cheias, você, eles te detinham, pegavam suas digitais, pegavam tudo e te liberavam dentro dos Estados Unidos, aí com... eles te davam tipo uma permissão de alguns dias, alguns meses pra você retornar na Corte, sabe?! Só que o combinado meu não era ir nessa... O combinado não era esse tipo de coisa sabe?! Aí... só que depois que você já tá lá, não teve jeito. Nós entregamos o passaporte pra ele e partimos pra atravessar.

CM: O combinado era o que? O que que tinha sido combinado?

Renant: O combinado era eles atravessarem a gente na fronteira, alguém estar lá esperando e levar a gente pra casa e não ia passar pela imigração americana, entendeu? Porque nesse caso aí a gente ia ficar com nome na migração, eles iam saber que a gente tava dentro do país, sabe. Aí se a gente não comparecesse na... na corte, a gente podia ser procurado, entendeu?! Aí... não teve jeito, acabou acontecendo desse jeito mesmo. A gente foi.

Segundo o jornal *O Globo*, em maio de 2005 a superlotação dos presídios de detenção de imigrantes e a pouca verba para deportação levava os imigrantes a serem liberados com a notificação de se apresentarem ao juiz um tempo depois – o que raramente acontecia, corroborando a narrativa de Renant e a opção tentada pelo “cara”. Mesmo sem querer arriscar esse caminho, Renant afirma que, estando ali na fronteira, o único jeito era seguir os comandos recebidos, então ele continua seu relato sobre a travessia:

Renant: Aí a gente atravessou, travessia tranquila, um rio, não pisei na água nem nada, a gente atravessou, no que atravessou o cara falou “oh, vocês vão andar nessa estrada aqui, pode andar tranquilo, essa estrada aqui, vai passar o carro da imigração, vai pegar vocês e vai liberar vocês com 24 horas. Quando liberar vocês, aí vocês ligam pra gente e a gente vai pegar vocês onde vocês estiverem.” Aí beleza, aí a gente começou a andar naquela estradinha lá... estrada deserta, não tinha nada. Andamos, andamos, andamos, uma hora nada, duas horas nada, três horas nada. A gente deve ter andado umas quatro horas, até aparecer um carro da imigração americana. Aí a imigração chegou, pegou todo mundo, abordou todo mundo, levou todo mundo preso. Aí lá na delegacia, pegando os dados, as digitais e tudo e de fato aconteceu igual ele falou, depois de 24 horas liberou todo mundo. Só que não me liberou. Aí... não me liberou pelo fato de ser menor de idade. Eles falaram “quem é o responsável por você? Cadê sua autorização de viagem, não sei o quê, você não pode tá andando viajando sozinho, você é menor de idade e tudo, e nós não vamos poder te liberar não. Tem que vir alguém aqui pra poder buscar você. Então você vai ficar detido.” Aí explicou: “não se

²⁷¹ Relatório final da CPMI da Emigração, 2006.

preocupe, você não vai ficar preso nem nada, não é nenhuma cadeia, mas você vai ficar tipo em um orfanato, um colégio interno, até alguém se responsabilizar por você e tirar você de lá.” Aí o pessoal que tinha ido comigo eu vi todo mundo indo embora e eu fui ficando sozinho naquele lugar, aí nossa... aquilo que a garganta não passava nem água. Imagina?! Dezessete anos de idade, pesando 40 quilos, [risos] sozinho... Há vários dias... há vários dias... e assim, e você sem saber, e agora?! Como é que vai ser, como é que vai ser?!

Mesmo que o plano proposto pelos “caras” tivesse seguido de acordo com o que eles haviam dito que seria – com os migrantes sendo liberados, para Renant as coisas foram diferentes. Por ser menor de idade ele precisaria de um adulto responsável para poder ser liberado. Renant se vale do humor, mas deixa explícito em sua fala o quão assustador foi aquele primeiro momento de se encontrar completamente sozinho e vendo desmoronar o seu sonho de entrar nos Estados Unidos. Ele continua sua narrativa explicando que foi encaminhado para um orfanato e como era a rotina nesse lugar, afirmando ter se adaptado rapidamente.

Renant: E... o... nesse lugar, onde você fica detido, eles ligam o ar-condicionado torando, gelado, aí todo mundo foi embora e eu fiquei lá. Aí depois de umas horas, eles me chamaram, me colocaram numa van, me levaram pra um lugar tipo um orfanato. Aí, nesse lugar lá só tinha menor de idade. Todos na mesma situação que eu. Aí eu cheguei lá, eu lembro até hoje o nome do cara, o bigodinho, ele me recebeu, se apresentou, explicou como é que era, falou assim “olha, aqui você pode ficar tranquilo, você não tá em nenhuma cadeia, aqui é uma espécie de orfanato, é... você vai ter horário pra dormir, pra comer... você vai ter aulas, e você tem direito a ligar pra sua família duas vezes por semana.” [...] Aí, na primeira noite eu sabia só chorar, só chorar, assustado, sem saber de nada, aí os meninos [brasileiros que estavam na mesma situação no orfanato] foram me tranquilizando... explicando como é que funcionava, e tudo. Aí... eu fui acostumando, aí os meninos explicaram que funciona assim lá, você tá lá detido, por você ser menor de idade, alguém maior de idade, legalizado no país tem que ir lá e se responsabilizar por você pra te tirar. Aí beleza, aí então tá. [...] Aí eu não sabia o que eu fazia, porque eu não tinha ninguém pra me tirar de lá. Aí eu fui ficando... e eu toda vida sempre me adaptei muito fácil, todo lugar, né, igual camaleão. Aí... é... comecei assim... ah... achar normal aquilo. Ah, tô comendo bem, dormindo bem, tô estudando, e ganhando um dólar por dia ainda! Ganhava um dólar por dia quando tava lá, nesse lugar [risos]. Aí eu falei “ah, vou ir pensando...” e nisso você tem direito a ir em três cortes perante o juiz, aí nessa corte você pode pedir pra ele mais tempo pra você arrumar alguém pra te tirar de lá, ou você pode pedir pra ir embora pro Brasil.

Renant conseguiu um responsável para liberá-lo da detenção e seguiu viagem de encontro ao seu irmão, com quem viveu por um período até ser deportado de volta. Apesar de ter alcançado seu objetivo, ele afirmou que esses foram os piores momentos de sua viagem, uma viagem onde não é possível desistir e voltar:

CM: Em algum momento lá você pensou em desistir? Você pensou, falou “ah, não, quero voltar”.

Renant: Você não tem essa opção, você não tem. Porque você tem que seguir o fluxo. Você vai voltar com quem?

CM: Então, não dá nem pra querer desistir...

Renant: Não dá [risos]. Onde a galera tá indo você tem que ir ué... igual... o meu maior momento de desespero não foi nem na viagem, a maior angústia que eu passei assim que... fiquei assim... sem chão, sem saber pra onde, o que iria acontecer com minha vida, foi no momento que a gente estava detido e que ele falou que eu não poderia ser liberado e liberou todo mundo e eu vi todo mundo indo embora e eu ficando. Aquilo ali eu... imagina, um menino de 17 anos, você fica num lugar, detido, você não sabe o que vai acontecer com você, nem pra onde eles vão te levar... aquilo ali foi... foi... foi agonizante.

Por fim, percebemos que, apesar de cada narrativa e cada experiência migratória ser única, em todas as entrevistas identificamos diferentes tipos de *riscos e vulnerabilidades* nas vivências incomuns experienciadas na fronteira. Essas experiências compõem parte do imaginário do que é a travessia clandestina e são influenciadas a partir do momento sociopolítico internacional e pela situação financeira do emigrante. Como vimos nos relatos acima, o preço da viagem era muitas vezes decisivo para se ter mais conforto ao longo do caminho. Além disso, as políticas imigratórias internacionais influenciaram diretamente a viagem de Pedro, estendendo seu trajeto. Mesmo se encontrando em situações similares, cada entrevistado narrou sua vivência de forma singular, as quais serão exploradas em suas especificidades no próximo capítulo.

Capítulo 3

Travessias Clandestinas – Memórias de emigrantes retornados

O que faz a história oral diferente, segundo Alessandro Portelli²⁷² em texto do mesmo título, é ela se fazer a partir de fontes orais e as singularidades que isso implica. Ele afirma que “as fontes orais nos contam não apenas o que o povo fez, mas o que queria fazer, o que acreditava estar fazendo e o que agora pensa que fez,”²⁷³ possibilitando-nos explorar as subjetividades e os significados por traz dos eventos. Além disso, Portelli ressalta que as fontes orais se caracterizam, sobretudo, por sua oralidade e possibilidades narrativas, de tal forma que elementos como o tom e o ritmo do discurso e a utilização de gêneros narrativos e textuais, tais como o conto, a piada, a anedota etc., carregam significados passíveis de análise. Portanto, este capítulo pretende identificar e analisar quais e de quais formas os entrevistados utilizaram os recursos narrativos e os elementos de oralidade ao rememorar a experiência da travessia clandestina das fronteiras estadunidenses pelo deserto mexicano. Tendo em vista que a história oral não diz respeito apenas ao evento, mas também “ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”²⁷⁴ e que a experiência e o saber de experiência são singulares e únicos,²⁷⁵ o objetivo aqui é pensar os relatos individualmente, ressaltando os aspectos próprios da experiência vivida de cada entrevistado.

As entrevistas de Breno, José e Pedro foram concedidas no primeiro semestre 2017 e compunham o escopo de entrevistas realizadas para a monografia de conclusão de curso de Bacharelado em História, intitulada *Travessias Clandestinas: representações da emigração ilegal de mineiros rumo aos EUA (2001-2016)*. A entrevista de Saulo, também realizada em 2017, não foi incluída no recorte da monografia, mas, tendo em vista que agrega aspectos importantes para as análises aqui propostas, foi incluída na presente pesquisa. Já a entrevista concedida por Renant foi realizada em 2021, ainda durante a pandemia de Covid-19, sendo a única entrevista concedida a distância.

²⁷² PORTELLI, 1997.

²⁷³ Ibidem, p. 7.

²⁷⁴ PORTELLI, A. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 12.

²⁷⁵ LARROSA BONDÍA, 2002.

3.1 O MOMENTO CERTO DE FAZER A TRAVESSIA: A VIAGEM DOS IRMÃOS

O ano de 2005 foi chave para se pensar a questão imigratória entre Brasil e Estados Unidos. A novela *América* estreava, levando para o horário nobre os inúmeros riscos aos quais brasileiros se expunham para realizar o sonho americano. Ao mesmo tempo, o número de apreensões de imigrantes ilegais batia números nunca registrados,²⁷⁶ levando o México a interromper o acordo bilateral com o Brasil e a exigir o visto para a entrada de brasileiros no país.²⁷⁷ Esse caldeirão fervilhava com a instauração de uma CPMI para analisar a situação da imigração indocumentada, e foi precisamente nesse contexto que os irmãos Breno e José saíram do interior de Minas Gerais em direção aos Estados Unidos.

As narrativas de Breno e José sobre travessia para os Estados Unidos são pautadas pela ideia de que tudo tem um “momento certo/oportuno” para acontecer. Em 2005, José havia ficado desempregado e aquele momento parecia a oportunidade perfeita para a viagem, uma vez que ele já tinha vontade de ir para os Estados Unidos. Ele estava casado há pouco tempo e a ideia inicial era ir e se estabilizar, para depois levar sua esposa para constituir sua família lá, buscando maior qualidade de vida. Já Breno havia acabado de passar no vestibular quando José o chamou para irem juntos. Quando questionado do porquê viajar naquele ano, Breno respondeu que José “estava louco para ir” e a oportunidade havia aparecido naquele momento:

Breno: Bom, então, é porque apareceu oportunidade naquele ano, né?! Eu tinha acabado de passar no vestibular, mas...era muito complicado trabalhar e estudar e... e né?! Então eu resolvi deixar tudo pra trás e ir.

Tomada a decisão de emigrar e firmados os acordos com aqueles que auxiliariam durante o processo de atravessar as fronteiras, os emigrantes passam a ter suas vontades submetida às ordens de terceiros. Imbuídos pelo desejo de realizar o sonho americano, os irmãos se tornam “sujeitos da experiência”,²⁷⁸ escolhendo se expor e padecer diante do desconhecido. O momento certo de dormir, descansar e seguir passa a ser determinado pelas pessoas responsáveis pelo sucesso da travessia e revelam a angústia da espera e a esperança no desconhecido dos emigrantes que aguardam. Mais de uma vez, o “momento certo” é evocado demonstrando a passividade em que eles se encontravam diante dos acontecimentos. Já no

²⁷⁶ *Folha*, 4 jul. 2004.

²⁷⁷ *Folha*, 10 set. 2005.

²⁷⁸ LARROSA BONDÍA, 2002.

início das entrevistas de Breno e José, a espera por esse momento, que é definido por terceiros, fica evidente:

Breno: Ó, eu morava em Belo Horizonte, mas antes da viagem, né? *Aguardando o momento certo*, né... que tudo tem o momento certo. Eu fui pra Sardoá... [de] Sardoá, eu fui pra Governador Valadares, aí, de Governador Valadares eu fui para... para o aeroporto de São Paulo. Aí, de São Paulo nós fomos para o Chile. Mas o Chile foi só escala mesmo, né, a gente nem saiu do aeroporto. E do Chile para a Cidade do México.

José: Olha, eu dependia do... do cara lá, né, de Sardoá. É o... o coioote daqui. Ele... ele preparou...eles prepararam o pessoal de lá para receber a gente... aí, só que eles ficavam *esperando o momento exato*. Aí, nesse momento exato, a gente ficava aqui sob... na expectativa de acontecer. Aí, a hora que... só esperando eles falarem “pode vir”. Aí aconteceu e nós fomos. Nós fomos pra São Paulo, pegamos o avião e fomos para o México.

A travessia indocumentada consiste principalmente em seguir as orientações de terceiros, sejam eles coiotes ou não. São eles que dizem o que os emigrantes devem fazer e, principalmente, quando fazer. Durante o percurso no deserto, Breno descreve que mesmo diante da sede e do cansaço, o momento de parar e descansar é ditado pelo coioote:

CM: E nesse momento que você atravessou, nesse momento de cansaço, tinha lugar pra você descansar... se recuperar fisicamente?

Breno: Não, quando... de um período, quando você andava um período aí o ... o coioote falava ‘‘agora a gente vai parar aqui e tal e.... vamos descansar’’.

A espera pelo momento de avançar no caminho, de avançar as etapas, é angustiante, já que os emigrantes não sabem quanto tempo essa espera pode levar. A viagem dos irmãos Breno e José durou aproximadamente 11 dias, desde a saída do Brasil até a chegada no local de destino dentro dos Estados Unidos, e, além da espera constante pelos momentos propícios de ir de um ponto a outro sem maiores riscos de serem pegos pela “imigração”, os dois se separaram durante a travessia do rio Grande:

Breno: Aí depois dessa casa... eles te avisam mais cedo... que... para você se preparar que a qualquer hora você pode sair. É no, ah... na noite da travessia, né? Tinha aproximadamente 12 pessoas. Aí, eu tinha combinado com o José, de... a gente deixar, a gente ia atravessar o rio, né, num lugar que é assim, não é muito fundo e tal, passagem supertranquila. Aí eu combinei com o José da gente ficar na segunda... no... segundo grupo. Porque eles dividiram, né, passam 6, ficam 6. Nós combinamos de ficar no segundo grupo, que, se desse algum problema, a gente ia... mas, quando eu assustei, ele já estava na metade. [risos] Aí veio a polícia, né?, veio numa lancha e tal, com sirene, luzes, isso e aquilo. Aí, a gente já estava na margem do rio, nós voltamos,

escondemos. E como é do lado do México ali, eles não entram. Mas a outra turma conseguiu passar, normal.

CM: E, você ficou como? Se separando assim do seu irmão?

Breno: Ah, eu fiquei tranquilo, até porque o coitado já tinha conversado com... com o outro, né, que tinha passado todo mundo bem e etc. Quando você está nessas coisas assim, de atravessar, você não fica muito preocupado, você não fica com medo, né, dá uma certa adrenalina.

Apesar de alegar a falta de preocupação com o irmão, já que ele já havia sido avisado que estava bem, quando Breno consegue atravessar o rio Grande, sua expectativa de encontrar com o irmão logo em seguida é frustrada. Os dois se reencontram apenas no dia seguinte, depois de outro trecho percorrido:

Breno: Aí nós chegamos na divisa, né. Aí nós... nós chegamos em Houston... aí... você vai caminhando, tipo arrastando para a beirada de uma... rodovia. Aí, do nada, aparece um carro ali... e entra todo mundo naquele carro. É incrível como que... um vai no colo do outro e o cara já sai louco e te leva para um hotel. Aí, eu pensei que eu ia encontrar o José nesse hotel, não encontrei.... Aí, no outro dia bem cedinho a gente saiu do hotel e foi para uma casa, que eu imaginei que fosse casa de alguém etc., mas era uma casa abandonada que eles estavam usando [risos]. Aí eu fui e encontrei com o José. Nessa outra casa.

Já durante a entrevista com José, essa separação do irmão durante um trecho arriscado, provavelmente seria omitida se não fosse a pergunta direta da entrevistadora, dando a entender que, para ele, o evento não teve a importância atribuída por Breno:

CM: E em qual momento que você se reencontrou com o Breno?

José: Não, não, a gente, nós não nos separamos não. Esse trajeto todo nós fizemos juntos.

CM: Mas na travessia do... do rio, vocês se separaram...?

José: Foi só durante, foi justamente na travessia. E não... foi a conta, a gente e... e separar na margem de cá e nós nos encontrarmos na margem de cá, porque... ele parou para tirar o sapato. Ele chegou na margem, ele parou para tirar o sapato, e eu, não. Eu, do jeito que eu cheguei, eu já, já entrei. Com sapato, com calça, do jeito que eu estava. Entendeu?! E ele parou para tirar. A nossa separação foi essa. Aí eu cheguei do outro lado, eu esperei do outro lado e... ele chegou logo em seguida.

A partir da entrevista dos irmãos, podemos perceber como cada experiência migratória é única e particular e como a memória é seletiva e parte da escolha individual (consciente ou inconsciente) do que lembrar e esquecer.²⁷⁹ Assim, percebemos que a separação durante a

²⁷⁹ POLLACK, 1992.

travessia do rio Grande foi lembrada de forma diferente por cada um deles, demonstrando a intensidade de como aquele momento foi vivido – ou o contrário, a intensidade como aquele evento tentou ser esquecido.

Mas, além dos pontos em comum no que se refere à imigração indocumentada, a especificidade da trajetória de cada sujeito foi explicitada nas diferentes formas dos relatos orais. Dessa forma, o relato da travessia reconstruída no presente, deixou transparecer o significado dessa experiência para cada entrevistado.

Se, por um lado, cada entrevistado rememorou a travessia de forma única, enfatizando aspectos diferentes da viagem, por outro lado, a performance narrativa dos irmãos se aproximou em vários aspectos. Ambas as entrevistas foram realizadas na casa dos entrevistados e, mesmo sendo pessoas que fazem parte do meu convívio social, as entrevistas tomaram um tom sério. Foram entrevistas curtas, onde Breno e José se limitaram a responder o que era perguntado. O entrevistado Breno, por exemplo, teve dificuldades em manter contato visual durante a entrevista, preferindo olhar para as mãos enquanto rememorava os acontecimentos mais angustiantes.

De maneira parecida, José desviava o olhar quando se referia à família e à esposa, evitando entrar em detalhes sobre aspectos mais íntimos de sua vida. Além disso, ele se manteve inquieto e aparentemente desconfortável, mexendo nos objetos da mesa durante todo o tempo da entrevista. Ambos falaram abertamente sobre o arrependimento da viagem, principalmente José, que afirmou querer esquecer esse período de sua vida. Por isso, provavelmente, eles apresentaram um comportamento mais retraído diante da rememoração da travessia. Ambos possuíam uma vida estável e algumas oportunidades quando preferiram arriscar. Breno havia acabado de passar no vestibular e José já tinha constituído uma família aqui no Brasil.

3.2 A HISTÓRIA QUE DARIA UM LIVRO: O RELATO DE PEDRO

No ano de 2007, Pedro, seu primo e sua irmã emigraram para os Estados Unidos clandestinamente. Com a permanência da exigência de vistos para brasileiros entrarem no México, Pedro e seus companheiros tiveram um trajeto um pouco diferente dos outros entrevistados dessa pesquisa. Não possuindo os documentos para desembarcar diretamente no México, a travessia deles se iniciou na Guatemala, de onde, com longas caminhadas e um trajeto de mais ou menos 17 horas dentro de um caminhão frigorífico, eles chegaram na fronteira México-EUA.

Após algumas perguntas iniciais comuns a todos os entrevistados, Pedro foi convidado a descrever livremente sua trajetória, desde a saída de Sardoá até a chegada nos Estados Unidos. Aos risos, ele questionou:

Pedro: Eu posso contar o que que aconteceu?

CM: Pode contar.

Pedro: Rapaz, mas é muito... (risos). É muita coisa.... Aconteceu coisa demais... Você tá doido, *dá um livro!*

E assim ele ditou o tom de sua narrativa, reconhecendo o excepcionalismo de suas experiências fronteiriças e pontuando que sua história daria um livro.

Conforme a autora Lynn Abrams, “uma narrativa de história oral é, antes e acima de tudo, uma performance de palavras, [...] um ato performatizado para uma audiência em um contexto em particular.”²⁸⁰ Assim, a forma como a narrativa se dá também é carregada de sentidos e significados. Nesse sentido, Miriam Hermeto e Gabriel Amato mobilizam a ideia de uma performance narrativa em história oral, buscando refletir sobre “como os entrevistados aliam elementos linguísticos e paralinguísticos na construção de formas específicas de lembrança/esquecimento por meio da oralidade.”²⁸¹

A partir disso, pode-se perceber que a performance narrativa de Pedro é marcada pelo humor, uma vez que ele parece se divertir em recordar das “doideiras” vividas. Saindo do Brasil com apenas 18 anos, Pedro rememora sua experiência como uma grande aventura de “menino”, da qual não se arrepende, mas que não repetiria hoje, aos 28 anos e já graduado. Logo no início da entrevista, ao descrever um trajeto dentro da Guatemala, Pedro parece se dar conta do quão arriscado foi viajar para outro país sem nem ao menos falar a língua local e tendo que confiar sua vida a estranhos:

Pedro: Aí o cara falou: “oh, vocês vão entrar dentro desse ônibus e vocês só vão descer na hora que o fulano de tal falar o nome de... de tal pessoa”. Você vê que doideira, você anda num país que você não conhece ninguém, sozinho, sem saber falar a língua, e vai, aquele trem doido, não sabe nem pra onde você tá indo. Imagina se você perde... se você perde num lugar desses, quê que você arruma?! [Risos]. Olha, pra você ver que menino não tem juízo! Aí entramos dentro do ônibus, fomos, andamos umas duas

²⁸⁰ ABRAMS, L. *Oral History Theory*. Londres: Routledge, 2010. p. 130.

²⁸¹ HERMETO, M.; AMATO, G. Performance narrativa em entrevistas públicas de história oral: “E 68 hein? Memórias públicas de um ano inesquecível”. In: MOREIRA, J.; KIND, L. (orgs.) *Pesquisas com narrativas nas ciências humanas: Psicanálise, Psicologia Social, Sociologia e História*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2022. p. 273.

horas de ônibus, um lugar muito doido. [...] Aí a gente foi e chegou no lugar. Esse lugar é muito doido, velho, esse lugar é um lugar...

Por mais de uma vez, Pedro usou o adjetivo “doido” em suas descrições, que foram acompanhadas por risadas e expressões de incredulidade. Ao longo de sua narrativa, ele continua permeando os relatos assombrosos das situações extremas vividas no passado com pequenas anedotas. Um exemplo é quando ele nos conta sobre ter sido sequestrado em um dos trechos da viagem²⁸². Quase como se contasse uma história de suspense, Pedro envolve seus expectadores²⁸³, que, mesmo sabendo que no final tudo daria certo – afinal ele havia sobrevivido, sentem-se tensos e curiosos com como se dá o desfecho da história. Relembrando dos momentos em que eles aguardavam as ordens dos sequestradores, Pedro recria o clima de tensão, recordando as palavras usadas por eles:

Pedro: [...] Um cara desse chegou e falou, “oh é o seguinte, vocês estão sequestrados, e os... quem trouxe vocês vai ter que pagar 50 mil dólares pra vocês serem liberados. Caso contrário...” Aí, tipo assim... não soube explicar. Aí a gente perguntou: “mas e se o cara não pagar?” Aí ele falou: “eu não sei o que que vai, eu não sei que, que pode acontecer.”

E então ele continua a contar, lembrando como havia se sentido:

Pedro: Aí a gente ficou nesse lugar. Esse dia eu pensei que eu ia morrer, velho! Nossa senhora, tadinho, eu e o ratim [o primo que fazia a viagem junto com ele], nós... [risos] até abraçamos, ficamos lá no escuro, rapaz.

E quase como se o humor viesse do alívio de ter sobrevivido e de poder estar contando essa história, ele começa a rir da reação que o medo de morrer havia gerado – abraçar seu primo como se estivesse se despedindo.

Segundo Norrick,²⁸⁴ o humor é um recurso de construção da identidade pessoal e da manutenção de boas relações durante as interações sociais. Dentro da entrevista de história oral, o humor pode surgir como um artifício de negociação na relação com seu expectador, afetando a escolha e a forma em que os eventos são narrados. Assim, o humor “influencia a representação

²⁸² O relato completo do sequestro já foi explorado ao longo do segundo capítulo.

²⁸³ A entrevista de Pedro é acompanhada por sua namorada e seu primo, além da entrevistadora.

²⁸⁴ NORRICK, N. R. Humour in Oral History Interviews. *Oral History*, v. 34, n. 2, p. 85-94, out. 2006.

do passado e como ele reflete a imagem e as atitudes do próprio narrador em relação ao passado, à família, aos relacionamentos e aos objetivos.”²⁸⁵

Nesse sentido, o humor pode surgir “quando um narrador reconstrói e reavalia a experiência passada a partir de uma perspectiva atual,”²⁸⁶ contrapondo o que havia sido suposto no momento dos acontecimentos com o que foi descoberto posteriormente. Na dialógica entre passado e presente da reconstrução narrativa das experiências da travessia, Pedro reavaliou os riscos e as vulnerabilidades do passado a partir da segurança do momento presente, podendo, por isso, ressignificar suas vivências a partir do humor. Além disso, ao afirmar que essas experiências fronteiras arriscadas foram uma grande aventura da juventude, podemos sugerir que Pedro buscou se opor a esse passado, reafirmado uma identidade atual madura e responsável.

3.3 TEMOR A DEUS E PROVIDÊNCIA DIVINA: A MENSAGEM ESPIRITUAL NA NARRATIVA DE SAULO

O temor a Deus pode possuir distintos significados dentro das várias religiões existentes. Para os cristãos (como nosso entrevistado Saulo), o temor a Deus não é encarado enquanto medo do julgamento divino, mas sim enquanto respeito e confiança nos desígnios de Deus. Para os cristãos católicos, o temor a Deus é um dos sete dons do Espírito Santo²⁸⁷, e, como explicou o Papa Francisco em um de seus discursos,

o temor do Senhor, dom do Espírito Santo, não significa ter medo de Deus, pois sabemos que Deus é nosso Pai que sempre nos ama e nos perdoa. Não é um medo servil, mas sim uma consciência alegre da grandeza de Deus. [...] É a atitude de quem deposita toda a sua confiança em Deus e se sente protegido, como uma criança com o seu pai. [...]²⁸⁸

²⁸⁵ NORRICK, 2006, p. 92, tradução nossa.

²⁸⁶ Ibidem, p. 93, tradução nossa.

²⁸⁷ Segundo o Catecismo da Igreja Católica, são sete os dons do Espírito Santo encontrados em sua plenitude em Cristo, mas também presentes no batizado pela sua participação na vida sobrenatural do Ressuscitado. São eles: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus. (VIANA, Renné. Os dons do Espírito Santo. Canção Nova. Disponível em: <https://formacao.cancaonova.com/espiritualidade/espírito-santo/os-dons-do-espírito-santo/>. Acesso em: 23 nov. 2021).

²⁸⁸ CNA, 11 jun. 2014. Disponível em: <https://www.catholicnewsagency.com/news/29835/pope-fear-of-the-lord-an-alarm-reminding-us-of-whats-right>. Acesso em 29 jul. 2022.

Da mesma forma, o temor a Deus é encarado pelos cristãos protestantes enquanto o princípio da sabedoria, a chave que leva os homens a andarem no caminho reto e terem seus dias prolongados. De acordo com o pastor Márcio Valadão, “o temor do Senhor é o respeito para com Ele. Quando você tem esse nível de entendimento, seus dias são prolongados. E o que significa isso? [...] Que você viverá cada dia que Senhor lhe oferecer para viver.”²⁸⁹

Já a ideia de Providência Divina age de forma complementar ao Temor a Deus. Segundo o dicionário Michaelis (2021), **providência** pode significar uma “ação pela qual Deus (ação divina), com sua suprema sabedoria, encaminha todas as coisas do mundo.” Assim, temer a Deus é confiar em sua Providência.

Essas duas ideias, Temor a Deus e Providência Divina, marcam profundamente a narrativa de Saulo. Ex-jogador de futebol de um time espanhol e natural de Vitória-ES, Saulo emigrou clandestinamente para os Estados Unidos em janeiro de 2005, então com 39 anos. Após ter o visto para os Estados Unidos negado, Saulo entrou em contato com uma pessoa de Governador Valadares, que negociou sua viagem pela fronteira mexicana. Segundo sua narrativa, até a entrada no México e a chegada na fronteira com os Estados Unidos, sua viagem havia decorrido de maneira tranquila, apesar da cobrança constante de propina nas paradas policiais, que já haviam sido previstas pelos coiotes. É ao lembrar sobre os dias passados na fronteira que Saulo fala pela primeira vez sobre seu temor a Deus.

Saulo: No meu caso, deu tudo certo, fomos até a casa. Destino final, que era a casa onde a gente aguardaria a transferência, passagem, né, do rio Bravo, que é chamado rio Bravo que era o tal do rio que fazia a travessia ali, a fronteira. Nessa casa, foram 11 dias que eu fiquei. Normalmente, a ideia deles era a seguinte: quando você chegava na casa, eles falavam “amanhã você vai partir”, amanhã... só que esse amanhã nunca chegava. E já tinham outros que estavam lá há tempo, quando você vai pegando intimidade, com um ou outro, os caras falavam “que amanhã, esquece... eu já tô aqui há 15 dias, o outro tá aqui há 20, entendeu?”. Aí você começava a ficar preocupado. Por diversas vezes eu queria desistir, mas não tem como mais você desistir. Ali já no bolo não tem como mais, né?! É se adaptar, e... e ficar. *Mas uma coisa que eu sempre tive era o temor, o temor a Deus, né, e aí, no momento, é onde você deixa tudo. A sua história muda a partir dali, você fica confinado, você fica à mercê deles, o que eles falam você tem que obedecer, é ordem de silêncio, entendeu? Principalmente à noite, a conversa tinha que ser baixa, você ficava jogando carta, dominó, pra passar o tempo né, tinha hora de almoço normal, as mulheres iam lá fazer a comida, as próprias, o próprio pessoal que ia atravessar, as mulheres faziam a comida, e... e eu sempre tive temor a Deus nesse sentido, eu sempre estive em oração, sempre buscando a direção de Deus, mesmo que eu estaria atravessando uma fronteira, invadindo uma, um espaço né, ilegalmente, mas o que eu tinha no meu pensamento é que se faça a vontade de Deus sempre na minha vida. E tinha Bíblia e tal, lia a Bíblia à noite e tinha a hora do silêncio como eu te falei, que ninguém podia conversar, nem fazer nada.*

²⁸⁹ VALADÃO, Márcio. Temer ao Senhor não é ter medo de Deus. Lagoinha. Disponível em: <https://lagoinha.com/lagoinha-news/22844/temer-ao-senhor-nao-e-ter-medo-de-deus>. Acesso em: 23 nov. 2021.

É na angústia da espera em atravessar – relatada também por Breno e José, que Saulo afirma ter sentido vontade de desistir. Ele foi o único entrevistado a falar abertamente sobre o desejo de voltar ainda durante o trajeto, descrevendo a dificuldade em se manter confinado e à mercê das ordens de terceiros. A intensidade do momento fronteiro é o que, para Saulo, mudou sua história, foi o momento em que ele se voltou para Deus e encontrou em sua fé a força para poder se adaptar e seguir adiante.

Chegado o momento de finalmente atravessar a fronteira “depois do que pareceu uma eternidade”, Saulo lembrou que se mantinha o tempo todo concentrado e atento, orando a Deus em todo momento. Por já ter vivido na Espanha, ele conseguia compreender o que os coiotos falavam e se comunicar com eles com mais facilidade do que os outros emigrantes. Ele relata que, enquanto se mantinha atento às ligações e às conversas entre os coiotos e aos movimentos deles, já que era o único que conseguia compreender o que eles diziam, os outros pareciam levar a situação na brincadeira.

Saulo: Aí eu lembro que nessa travessia do rio, algumas pessoas, alguns, até nadavam, saíam nadando, como se estivessem num passeio, tipo, né, acaba não tendo noção do perigo, entendeu? Que era essa questão de atravessar, e eu sempre concentrado, sempre orando e pedindo a Deus pra dar uma... uma tranquilidade, né. Eu sempre tranquilo, né, até ajudei um senhor de 60 anos, ele passou com a gente. [...] Eu sempre concentrado, sempre concentrado, olhando todos os movimentos, olhando... que eu entendia o que eles falavam, então eu ficava sempre prestando a atenção, como o resto não entendia nada... não estavam nem aí... E eu, ligado sempre, sempre antenado, e eu digo sempre isso, sempre antenado em Deus, sempre orando, sempre concentrado, pra não deixar passar nada, pra não deixar, tipo, nenhum erro, acontecer, por falha nossa, entendeu? Ou falha minha, no caso. Porque eu sabia que em algum momento a gente ia ter que ser cada um pra si e Deus pra todos.

Após a travessia do rio, era preciso percorrer um trecho de terra até o asfalto onde uma van estaria aguardando os imigrantes para continuar a viagem até o destino final de cada um deles. Saulo repetiu várias vezes que se manteve sério e concentrado a todo momento, ao contrário de seus companheiros, e mesmo assim sua fé foi testada. A imigração americana apareceu antes que eles chegassem até a van e todos precisaram voltar correndo para o rio, mas Saulo foi o único entre os imigrantes que se feriu durante o retorno:

Saulo: Aí atravessamos, colocamos a roupa e os caras sempre armados, como eu te falei, drogados, caras muito doidos mesmo, e eles mandam sempre um na frente, sempre no rádio, sempre no radinho, “vamos!” Avançava mais um pouco, a gente avançava tipo 10 metros, né, no meio do mato, né, e agachava. Eles davam o comando e a gente abaixava. Cara, mas aquilo é incrível, eu não conseguia acreditar que aquela

imigração não ia ver a gente. Como era na parte de baixo, eram várias, a imigração tava lá em cima no alto. [...] tava claro ainda, porque lá nessa época do ano escurecia 5, 6 horas da noite, a gente atravessou tava claro. [...] Eu falei, “pow, plena luz do dia”, os caras são muito corajosos, como a gente tava no comando deles não tinha como a gente falar não. [...] Normalmente, eles tinham esse esquema de troca de plantão, a imigração americana, entendeu, e eles tinham esses contatos deles, e era troca de plantão, era o tempo que ficava às vezes, sem patrulhamento, era o momento que não tinha patrulhamento, do outro lado, eles tinham um esquema todo do outro lado, uma máfia. Só que alguma coisa deu errado, que a gente já tava chegando na parte do asfalto, porque era parte de chão, né, de mato, que interligava os dois lados dos dois países, do lado de cá do México tinha uma parte que você descia e do outro lado também, pra você subir. Não era muito alto, mas era uma cerração assim que teria que subir. E a gente avançava a cada comando do coiole. [...] Só sei que aí foi a situação onde começa a verdadeira peregrinação, o filme começa nessa situação aí, quando volta um coiole correndo dizendo que... que... deu errado. Eu percebi na fala dele, ele passou correndo pela gente dizendo pra voltar pro rio, que “*la migración, la migración*”, que ele falava, “*la migración*”. É, é... está vindo, *tá por vir, tá por vir* e todos, *volver para rio*, e tal”, e correndo... e voltamos todo mundo correndo pro rio. Nessa hora que voltamos, todo mundo correndo pro rio, de volta, eu cortei a mão, eu tenho a cicatriz aqui, daqui até aqui [mostra a cicatriz no pulso]. Porque a beira do rio tinha uns bambus, bambus secos, e no descer de volta pro rio, tinha uns... uns declivezinhos pra descer pro rio, eu me apoiei no chão e escorregamos e eu só senti uma cosquinha assim, bem de leve, mas... *puff!* dentro do rio, com roupa e tudo, e aí já não tinha mais tempo de tirar roupa, houve uma situação inesperada, entendeu?! Cara, ficamos ali dentro daquele rio, todo mundo dentro do rio [...] eu lembro como se fosse hoje, de cada detalhe, as pessoas, os outros meninos, as mulheres também, esse tempo que tava dentro do rio, aquele frio, né, chega a batia o queixo ali e eu a todo momento orando, eu a todo momento orando. Quando eu percebi a minha mão, eu tinha cortado, né, eu falei com o coiole, falei que tinha lesionado, que a palavra era lesionado, e eles perguntaram como e eu contei que quando eu descí o rio, um deles me arrumou uma luva, e falou “estanca o sangue, na *mano*”, “bota na, na... *guanta*”, eles chamavam *guanta*, pressiona pra não sangrar. Eu lavava, o frio que tava, congelava, e o sangue descendo e eu com medo de perder muito sangue, né, mas estanquei assim, botei a luva e fiquei lá, mas a todo momento orando, orando e fiquei lá, meu Deus, alguma coisa deu errado, e naquele momento você só pensa, em... em... em ser capturado e em voltar, porque a gente sabia que se fosse capturado eles deportariam. [...] Aí você passa já a desejar ser pego pra ser deportado, de tanta tensão que a gente fica assim no rio, entendeu? Uma hora mais ou menos, uma hora e meia ali, tava escurecendo quando teve comando do outro coiole lá, pra gente sair do rio.

Diante do ferimento, Saulo relata novamente o desejo de retornar, de desistir e ser deportado. Naquele momento, a ansiedade pela busca de um tratamento médico é maior do que o desejo de refazer a vida nos Estados Unidos:

Saulo: Eu fiquei indignado, porque esse momento que a gente tava ali, né, dentro da água, esperando, os caras estavam jogando *purrrinha*²⁹⁰! E eu, pow, na tensão, sabe, momento ali de você pegar com Deus mesmo e orar e pedir a Deus pra tá abençoando e eu tava com a mão cortada já e minha oração naquele momento eu ficava “senhor, porque só eu cortei a mão?! Porque só eu cortei a mão?” Ninguém cortou a mão, só comigo aconteceu isso, e eu ficava questionando ali com Deus, mas, ao mesmo tempo, eu falava “seja feita sua vontade, seja feita sua vontade”. E aí ele... ficamos lá nesse rio,

²⁹⁰ *Purrrinha* ou *purrrinha* é um jogo onde os participantes, usando pedaços de palito, moedas etc., precisam adivinhar a soma total de “palitos” que tem na mão de todos os jogadores da rodada (*Estadão*, 28 nov. 2011).

aí recebemos o comando pra sair, saímos, todo mundo molhando, frio, frio, frio, tirei a roupa, torci, botei a roupa de volta, e frio, tremendo, tremendo. Um juntava com o outro, né, pra poder aquecer, e aí tivemos um outro comando de ir avançar de novo, mesmo sistema, né, avançando a cada 10... 10 metros. Eu lembro que quando acabou a cerração, os matos, né, tinha um campo assim, uma área aberta, um campo de futebol, mais ou menos isso, que tinha que dar um pique dali até o asfalto, onde já era a cidade, Nuevo Laredo, Texas. Nuevo Laredo era México. Aí tinha as casas, você via as casas americanas, a fronteira mesmo, já era o bairro lá, o próprio Estados Unidos mesmo. E o coioote falou “oh, vocês estão vendo aquela van?” Tinha uma van parada, uma caminhonete, um furgão lá no final, a gente olhava assim, tava quase escurecendo já, a gente conseguia ver, o cara piscava o farol, “vocês vão correr até chegar lá, quando chegar lá no asfalto, vocês vão andar, pra não caracterizar, entendeu?!” Porque era um bairro residencial. [...] Quando nós atravessamos, que chegamos no bairro, que chegamos na cidade, caminhando, como foi a orientação deles, depois que a gente passa, os coiotes que levaram a gente voltam pro México, eram meninos novos, rapazes novos, mas eram garotos, tinham muita agilidade pra correr e tudo armado. Eles te falam, daqui pra lá vocês vão sozinhos, ---, nem sei pra onde que eles foram, só sei que eles sumiram no mato, por isso que o nome é coioote entendeu, e... e nesse momento que a gente chegou na cidade, e... aí avistamos a... o furgão, cara, assim, de repente já veio a... a... patrulha da imigração dos Estados Unidos. Só vi o barulho, “wow, wow, wow” pronto, vê, né, da parte de onde a gente tinha vindo, e nisso a van, o furgão que tava lá, [estralar de dedos], vazou, véi, aí nós pensamos “já era, né”. E todo mundo correndo, entrando nos terrenos, nos quintais das casas e as casas tudo fechadas, porque eles já sabem que passam por ali, eles ficam de... de transição, né, de transição ali, só sei que a... só sei que a minha reação foi sentar no meio fio só, nem correr eu corri. Falei “agora já era, se é isso que é pra acontecer, aconteceu, Deus quis assim”. Eu nunca nem corri, sentei no meio fio e fiquei lá sentado. Aí veio uma viatura, a patrulha, de um lado e de outro, não tinha pra onde sair, era uma rua que só tinha duas saídas, lá e cá, e alguns que correram, entrando nas casas e os próprios policiais foram lá e buscaram. Aí sentaram ali os 12. Tudo molhando, aqueles pintos molhados, sabe, quando você molha um pinto, me senti um verdadeiro pinto molhado. Frio, e aí eles ligaram os faróis assim, as duas viaturas e nós no meio. [...] Naquela hora ali, o sonho caiu, né, por terra, né. Todo mundo, desfaleceu todo mundo, caiu a casa, né, e aí ficamos ali, os caras cozinhando a gente uma meia hora e tal... aí falou, “passaporte na mão”, né, todo mundo com passaporte na mão. E aí chegou a viatura, abriu, né, o furgão e foi entrando. Quando eu fui entrar, o cara percebeu que eu tava com a mão enfaixada, e a luva era... era clara. Era luva branca, ou bege clara, e cheia de sangue, e você imagina, aquela tensão, o sangue, adrenalina a mil, que não sabia, a luva ficou vermelha. O policial perguntou... é... a minha sorte que eu falava espanhol, foi livramento de Deus mesmo. Ele perguntou “o que tiene em la mano?” O que tinha acontecido. Aí eu falei que tinha cortado no rio, e aí eles foram “tu quedes ahí, tranquilo.” Aí eu fui e fiquei sentado e os outros foram e entraram no furgão e eu fiquei lá no asfalto, aí chegou uma ambulância.

Durante a travessia do rio Grande, Saulo teve um pequeno ferimento na mão e o grupo em que ele estava acabou sendo abordado pela patrulha da fronteira. Por causa de seu ferimento, ele não foi levado para delegacia junto aos outros imigrantes e ficou sozinho recebendo atendimento médico. O médico era um mexicano legalizado nos Estados Unidos e, vendo que a polícia já havia ido embora, ofereceu ajuda para que Saulo pudesse continuar seguindo viagem:

Saulo: Na ambulância, além do motorista, tinha o médico, que era o paramédico deles, o rapaz, novo, que eram chamados de *espano*, eles são naturalizados, são mexicanos, espanhóis, naturalizados americanos, eles chamam de *espanos*, né, eram pessoas de famílias espanholas, mexicanas e tal. [...] E naquele momento ali, só decepção, só tristeza no coração, aquela angústia, né, quando... o médico, o paramédico olhou pra mim e falou: “*chico, mira*”, lembro assim as palavras dele: “*chico, que quieres hacer ahora?*” [...] Aí ele “*mira*”, e ele apontou pra fora, lá pra fora, “*mira, la inmigración se fué, la inmigración se fué e se olvidó de ustedes*”. Esqueceu de você. *Olvidar* em espanhol é esquecer, né?! Aí eu não acreditei cara, eu olhei e cadê a imigração americana? Tinha ido embora. E ele perguntou o que eu queria fazer.

Mesmo com a mão ainda muito machucada, Saulo não poderia seguir para um hospital e correr risco de ser encontrado pela imigração, então ele pediu para ser deixado em um hotel. Como a ambulância não poderia ir até o hotel, o médico levou Saulo até a casa de seu sogro, que, com um carro comum, deixou-o em segurança no hotel:

Saulo: Cara, eu agradei aquele médico, eu abracei ele, agradei ele, falei “*gracias, muchas gracias* e tal”. E entrei, né, na caminhonete do sogro dele. Aí eu já fiquei mais tranquilo. Andamos, fomos uns 10 minutos e o sogro dele foi falando, né, que, muitas pessoas passam por isso, e tal, brasileiro também, e que é muito perigoso... e falou que eu tinha dado muita sorte, perguntou como que aconteceu, né, aí eu falei que tinha cortado a mão, que por causa disso a ambulância veio e eu ia contando pra ele, e ele tipo, não acreditando, né, tipo, mesmo a minha ficha... minha ficha não tinha caído ainda, entendeu?!

Saulo foi deixado em um motel, cujo nome ele guardou na memória: “motel 8, o 8 ficou na minha memória muitos anos, aquele 8, motel 8.” Estando em segurança no quarto, ele entrou em contato com o coitado de Governador Valadares para contar o que havia acontecido e saber o que deveria fazer. O coitado, que “inclusive era da Assembleia de Deus²⁹¹”, afirmou que havia sido “um milagre de Deus” Saulo não ter sido preso, já que todos os 11 emigrantes haviam sido e provavelmente seriam deportados – o que de fato aconteceu, como Saulo soube posteriormente. Ficou acertado que uma van iria buscar Saulo num lugar combinado próximo ao Motel 8 e de lá ele continuaria sua viagem até o destino final. Foi apenas nesse momento que ele conseguiu compreender tudo que havia acontecido: a frustração por ter sido pego pelos policiais e a providência divina de mesmo assim conseguir seguir com sua viagem.

Saulo: Aí foi quando eu relaxei, cara, eu relaxei, já era madrugada... peguei minhas roupas, pendurei no secador, estendi as roupas e tal. Tomei um banho quente, né, cara, quando eu deitei na cama eu falei “meu Deus! *Foi providência de Deus, providência de Deus.*” Naquela hora que eu duvidei, que eu questionei a Deus, lá no rio, porque

²⁹¹ A Assembleia de Deus é uma igreja cristã protestante.

que só eu tinha cortado a mão, agora caiu a ficha, Deus já tinha um propósito, né?! Quando eu falo isso, tem pessoas que mesmo evangélicas acham que é... que é heresia entendeu? Como é que Deus vai abençoar você numa operação dessa aí, sabe, como que Deus vai botar a mão em você se você tá invadindo uma fronteira, infringindo uma lei, na verdade. Mas na sinceridade do meu coração, na busca por Deus ali, num momento de aflição, que todos não fizeram, só eu, que tava ali buscando a Deus, os outros ali jogando purinha, que eu te falei... eu tava diretamente ligado a Deus, então, penso eu... e tenho certeza disso que foi *providência de Deus*. [...] Quando eu já estava no meu destino, frequentando a igreja, que tinha muitos imigrantes que passaram pelo que eu passei, não com a minha história, a minha história assim, eu dei testemunho lá na igreja, sobre o que aconteceu comigo, você tá entendendo? Muitos passaram pela fronteira, mas nenhum teve assim uma história, da imigração pegar e de ser... de eu ter tido esse livramento que foi exatamente por causa do corte, até hoje, eu tenho essa, essa, essa cicatriz, *a mão de Deus na minha vida*. Eu dei testemunho sobre isso lá na igreja e o pastor falava, que era a... a... a fronteira, a... essa barreira, foi criada, pelo domínio dos homens ali, delimitaram um espaço, aqui é América, aqui é México. Mas quando Deus fez o mundo, não tinha isso, não existia, aqui é Estados Unidos, aqui é México. Eles é que puseram essa separação que até em Laredo, Texas é Estados Unidos, do outro lado do rio é Nuevo Laredo, México. Mas é assim mesmo, igual estou te falando, era um rio mesmo, 50 metros. [...] agora é que construíram o muro... mas nem sei se construíram nessa parte do rio, porque tem outras partes lá que eram pelo deserto, que era pelo Texas mesmo. E... eu tive esse entendimento depois, mas ali, quando eu deitei na cama, e, ao mesmo tempo, veio na minha mente, eu falei assim “obrigado senhor”, eu ajoelhei na hora e agradei a Deus. Caiu a ficha naquela hora, porque eu já tava, [respirada profunda], foi o momento que eu relaxei, até então, a adrenalina a mil por hora, mil por hora. Eu tirei o curativo que o médico fez, até parou de sangrar depois. Começou a ficar branca, a pele, porque vai morrendo e vai... tipo necrosando, né, tem que dar ponto rápido, porque a carne vai saindo e ficou aquela parte branca assim, e eu, eu... eu olhava praquilo e glorificava a Deus, por isso aqui que eu consegui passar, se não fosse esse corte eu não teria conseguido chegar. Mas ainda tava no trêmite, não sabia ainda o que tinha por vir. Mas ali tava tranquilo, tava no hotel... tava... né, e aí vou vendo os livramentos...

Para Saulo, sua experiência durante a travessia foi diferente das vivências dos demais imigrantes, e o ineditismo em sua narrativa se vale pela presença da “mão de Deus em sua vida”, providenciando que ele concluísse sua viagem em segurança. Diante disso, ele chegou a testemunhar na igreja em que frequentava nos Estados Unidos sobre a presença divina em sua experiência migratória. Isso explica o porquê de sua narrativa ter se dado de forma serena e organizada ao longo da entrevista, sem grandes pausas para rememorar detalhes, sem se enganar com a ordem dos acontecimentos e sem hesitação. Saulo rememorou como alguém que já havia narrado sua história outras vezes, ainda que aquela fosse a primeira vez em que ele relatasse tais acontecimentos diante de seus familiares²⁹². Além disso, foi durante essa troca de experiências dentro da igreja que Saulo pode problematizar a ideia de fronteira como uma construção social estabelecida pelos Estados²⁹³ e não como algo natural e já “dado”.

²⁹² A entrevista foi realizada durante a estadia de Saulo na casa do filho mais velho aqui em Belo Horizonte. Desde seu retorno dos Estados Unidos, Saulo reside em Vitória-ES com sua esposa e os filhos do segundo casamento.

²⁹³ MOREIRA, J. da S. Violência contra migrantes no México. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2021.

3.4 HISTÓRIA ORAL EM TEMPOS PANDÊMICOS – ENTREVISTA À DISTÂNCIA

O primeiro semestre de 2020 foi marcado com a eclosão da pandemia da Covid-19, uma doença até então desconhecida e que viria a afetar toda uma geração. Como medida de controle sanitário, a Organização Mundial da Saúde recomendou o isolamento social, que gerou impactos sociais, econômicos, políticos, culturais e históricos em escala global, sem precedentes na história²⁹⁴. Diante da impossibilidade do encontro presencial, alternativas foram sendo criadas em diversos setores da sociedade. Por exemplo, muitas empresas e escolas migraram para o *home office* e ensino remoto, respectivamente. Esse contexto fez reacender o debate sobre a realização de entrevistas à distância, como uma solução para as pesquisas que se valiam da metodologia de história oral.

Em essência, a *história oral* é uma metodologia que privilegia o encontro, tendo em seu diferencial a possibilidade de análise a partir da oralidade que lhe é natural. Assim, é recomendado que, para além do que é dito, o pesquisador se interrogue sobre a forma como o entrevistado o diz, buscando perceber gestos, trejeitos, expressões faciais etc. A interação entre entrevistador/entrevistado e entre eles e o ambiente, também deve ser levado em consideração, já que a “entre/vista”, como sugere Portelli, é construída em conjunto, numa “troca de olhares”.²⁹⁵

Na ausência de possibilidade do encontro presencial, Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa²⁹⁶ mapearam o debate sobre o uso das tecnologias na intermediação de entrevistas a distância. Para além de pensar os “prós e contras” das entrevistas *online*, os autores nos convidam a desnaturalizar o encontro presencial, lembrando-nos que a entrevista em si é algo artificial, que não existiria sem a mediação do pesquisador, sendo a presença uma convenção circunstancial. Somos instigados “a pensar nos novos modos perceptivos e cognitivos ativados na produção de entrevistas online, discrição cumulativa que não anula nem obscurece o encontro físico.”²⁹⁷ A interação entrevistado/entrevistador se estabelece em um ambiente *ciberespacial*, que reconfigura virtualmente os corpos a partir dos recursos tecnológicos disponíveis no momento, e que possibilita, inclusive, aflorar e explicitar novas

²⁹⁴ Fiocruz, disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia>. Acesso em 07 jul. 2022.

²⁹⁵ PORTELLI, A. Ensaios de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

²⁹⁶ SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, v. 27, p. 1-18. 2020.

²⁹⁷ SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 5.

sensibilidades.²⁹⁸ Assim, diante da impossibilidade do encontro presencial, as entrevistas *online* surgem como uma saída que podem enriquecer e complementar pesquisas de história oral.

Nesse sentido, a entrevista realizada com Renant, em 2021, ocorreu mediada pelo *Jitsi Meet*. Essa plataforma permite a realização e gravação da imagem e áudio de videoconferências. A plataforma se manteve estável durante todo o encontro, que durou em torno de 1 hora e meia, sendo gravados em qualidade satisfatória o vídeo e o áudio dos 54 minutos que compuseram a entrevista em si. Entre as vantagens do encontro virtual, podemos elencar a facilidade do agendamento da entrevista, uma vez que Renant reside em Governador Valadares, enquanto a pesquisadora reside em Belo Horizonte. Além da distância física ter sido superada, houve a possibilidade da entrevista se dar fora do horário comercial. Nesse caso, a entrevista se deu em um sábado à tarde, diretamente da casa de ambos. É importante ressaltar também que o entrevistado faz parte do círculo social da pesquisadora. Ambos já haviam conversado presencialmente e já existia uma proximidade anterior à realização da pesquisa. Esse fator foi um facilitador durante a realização da entrevista *online*, visto que já existia uma dinâmica amistosa que não precisou ser construída na troca a distância.

Ao apontar sobre as experiências com entrevistas *online* anteriores, Santhiago e Magalhães afirmaram ser o “aspecto geracional”²⁹⁹ um fator importante para se sentir confortável ou não com a dinâmica a distância. Assim, quanto mais adaptado às novas tecnologias existentes, mais confortável o entrevistado se sentirá. Esse foi o caso de Renant, nascido no final dos anos 1980 e trabalhando remotamente durante a pandemia, ele já estava bastante habituado a reuniões virtuais, não apresentando nenhum tipo de dificuldade ou desconforto na utilização do *Jitsi*.

A partir dessa experiência, compartilhamos da compreensão dos autores de que a entrevista *online* surge como um facilitador diante das situações em que a pesquisa correria o risco de ser inviabilizada. Vivenciando um contexto de isolamento social diante da pandemia de Covid-19, a entrevista com Renant pôde ser realizada com segurança, sem qualquer risco de contágio da doença. Sem o intuito de substituir o encontro presencial, “o recurso virtual deve ser entendido como mais uma ferramenta a aproximar entrevistador e entrevistado, um recurso

²⁹⁸ No artigo, os autores citam as novas relações que surgem com a migração da produção de audiovisual do estúdio para os lares e escritórios pessoais, que resultou, por exemplo, na composição de cenários improvisados que performavam uma imagem (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020).

²⁹⁹ Refere-se a entrevistados/entrevistadores nascidos após os anos 2000 e ao advento da *internet*, onde as novas tecnologias já estavam assimiladas ao contexto do ensino superior (SANTHIAGO; MAGALHÃES, 2020).

de coligação útil, um caminho para o entendimento das complexas interações e dos pontos de vista sobre a história que não estariam disponíveis de outra forma.”³⁰⁰

Assim,

mudanças tecnológicas reorientam hábitos, costumes e práticas medulares para a comunicação humana; e novas modalidades de comunicação transfiguram gêneros do discurso, seus conteúdos e modos de dizê-lo. À história oral, felizmente incapacitada de se destacar do fluxo temporal, cabe apreciar criticamente tais mudanças, sem passar ao largo delas, propondo considerações sobre a mudança efetiva no pensamento, na memória e na cultura a partir da incorporação de novas tecnologias, e sobre o impacto destas sobre a forma de se contar histórias.³⁰¹

³⁰⁰ SANTIAGO; MAGALHÃES, 2020, p. 11.

³⁰¹ Ibidem, p. 5-6.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Meu primeiro contato com a travessia clandestina de brasileiros para os EUA aconteceu quando assisti a novela *América*, em 2005. Ainda era muito nova para compreender a dimensão da emigração indocumentada, mas as cenas da personagem principal, em inúmeras e inacreditáveis situações para realizar um sonho, como quando ela entra no painel de um carro ou em uma caixa de papelão, ficaram marcadas na minha memória. Mais de 10 anos depois, no ano de 2013, eu conheci o entrevistado Breno, que retornava de um longo período fora do Brasil. Eu estava no segundo ano do curso de História quando ouvi pela primeira vez a experiência da travessia clandestina, que me impulsionou a realizar essa pesquisa. A partir do relato de Breno, outras entrevistas foram realizadas e, somando as narrativas de história oral com o levantamento documental, ficou claro que não existia um imaginário homogêneo a respeito da travessia clandestina.

Portanto, o presente trabalho – que dá continuidade e amplitude a minha monografia de conclusão de curso de graduação – teve como objetivo refletir acerca desses imaginários sociais que compõem as múltiplas compressões sobre a travessia clandestina das fronteiras mexicanas, empreendidas por brasileiros rumo aos Estados Unidos entre 2001 e 2009. Buscamos identificar os processos através dos quais e pelos quais esses imaginários foram instituídos, além de também identificar e explorar as relações de proximidade e distanciamento nas diferentes representações encontradas nas fontes analisadas.

Ao longo do primeiro capítulo, traçamos uma moldura temporal do período entre os anos 2001 e 2009, refletindo sobre as políticas anti-imigratórias impostas ao longo do governo de George W. Bush em relação com a sociedade civil norte-americana. Ao mesmo tempo, esse panorama englobou o contexto brasileiro, o governo Lula, e as respostas sobre a questão migratória, com a criação de uma CPMI que investigou e propôs o endurecimento das penalidades para aqueles que se envolviam no envio indocumentado de pessoas para os Estados Unidos. Auxiliados pelo conceito de *cultura da migração*,³⁰² apontamos a formação e permanência dos fluxos migratórios entre a região do Vale do Rio Doce e os Estados Unidos. Além disso, percebemos a criação de uma infraestrutura social e econômica, denominada de

³⁰² SOUSA, 2016.

“indústria da migração ilegal”,³⁰³ que, aliada e permeada pela cultura da migração, caracteriza-se como um dos principais motores migratórios.

Esse panorama contextual exposto nos permitiu acessar alguns imaginários internacionais, nacionais e regionais sobre a migração de brasileiros para os Estados Unidos, de tal forma que podemos inferir que, em nível internacional – a partir das políticas de Bush e das ações de movimentos civis nos Estados Unidos, tais como o *Minuteman*, temos a construção do imigrante enquanto um vilão, um possível terrorista que estaria invadindo as fronteiras para ocupar espaços de trabalho e/ou cometer violências contra os nacionais. Em nível nacional, a partir da análise do relatório final da CPMI da Emigração, o emigrante é visto como uma vítima, tanto do contexto econômico em que se encontra o país, quanto daqueles que compõem a indústria da migração ilegal, que expõem criminalmente esses emigrantes a riscos e vulnerabilidades em troca de lucro. Já em nível regional, a cultura da migração associa o sucesso econômico e pessoal a partir do deslocamento populacional, portanto, aquele que emigra para os Estados Unidos é visto como alguém que alcançou o sucesso, a prosperidade.

Já no segundo capítulo, identificamos e analisamos alguns elementos chave que compõem os imaginários sociais das travessias clandestinas. Buscamos compreender como eles foram apropriados em diferentes discursos – midiáticos, legais e narrativos-testemunhais, percebendo as proximidades e distanciamentos entre eles. Um desses elementos é a “indústria da migração ilegal”, que é personificada na figura emblemática do coioite. Outros elementos que compõem os imaginários acerca da travessia clandestina dizem respeito às “experiências incomuns” vivenciadas na tentativa de atravessar as fronteiras, que foram identificadas e analisadas dentro dos conceitos de *riscos*³⁰⁴ e *vulnerabilidades*.³⁰⁵

Percebemos que as representações que envolvem o imaginário sobre esse mercado da migração clandestina são diversos. Nos jornais, revistas e nas fontes legais consultadas, essas representações são construídas possivelmente com a intenção de dissuadir as pessoas de emigrarem clandestinamente, dando destaque para as situações de riscos e vulnerabilidades vivenciadas no trajeto. Além disso, a “indústria da migração ilegal” é identificada e representada, em sua grande maioria, a partir de adjetivos pejorativos. Por outro lado, nos relatos de emigrantes retornados, foi possível encontrar representações mais complexas sobre aqueles que compunham o mercado migratório, percebendo a figura do coioite ora como

³⁰³ FAZITO; SOARES, 2014.

³⁰⁴ RUIZ MARRUJO, 2001.

³⁰⁵ SILVA QUIROZ; CRUZ PIÑEIRO, 2013.

potencial de risco e ora como única possibilidade de alcançar o sonho, transparecendo muitas vezes o ser humano por traz do coioote. Os riscos e vulnerabilidades são vistos, então, como obstáculos a serem superados para se chegar ao sucesso. Assim, por serem de naturezas diferentes – informacional, legal e narrativa, respectivamente – as representações analisadas direcionam suas narrativas para caminhos opostos.

Por fim, no terceiro capítulo, analisamos as narrativas de história oral, ressaltando os aspectos próprios da experiência vivida de cada entrevistado. Foi possível traçar pontos em comum das vivências fronteiriças, tais como o contato com os coiotes, a necessidade de aguardar ordens de terceiros, as longas caminhadas no deserto e os trajetos em meios de transporte precários, entre outras, que caracterizam a travessia clandestina. Por outro lado, dedicamo-nos a um olhar atento às especificidades que cada narrativa carrega, percebendo que, mesmo que duas pessoas partilhem do mesmo trajeto ao mesmo tempo, cada uma vai experienciar e rememorar de forma própria e singular. Assim, em cada narrativa, destacamos um aspecto, tal como a utilização do humor como recurso narrativo ou a utilização de valores religiosos na ressignificação das memórias e na composição de um imaginário ao mesmo tempo coletivo e singular sobre a travessia clandestina.

Esse trabalho nos mostrou que há ainda muitos aspectos a serem explorados acerca da travessia clandestina. Uma possibilidade é pensar as narrativas de memórias de outros sujeitos que vivenciaram a experiência da emigração clandestina de diferentes formas. Por exemplo, as mães, pais, filhos, esposas que permaneceram no Brasil e que, não estando presentes na fronteira, possuem apenas as representações midiáticas sobre o que o emigrante irá enfrentar. Outra possibilidade é analisar a travessia clandestina sobre o viés da questão de gênero, buscando perceber as particularidades enfrentadas por mulheres e homens durante esse processo.

Concluimos o trabalho com uma frase de Guimarães Rosa, que nos faz pensar sobre a trajetória daqueles que buscam seguir seus sonhos – tais como os emigrantes, “aqueles que elegem a escolha não podem recusar a travessia.”

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMS, L. *Oral History Theory*. Londres: Routledge, 2010.

ALBERTI, V. Além das versões: possibilidades da narrativa em história oral. In: _____. Ouvir contar: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 71-90.

ANDERSON, B. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989.

AYERBE, L. F. *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

ARAÚJO, Israel de. *Dicionário do movimento pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BACZKO, B. A Imaginação Social. In: LEACH et al. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985. p. 296-332.

BELIEIRO JUNIOR, J. C. M. Economia e política da transição democrática no Brasil: uma análise dos governos FHC, Lula e Dilma. *NORUS*, v. 4, n. 5, p. 198-213, 2016.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1996.

CASTORIADIS, C. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COSTA, A. O Fracasso da Globalização: da construção dos Brasis às ruas de Praga. Aparecida (SP): Ideias & Letras, 2004.

CRUZ, H. de F.; PEIXOTO, M. do R. da C. Na oficina do historiador: conversas sobre história e imprensa. *Projeto História*, São Paulo, v. 35, ago./dez. 2007.

DIAZ, J. A. T. Minuteman Project: segregación y activismo antimigratorio. *Andamios*, Cidade de México, v. 3, n. 6, p. 137-172, 2007.

FAZITO, D.; SOARES, W. The Industry of Illegal Migration: social network analysis of the Brazil-US migration system. *International Migration*, v. 53, n. 6, p. 183-204, 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio Século XXI Escolar: O minidicionário da língua portuguesa*. 4 ed. rev., e ampl. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.

FINGUERUT, A. Correntes de pensamento na formulação política externa estadunidense após o fim da Guerra Fria: a equipe de governo de Barack H. Obama em perspectiva comparada. In: AYERBE, L. F. (org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 13-33.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALL, S. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2008.

HAMBY, A. *Um Esboço da História Americana*. [s. l.], [s. n.], 2012.

HERMETO, M.; AMATO, G. Performance narrativa em entrevistas públicas de história oral: “E 68 hein? Memórias públicas de um ano inesquecível”. In: MOREIRA, J.; KIND, L. (orgs.) *Pesquisas com narrativas nas ciências humanas: Psicanálise, Psicologia Social, Sociologia e História*. Porto Alegre: ediPUCRS, 2022. p. 271-295.

HERNÁNDEZ-LEON, R. La industria de la migración en el sistema migratorio México-Estados Unidos. *Trace*, v. 61, p. 41-61, jun. 2012.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico Brasileiro 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

JORGE, B. W. G. de A. A presença militar do Estados Unidos na América Latina: 1993-2009. In: AYERBE, L. F. (org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 69-92.

JUNQUEIRA, M. A. Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo Norte Americano. *Margem*, São Paulo, v. 17, p. 163-171, jun. 2003.

LANTELME, L.; FRAGA, K. A. Discurso da novela *América* sobre a imigração de brasileiros para os EUA. *Revista Científica da Faminas*, Belo Horizonte, v.4, n.1, jan./abr. 2008.

LARROSA BONDÍA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, v.19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

LUCA, T. R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (org.) *Fontes históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MACHADO, I. J. R. Considerações sobre a construção de identidades brasileiras em Portugal e suas relações com categorias étnicas. In: *XXIX Encontro Anual da ANPOCS*, 2005.

MACHADO, Arlindo. Fim da televisão? *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 18, n. 1, jan/abr. 2011.

MAGALHÃES, V. B. Imigração brasileira para o sul da Flórida. *Proj. História*. São Paulo, v. 27, p. 283-294, dez. 2003.

MARGOLIS, M. L. *Goodbye Brazil: emigrantes brasileiros no mundo*. São Paulo: Contexto, 2013.

MEIHY, J. C. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.

MOREIRA, J. da S. *Violência contra migrantes no México*. 2.ed. Goiânia: Editora UFG, 2021.

NGAI, M. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos, 1921-1965. *Tempo*, v. 13, n. 25, p. 5-36, 2008.

NORRICK, N. R. Humour in Oral History Interviews. *Oral History*, v. 34, n. 2, p. 85-94, out. 2006.

OSMAN, S. A. Imigração e o Tema Movedor. *Oralidades*, São Paulo, v. 1, p. 33-40, mai. 2007.

PEREIRA, M. H. F. A História do Tempo Presente: do futurismo ao presentismo? *Humanidades*, Brasília, v. 58, p. 56-65, jun. 2011.

POLLAK, M. Memória e Identidade Social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLI, A. Ensaio de História Oral. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

PORTELLI, A. *História Oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. *Projeto História*, São Paulo, v. 14, p. 25-39, fev. 1997.

REIS, R. R. Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 55, p. 149-163, 2004.

REVEL, J. Jogos de Escala: a experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

RUIZ MARRUJO, O. Los riesgos de cruzar. La migración centroamericana en la frontera México-Guatemala. *Frontera norte*, Tijuana (MX), v. 13, n. 25, p. 7-41, jan./jun. 2001.

SANTHIAGO, R.; MAGALHÃES, V. B. de. Rompendo o isolamento: reflexões sobre história oral e entrevistas à distância. *Anos 90*, v. 27, p. 1-18. 2020.

SHIMABUKURO, A. Concepções estratégicas dos Estados Unidos sobre a segurança internacional dos governos de Bill Clinton, George W. Bush e Barack Obama. In: AYERBE, L. F. (org.) *De Clinton a Obama: políticas dos Estados Unidos para a América Latina*. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 35-50.

SILVA QUIROZ, Y.; CRUZ PIÑEIRO, R. Niñez migrante retornada de Estados Unidos por Tihuana. Los riesgos de su movilidad, *Región y sociedad*, Hermosillo (MX), v. 25, n. 58, p. 29-56, set./dez. 2013.

SPENER, D. Mitos y realidades de un arquetipo fronterizo: narrativas sobre el coyote mexicano. Ponencia presentada en el XXXIII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología, Ciudad de Guatemala. 2001.

SOARES, W. *Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga*. 2002. Tese (Doutorado em Demografia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002.

SOUSA, L. G. *Redes Sociais, Mercado e Cultura Migratória: um estudo sobre fatores associados à mobilidade populacional na microrregião de Governador Valadares no século XXI*. 2016. Tese (Doutorado em Demografia) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

THOMSON, A. Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v.22, n.44, p. 345, 2002.

THOMSON, A. Reconstituo a Memória: questões sobre a relação entre a história oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p. 51-84, jul./dez. 1997.

WILLIAMS, R. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

YAMAUIE, T. L. Fronteiras da ilegalidade: migrações não documentadas de Governador Valadares. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011.

DOCUMENTAIS

BARRUCHO, Luis. 15 anos sem Jean Charles de Menezes: ‘Minha dor ainda não acabou’, diz mãe. BBC News Brasil em Londres. 22 jul. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53494916>. Acesso em: 05 out. 2020.

BARSETTI, Sílvio. Jogo da purrinha tem primeiro campeonato interbares no Rio. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 28 nov. 2011.

BOCOCCINA, Denize. Bush elogia ações contra imigrantes brasileiros ilegais. *A Folha de São Paulo*, São Paulo. 29 nov. 2005.

CELESTINO, Helena. Ir para os Estados Unidos é quase um rito de passagem. *O Globo*, Rio de Janeiro, 26 abr. 2005.

CEOLIN, Adriano. CPI mapeia 12 rotas de acesso aos EUA. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A30, 04 jun. 2006.

CONSULADO-GERAL DO BRASIL NO MÉXICO. Turista brasileiro, antes de decidir visitar o México, é muito importante saber. 2 jan. 2020. Facebook: @ConsbrasMexico. Disponível em:

<https://www.facebook.com/ConsbrasMexico/photos/a.1910330409292977/2549818612010817/?type=3>. Acesso em 05 out. 2020.

DA REDAÇÃO. Acordo que isenta turista brasileiro de visto para o México volta a vigorar em maio. *O Globo*, Rio, 25 abr. 2013. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/boa-viagem/acordo-que-isenta-turista-brasileiro-de-visto-para-mexico-voltavigorar-em-maio->

[8213136](#). Acesso em: 05 out. 2020.

DA REDAÇÃO. Ativista anti-imigração é condenada à morte por assassinato de mexicanos nos EUA. *GI*, 23 fev. 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/02/ativista-anti-imigracao-e-condenada-a-morte-por-assassinato-de-mexicanos-nos-eua.html>. Acesso em 05 out. 2020.

DA REDAÇÃO. Direitos Humanos avalia vida de brasileiros no exterior. Notícias Agência Câmara dos Deputados, 31 mar. 2005

DA REDAÇÃO. Direitos humanos pedirá investigação sobre migração ilegal. Notícias Agência Câmara dos Deputados. 01 abr. 2005.

DA REDAÇÃO. Frente Parlamentar dará continuidade a atividades da CPI da Emigração Ilegal. Notícias Portal do Senado. 28 jun. 2006.

DA REDAÇÃO. México vem negando entrada de mais turistas brasileiros e há relatos de maus-tratos a viajantes, diz consulado. *GI*, 04 jan. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2020/01/04/mexico-vem-negando-entrada-de-mais-turistas-brasileiros-e-ha-relatos-de-maus-tratos-a-viajantes-diz-consulado.ghtml>. Acesso em: 05 out. 2020.

DA REDAÇÃO. México veta isenção de visto; Brasil reage. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A31. 10 set. 2005.

DA REDAÇÃO. Migração ilegal é causada pelo desemprego, diz Marcelo Crivella. Notícias Portal do Senado. 23 mai. 2005.

DA REDAÇÃO. Migração ilegal para EUA é recorde. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, p. 1, 4 jul. 2004.

DA REDAÇÃO. Não há uma só causa, dizem analistas. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, A14. 06 mai. 2005.

DA REDAÇÃO. Quem insiste em ir para os EUA usa rotas perigosas pela América Central. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. C6, 25 jul. 2007.

DA REPORTAGEM LOCAL. Globo nega que ‘América’ estimule migração. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A14, 06 mai. 2005.

DANTAS, IURI. México estuda exigir visto de brasileiro. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A14, 06 mai. 2005.

DÁVILA, Sérgio. Obama anuncia “czar da fronteira” com o México. *A Folha*, São Paulo, p. A14, 16 abr. 2009.

DIAS, Cristiano. Supremacistas dos EUA torturam e matam imigrantes no deserto. *Estado de São Paulo*, São Paulo, 21 nov. 2010.

DO ENVIADO ESPECIAL. México admite que prisão tem super lotação. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, p. A13, 06 mai. 2005.

GASPAR, Malu. A aventura e o sofrimento dos brasileiros que tentam ingressar clandestinamente em território Americano. *Revista Veja*, São Paulo, p. 35-40. 4 fev. 2004.

GODOY, M. Relator de CPI não quer final feliz em 'América'. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. C4, 23 set. 2005.

HARAZIN, Dorrit. Depois da travessia, a aflição de viver inseguro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 mai. 2005a.

HARRIS, Elise. Pope: Fear of the Lord an alarm reminding us of what's right. 11 jun. 2014. Disponível em: <https://www.catholicnewsagency.com/news/29835/pope-fear-of-the-lord-an-alarm-reminding-us-of-whats-right>. Acesso em: 05 jun. 2022.

ITAMARATY. Isenção de Vistos de Turismo entre Brasil e México. 18 mar. 2013. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/notas-a-imprensa/3364-isencao-de-vistos-de-turismo-entre-brasil-e-mexico-18-de-marco-de-2013>. Acesso em: 5 out. 2020.

KATTAH, Eduardo. Visto para o México causa corrida em Minas. *Estado de São Paulo*, São Paulo, C4. 23 set. 2005.

LACERDA, Marco Antônio. O muro da fronteira. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. A16, 11 mai. 2003.

LIPTON, Eric. EUA convocam empresas para vigiar fronteira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 mai. 2006.

LOPES, Alfredo. Deputado lamenta aumento de delinquência juvenil. Notícias Agência Câmara dos Deputados, 24 fev. 2006

MACEDO, Idlene. Frente Parlamentar pretende apoiar brasileiros no exterior. Notícias Agência Câmara dos Deputados. 28 jun. 2006.

MAISONNAVE, Fabiano. Brasileiro se rende para entrar nos E.U.A. *A folha de São Paulo*, São Paulo, p. A16, 30 mai.2005.

MAIOSONNAVE, Fabiano; GUIMARÃES, Thiago. Rota do tráfico na Guatemala é o novo caminho para atingir os EUA. *A Folha*, São Paulo, p. A14. 30 nov. 2005.

MARIZ, Luciana. Conselheiro do MRE questiona reportagem sobre migração. Notícias Agência Câmara dos Deputados, 31 mar. 2005.

MARIZ, Luciana. CPMI da Migração Ilegal poderá ser instalada em dez dias. Notícias Agência Câmara dos Deputados, 31 mar. 2005.

MARIZ, Luciana. Deputado prevê que CPI da Migração será criada em dez dias. Notícias Agência Câmara dos Deputados, 31 mar. 2005.

MICHAEL, Andrea. Brasileiros detidos nos EUA devem voltar em até 15 dias. *A folha de São Paulo*, São Paulo, p. A11, 23 fev. 2007.

MOTTA, Felipe. ‘Ele queria melhorar de vida’ Diz prima de morto no México. *A Folha de São Paulo*, São Paulo, A13, 30 ago. 2010.

OLIVEIRA, Eliane. México volta a exigir visto de brasileiro. *O Globo*, Rio de Janeiro, 10 set. 2005.

PASSOS, José Meirelles. México vai voltar a exigir visto de brasileiros. *O Globo*, p. 14. 5 mai. 2005.

PASSOS, José Meireles. A vida do outro lado da fronteira. *O Globo*, Rio de Janeiro, 1 mai. 2005b.

PIOVESAN, Eduardo; JUNIOR, Janary. Congresso cria CPMI sobre migração ilegal de brasileiros. Notícias Agência Câmara dos Deputados. 05 mai. 2005.

PORTELA, Marcelo. Leis inadequadas e silêncio das vítimas bloqueiam caça a aliciadores ilegais. *Estado de São Paulo*, São Paulo, A16, 5 set. 2010.

PORTELA, Marcelo. Massacre no México põe fim a sonho de vida melhor de dois brasileiros. *Estado de São Paulo*, São Paulo, A10, 30 ago. 2010.

PORTELA, Marcelo. Sem emprego, vítimas seguiam passos de irmãos que viviam fora. *Estado de São Paulo*, São Paulo, A12, 31 ago. 2010.

RELATÓRIO Final da Comissão Parlamentar Mista de Inquérito da Emigração – Presidente Senador Marcelo Crivella, Relator: Deputado João Magno. Brasília, 2006.

SOTERO, Paulo. ‘Invasão dos EUA’ mobiliza vigilantes. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. A18, 17 abr. 2005.

SOUSA, Murilo. Legalidade não é suficiente para assegurar direitos ao emigrante, diz deputado. Notícias Agência Câmara dos Deputados. 16 set. 2010.

TREVISAN, Cláudia. ‘La Línea’, A fronteira que divide 2 mundos. *Estado de São Paulo*, São Paulo, p. A15, 24 nov. 2013.

VALADÃO, Márcio. Temer ao Senhor não é ter medo de Deus. Lagoinha. 2019. Disponível em: <https://lagoinha.com/lagoinha-news/22844/temer-ao-senhor-nao-e-ter-medo-de-deus> Acesso em: 23 nov. 2021.

WATKINS, Nathalia. O êxodo das crianças. *Revista Veja*, São Paulo, p. 72-72. 18 jun. 2014.

ANEXO A – PROJETO DE LEI DO SENADO Nº 15, DE 2006

Altera o Código Penal para criminalizar o tráfico internacional de pessoas para fins de emigração, e a Lei nº 9.613, de 3 de março de 1998, para inserir a mencionada conduta entre os crimes antecedentes da lavagem de dinheiro.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º O art. 206 do Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940 – Código Penal, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Tráfico internacional de pessoas para fins de emigração

Art. 206. Promover, intermediar, facilitar ou financiar a entrada irregular de pessoa em território estrangeiro, com o fim de obter lucro:

Pena – reclusão, de dois a seis anos, e multa.

§ 1º A pena é aumentada de metade, se o crime é praticado:

I – mediante fraude;

II – por quadrilha ou bando;

III – por funcionário público no exercício de suas funções ou a pretexto de exercê-las.

§ 2º A pena é aumentada de um a dois terços, se o crime expõe a perigo a vida ou a saúde de outrem.

§ 3º Se do fato resulta lesão corporal de natureza grave, aplicase a pena de reclusão, de três a oito anos; se resulta a morte, aplica-se a pena de reclusão, de quatro a doze anos.

§ 4º Para os efeitos penais, a expressão “entrada irregular” compreende o ingresso em território estrangeiro sem observância das formalidades legais exigidas pelo país de destino. (NR)”

Art. 2º O art. 1º da Lei nº 9.613, de 3 de março de 1998, passa a vigorar acrescido do seguinte inciso:

“Art. 1º

.....

IX – tráfico internacional de pessoas para fins de emigração.

..... (NR)”

Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.